

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**MÔNICA KRIEGER GOULART**

**MORADORES E VERANISTAS:  
AS DIFERENTES RELAÇÕES E PERCEPÇÕES COM O  
AMBIENTE NA PRAIA DE ARMAÇÃO DO ITAPOCORÓI,  
PENHA, SC**

**CURITIBA**

**2006**

**MÔNICA KRIEGER GOULART**

**MORADORES E VERANISTAS:  
AS DIFERENTES RELAÇÕES E PERCEPÇÕES COM O  
AMBIENTE NA PRAIA DE ARMAÇÃO DO ITAPOCORÓI,  
PENHA, SC**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Geografia no Departamento de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Salete Kozel Teixeira.

**CURITIBA**

**2006**

## AGRADECIMENTOS

A pesquisa em Penha, além de dar a oportunidade de grandioso aprendizado sobre os detalhes da vida de Armação do Itapocorói de ontem e de hoje, ofereceu ótimos momentos passados junto aos seus moradores e veranistas. Eles aceitaram colaborar com esta pesquisa e abriram suas casas, varandas e quintais para que eu pudesse entrevistá-los e conhecer o sentimento deles em relação à querida Armação do Itapocorói.

Nas duas temporadas de entrevistas, verões de 2004/2005 e 2005/2006, destaco e agradeço em especial três entrevistados: Renato, por todo apoio cultural e incentivo a novos projetos e Seu Cláudio e Dona Lucinha, pelo carinho e alegria passados ao falarem em Armação. Agradeço também a família Carta, pelos incontáveis almoços e jantas da primeira temporada.

Entrar no mestrado, as aulas, a pesquisa em vôo solo, a entrega do trabalho, a defesa. Em cada etapa encontrei pessoas queridas que me apoiaram – ou pelo menos me ouviram... Agradeço muito muito muito àquelas que estiveram presentes em todas as etapas, começando com a grande campeã de agradecimentos:

Minha mãe, por contagiar-me com este amor por Penha, além do envio de recortes de reportagens, livros, passagens (que bom seria se este trecho rodoviário contasse milhagens!!!) e tudo o mais que foi essencial para mim.

Ike, pelos incontáveis empréstimos do carro em 2005 e por apoiar tão bem a ida para Penha para terminar a última etapa da pesquisa.

Serginho e Ale, por estarem sempre aí.

Ana, pelas caronas, saídas, risadas e amizade antes, durante e depois de tudo.

Nilson, pelos conselhos e leituras até o momento final.

Fá e Biba, por darem aquele apoio que só as amigas podem dar (você entra neste quesito também Ana).

Zem, pelo carinho e ajudas mil.

E com um carinho redobrado, agradeço à Prof<sup>a</sup>. Salete, pela alegria e pelos conhecimentos passados nas diversas orientações, que me ajudaram a lançar um novo olhar sobre Penha.

E se eu dedico o trabalho a alguém?

Sim, a todos aqueles que acreditam que “o tempo passa mas não destrói, a linda Armação do Itapocorói”.

Acreditamos que não é primordialmente o lugar que se transforma,  
mas nós mesmos,  
e com nossas lembranças que não são as do lugar em si,  
mas de nós mesmos, mais jovens, no lugar em questão

(Remy Knafou)



## RESUMO

A Praia de Armação do Itapocorói localiza-se em Penha, litoral Norte catarinense. O começo de sua história registra a presença de índios carijó, portugueses-açorianos e escravos negros. Os europeus introduziram a técnica de captura de baleias e de aproveitamento de seus produtos no final do século XVIII e a localidade se desenvolveu, chegando a ser uma das mais importantes armações baleeiras do Sul do Brasil. Como as baleias foram rareando, os habitantes tiveram que buscar outras fontes de geração de renda, como a pesca e a agricultura de subsistência. Sendo uma das praias do litoral catarinense com maior beleza cênica, a Praia de Armação do Itapocorói apresentava seus primeiros turistas de segunda residência no início do século XX. Este segmento de turismo segue ainda hoje como uma das mais importantes fontes de renda para o município, haja vista a grande quantidade de turistas presentes na praia durante os meses de verão. O presente trabalho busca retratar a percepção ambiental da Praia de Armação do Itapocorói, considerando dois grupos: moradores e veranistas. Para atingir tal objetivo foi utilizado o aporte da Geografia Humanista, baseando-se nos conceitos de lugar, não-lugar e espaço turístico, sobretudo por buscar-se interpretar como diferentes grupos culturalmente heterogêneos percebem, interpretam e se relacionam com o ambiente. A pesquisa empírica consistiu em um levantamento de elementos que permitiram a caracterização dos aspectos físicos da área que ocorreu por meio do uso de mapas e fotografias. Também em campo foram realizadas entrevistas com moradores e veranistas, visando investigar a percepção ambiental desses grupos tendo em vista as diferentes formas de relação com o meio e os distintos interesses no processo de ocupação deste espaço, perpassadas por questões culturais e sociais, refletidas no ambiente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Praia de Armação do Itapocorói, Moradores, Veranistas, Percepção Ambiental, Lugar e Não-Lugar.

## **ABSTRACT**

The Armação do Itapocorói beach situated in Penha, the coast North of Santa Catarina. The start of its history registers the presence of carijó indians, Portuguese-açorians and black slaves. The Europeans had introduced the technique of capture of whales and exploitation of its products in the end of century XVIII and the locality if he developed, arriving to be one of more important scaffoldings whaleboats of South's Brazil. As the whales had been dieing, the inhabitants had that to search other sources of income generation, as fish and the subsistence agriculture. Being one of beaches of the catarinense coast with bigger scenic beauty, the Armação do Itapocorói Beach presented its first tourists of second residence in the beginning of century XX. This segment of tourism still follows today as one of the most important sources of income for the city, has seen the great amount of tourist gifts in the beach during the summer months. The present work searches to portray the ambient perception of the Armação do Itapocorói Beach, considering two groups: inhabitants and tourists. To reach such objective he was used arrives in port it of Humanistic Geography, being based on the concepts of place, placenesless and tourist space, over all for searching to interpret as different culturally heterogeneous groups perceives, interprets and if they relate with the environment. The empirical research consisted of a survey of elements that had allowed the characterization of the physical aspects of the area that occurred by means of the use of maps and photographs. Also in field interviews with inhabitants and tourists had been carried through, aiming at to investigate the ambient perception of these groups in view of the different forms of relation with the way and the distinct interests in the occupation process of this space, perpassadas for cultural and social questions, reflected in the environment.

**KEY-WORDS:** Armação do Itapocorói Beach, Inhabitants, tourists, Ambiental Perception, Place and Placenesless.

## **RELAÇÃO DE FIGURAS**

FIGURA 1 – SÍNTESE DO ESTUDO DA PERCEPÇÃO DO AMBIENTE NA PRAIA DE ARMAÇÃO DO ITAPOCORÓI, PENHA, SC

FIGURA 2 – LOCALIZAÇÃO DA PRAIA DE ARMAÇÃO DO ITAPOCORÓI

FIGURA 3 – EMBARCAÇÕES DE PESCA ARTESANAL ANCORADAS NA PRAIA DE ARMAÇÃO DO ITAPOCORÓI

FIGURA 4 – ITAPOCOROYA / ARMAÇÃO DE ITAPOCORÓI, 1829

FIGURA 5 – CROQUI DE LOCALIZAÇÃO DO PARQUE BETO CARRERO WORLD.

FIGURA 6 – CASTELO DAS NAÇÕES

FIGURA 7 – LINHAS DE CULTIVO NA LINHA DO MAR EM PENHA

FIGURA 8 – LINHAS DE CULTIVO DE MARISCO EM PENHA

FIGURA 9 – RESÍDUOS SÓLIDOS DA MARICULTURA EM UMA ESTRADA DE PENHA

FIGURA 10 – CAPELA DE SÃO JOÃO BATISTA ANTES DO INCÊNDIO

FIGURA 11 – GRUPO DE BOI DE MAMÃO MIRIM DO MANOEL – REPENTISTAS E A BERNÚNÇA

FIGURA 12 – O IMPERADOR DO DIVINO E SUA ESPOSA CAMINHAM ENTRE OS EMPREGADOS DE VARA EM DIREÇÃO À IGREJA NO DOMINGO DA COROAÇÃO. SEGURANDO A COROA SEGUE UM DOS SEUS EMPREGADOS.

FIGURA 13 – PROCISSÃO DE SÃO JOÃO E SÃO PEDRO

FIGURA 14 – MASTRO DE SÃO SEBASTIÃO – MOMENTO NO QUAL O MASTRO, DEPOIS DE ENFEITADO, É ERGUIDO PELA COMUNIDADE

FIGURA 15 – OS ESPAÇOS E A PERCEPÇÃO DO MEIO AMBIENTE

FIGURA 16 – O LUGAR, OS ESPAÇOS E A PERCEPÇÃO DO LOCAL – PONTO DE VISTA DO MORADOR

FIGURA 17 – O LUGAR, OS ESPAÇOS E A PERCEPÇÃO DO LOCAL – PONTO DE VISTA DO VISITANTE, TURISTA E VERANISTA

FIGURA 18 – ROTEIRO DA ROTA DO SOL

FIGURA 19 – CALENDÁRIO DA 15ª EDIÇÃO DA REGATA DA ARMAÇÃO

FIGURA 20 – SAÍDA DE ESGOTO NA AREIA NA PRAIA DE ARMAÇÃO DO ITAPOCORÓI

FIGURA 21 – PONTO IMPRÓPRIO PARA BANHO NA PRAIA DE ARMAÇÃO DO ITAPOCORÓI

FIGURA 22 – PRAIA DE ARMAÇÃO DO ITAPOCORÓI: O LUGAR, OS ESPAÇOS E A PERCEPÇÃO AMBIENTAL

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>1. MUNICÍPIO DE PENHA: CARACTERIZANDO A PRAIA DE ARMAÇÃO DO ITAPOCORÓI .....</b>	<b>19</b>
1.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS DO MUNICÍPIO DE PENHA .....	19
1.1.1. Aspectos Econômicos do município de Penha .....	20
1.1.2. Praia de Armação do Itapocorói: Um Recorte Geográfico .....	21
1.2. INCENTIVOS PARA A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO NOS DIAS ATUAIS .....	23
1.2.1. O Parque Beto Carrero World .....	23
1.2.2. A Maricultura .....	26
1.3. ASPECTOS CULTURAIS DE ARMAÇÃO DE ITAPOCORÓI: INFLUÊNCIA NEGRA E PORTUGUESA-AÇORIANA .....	32
1.3.1. Folgedos .....	34
1.3.2. Festas Populares .....	36
1.4. A ATRAÇÃO PELO LITORAL .....	41
<b>2. O OLHAR GEOGRÁFICO SOBRE O LUGAR .....</b>	<b>45</b>
2.1. O APORTE FENOMENOLÓGICO PARA A PESQUISA .....	46
2.2. A GEOGRAFIA HUMANISTA .....	49
2.2.1. A Aproximação Humanista na Geografia .....	49
2.2.2. Os Precursores da Geografia Humanista .....	51
2.3. A GEOGRAFIA DA PERCEPÇÃO .....	54
2.3.1. A Percepção Geográfica do Turismo .....	58
2.4. O LUGAR COMO REFERÊNCIA ESPACIAL .....	63
2.4.1. O Espaço Vivido .....	66
2.4.2. A Criação do Não-Lugar .....	67
2.4.3. O Espaço Turístico .....	70
2.4.4. O Lugar, o Não-lugar e o Espaço Turístico: as múltiplas relações do homem com a Praia de Armação do Itapocorói .....	73

<b>3. O TURISMO</b> .....	79
3.1. O TURISMO COMO ATIVIDADE DE LAZER .....	79
3.2. CONCEITUAÇÕES DE TURISMO .....	82
3.3. O TURISMO EM PENHA .....	85
3.3.1. O Lugar do Veraneio nas Segundas Residências .....	89
3.3.2. O Parque Beto Carrero World: Novos Rumos no Turismo Local	91
 <b>4. A PERCEPÇÃO AMBIENTAL NA PRAIA DE ARMAÇÃO DO ITAPOCORÓI</b> .....	94
4.1. ORGANIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO EMPÍRICO .....	96
4.2. ANÁLISE DO MATERIAL PESQUISADO .....	97
 <b>REFLEXÕES FINAIS</b> .....	144
 <b>REFERÊNCIAS</b> .....	149
 <b>REFERÊNCIAS CONSULTADAS</b> .....	158
 <b>ANEXOS - INSTRUMENTOS DE PESQUISA</b>	
Roteiro das entrevistas – Questões para o grupo dos veranistas .....	64
Roteiro das entrevistas – Questões para o grupo dos moradores .....	165

## INTRODUÇÃO

Este trabalho é um estudo sobre a percepção ambiental na praia de Armação do Itapocorói, Penha, litoral Norte de Santa Catarina. Neste estudo, pretende-se investigar as interações entre ambiente vs. moradores e ambiente vs. turistas que possuem segunda residência<sup>1</sup>, os veranistas, a partir das impressões e da percepção destes dois grupos, através da adoção de instrumentos metodológicos de representação espacial, considerando a influência dos sentimentos em relação ao lugar e na construção do mesmo. Entende-se por ambiente a dinâmica do espaço físico associada às interpretações da sociedade.

A escolha dos dois grupos se deu em função de se considerar que somente estes poderiam desenvolver o sentimento topofílico (TUAN, 1980), o qual não é registrado no grupo de turistas visitantes – turistas que se hospedam em hotéis, por exemplo, e que não desenvolvem vínculos territoriais psicológicos.

O município de Penha possui em torno de 20 mil habitantes que sobem para mais de 100 mil durante a temporada de férias de verão. A economia do município baseia-se principalmente na atividade turística, na agricultura e na pesca de subsistência, ainda que recentemente a maricultura venha se desenvolvendo com sucesso, abrindo novas oportunidades para o desenvolvimento da economia local.

A praia de Armação do Itapocorói é uma das dezenove praias de Penha e se caracteriza por ser o mais antigo balneário utilizado para a prática de turismo da região, além de ser o espaço que mantém as raízes da cultura portuguesa-açoriana no município. É nesta praia onde está instalado o parque multitemático Beto Carrero World.

A escolha do lugar Armação do Itapocorói como área de estudo deve-se a dois fatos; o primeiro é o interesse da autora pela área, seu local de veraneio há mais de 20 anos e com o qual desenvolveu o sentimento topofílico; o segundo é a importância histórica da praia de Armação do Itapocorói no

---

<sup>1</sup> Este conceito apóia-se nas idéias de Tulik (1998) e significa alojamentos particulares destinados à prática do turismo, utilizados temporária e regularmente por pessoas que possuem sua residência permanente em outro lugar.

processo de ocupação de toda a região do Vale do Itajaí, como se verá a seguir.

- Aspectos históricos

A área deste estudo foi primeiramente ocupada por índios carijó, que ocupavam toda a faixa litorânea do Estado, desde São Francisco do Sul, até o Norte do Rio Grande do Sul (LAVINA, 1999). Mostrando-se um excelente porto natural, devido à sua baía abrigada dos ventos Sul e Norte, a Enseada de Itapocorói logo no início do século XVIII já registrava a presença de europeus e brasileiros não-índios. Os carijó desapareceram absorvidos pela mestiçagem e morte, a população se desenvolveu e em 1759 foi erguida uma capela em homenagem a São João Batista, dando início à comunidade de Itapocorói (SILVA, 1971).

O grande desenvolvimento para a localidade veio com a instalação de uma armação baleeira na Enseada de Itapocorói, em 1778. Esta armação foi construída por portugueses-açorianos fugidos da Ilha de Santa Catarina (atual Florianópolis), que havia sido conquistada por espanhóis no ano anterior (MOSIMANN, 2003).

A armação se dedicava à caça da baleia e ao beneficiamento de seus produtos, contando com o trabalho de escravos negros. Ela chegou a ser a mais importante do Sul do país, até que a escassez de baleias fez com que ela fechasse e a comunidade entrasse em decadência, por volta de 1835. As terras que faziam parte do complexo da armação baleeira foram loteadas e vendidas e hoje em dia nada resta de registro arquitetônico dos prédios que a compunham.

Por volta de 1825 iniciou-se a construção de uma capela dedicada à Nossa Senhora da Penha, localizada a seis quilômetros ao Norte da praia de Armação do Itapocorói e alguns moradores da região lá se instalaram, dedicando-se à agricultura. Esta comunidade ao progredir foi elevada à categoria de Freguesia e em 1839, recebeu o nome de Freguesia de Nossa Senhora da Penha do Itapocorói (SILVA, 1971).

Até esta etapa de sua história, a praia de Armação do Itapocorói foi um importante núcleo para o desenvolvimento de toda a região, mas com a

decadência da armação baleeira, a comunidade passou a viver da pesca e da agricultura de subsistência.

A praia, porém, já despertava o interesse de turistas, devido à sua beleza e também pelo fato de ser uma das poucas com facilidade de acesso. As primeiras residências de veraneio instaladas na praia de Armação datam do início do século XX.

Mesmo sem a caça da baleia, os recursos pesqueiros continuaram como a principal fonte de recursos da comunidade e a agricultura era o complemento. O peixe mais pescado era o cação mangona, que ficava exposto na areia logo pelas manhãs. Como não existia energia elétrica para a conservação dos peixes, era pescado somente o necessário para o consumo ou venda imediata, mas quando o sal tornou-se mais abundante, por volta de 1920, começou a ser realizada a conservação do peixe no sal, num sistema similar ao realizado em Portugal e nos Açores com o bacalhau (SOUZA, 2003b).

Por volta de 1950 iniciou-se a pesca do camarão. Tal atividade desenvolveu-se rapidamente, empregando não somente pescadores, mas também suas famílias (mulheres, jovens e crianças), que trabalhavam pela tarde, na “salga” do camarão, momento no qual ele era descascado, fervido, salgado e ensacado.

A instalação, no centro do município, da Fábrica de Conservas Krause, pertencente a Eugênio Krause, em 1948, fez com que a produção de camarão se elevasse de 30 para 500 kg por dia, com a introdução da pesca motorizada. Esta indústria era responsável pela compra de todo o camarão da salga, atraindo muitos pescadores para esta atividade (SOUZA, 2003b).

A pesca do camarão, além de contribuir para o desenvolvimento da economia local, atraiu muitos turistas que inicialmente se hospedavam nas residências dos próprios pescadores e, também, na residência da dona “Faceira”, considerada o primeiro meio de hospedagem da praia de Armação do Itapocorói (SOUZA, 1995).

Por esta época existiam mais de cem famílias espalhadas por toda beira-mar em Armação e a comunidade era muito maior do que a atual. Os terrenos das casas eram grandes, indo desde a beira-mar até a Avenida Itapocorói. Com o tempo os pescadores foram loteando e vendendo suas terras o que proporcionou um aumento na renda das famílias dos pescadores, que



puderam adquirir bens diversos, aumentando sua qualidade de vida (SOUZA, 2005a).

Com tais loteamentos a praia de Armação começou a ganhar os traçados urbanísticos que mantêm até hoje, com uma grande faixa de casas pertencentes a segundas residências à beira-mar e aos moradores localizados mais no interior, afastados da praia.

Em 21 de junho de 1958, Penha desvinculou-se de Itajaí e foi elevada à categoria de Município, efetivamente instalado em 19 de julho do mesmo ano. Em 1963 o município de Piçarras desmembrou-se de Penha. Tal reorganização política fez com que o Centro recebesse diferentes edificações para compor o novo cenário do município, tais como prédio da prefeitura, secretarias, cartório, entre outros, todos localizados próximos à Igreja Matriz (SILVA, 1971; SOUZA, 1995).

Em 1978 inaugurou-se o acesso de Penha à recém implantada BR 101, fazendo com que se desenvolvesse o turismo no município, atraindo visitantes de cidades mais distantes que passaram a visitar as praias e a comprar terrenos e casas nas praias da região, mais notadamente em Armação e Armação do Itapocorói, por conta da tradição destas praias em relação à pesca artesanal e ao turismo de veraneio (CRISPIM, 2000).

O turismo seguiu então como um importante fator da economia local, até que em 1991 instalou-se no município o parque Beto Carrero World, dando início a um novo período da história local. Novos postos de empregos foram gerados e o município passou a ser mais divulgado, atraindo turistas de todas as regiões do país e diversificando o modelo de turismo local, antes caracterizado somente pelas segundas residências.

Mais recentemente, em 1994, outra atividade que passou a se destacar na economia local é o cultivo de mariscos, que anualmente atrai mais maricultores, fazendo de Penha a capital catarinense do marisco.

#### - Problema da pesquisa

Como moradores e veranistas, dois grupos humanos heterogêneos, percebem, interpretam e se relacionam com a praia de Armação do Itapocorói?

As principais questões que norteiam a pesquisa se referem:

- à configuração espacial produzida pela atividade turística de segunda residência na praia de Armação do Itapocorói,
- às tradições culturais locais e suas relações com a atividade turística,
- à instalação do parque Beto Carrero World e suas decorrentes relações com a praia,
- à contradição entre a imagem que os moradores e os turistas de segunda residência possuem da praia de Armação do Itapocorói, *construída* ao longo da história, e a imagem *produzida* pelo parque Beto Carrero World,
- ao desenvolvimento do cultivo de mariscos e suas implicações para o meio ambiente e para a atividade turística;
- bem como em que medida a população local e os veranistas, apreendem as implicações destes novos processos de organização do território e se inserem nesta nova realidade.

- Objetivos da pesquisa

O objetivo geral do presente estudo é conhecer a percepção ambiental dos moradores e dos veranistas da Praia de Armação do Itapocorói.

Os objetivos secundários deste estudo são:

- caracterizar geograficamente o lugar de estudo;
- estudar os novos agentes que influenciam na organização do espaço nos dias atuais;
- estudar os aspectos culturais da Praia de Armação do Itapocorói e de que forma eles auxiliam na fixação da cultura local, fortalecendo a identidade do lugar;
- verificar como se deu a atração pelo litoral e o histórico da transformação da praia de Armação do Itapocorói de armação baleeira a atrativo turístico do município de Penha;

- analisar a percepção ambiental e a percepção geográfica do turismo como bases teóricas para a compreensão do lugar e do não-lugar;
- estudar o espaço turístico e suas relações com o lugar e o não-lugar;
- estudar o desenvolvimento da atividade turística em Penha;
- verificar como se deu a instalação das segundas-residências na praia de Armação do Itapocorói e as implicações desta modalidade de turismo para o lugar;
- estudar a implantação do parque Beto Carrero World e suas contribuições para o turismo local.

#### - Estruturação da pesquisa

Para atingir o objetivo do trabalho o aporte da Geografia Humanista foi imprescindível, sobretudo por buscar-se interpretar como diferentes grupos culturalmente heterogêneos percebem, interpretam e se relacionam com o ambiente. Desta forma, buscou-se adotar uma estratégia metodológica que atendesse às necessidades da pesquisa, visto que o método da percepção ambiental abrange um rigor metodológico construído com criatividade, não atendendo, necessariamente, a modelos pré-fixados. O aporte fenomenológico permitiu abranger a experiência vivida, valorizando o indivíduo e seus sentimentos, auxiliando na compreensão da relação entre homem e ambiente.

A perspectiva histórica permitiu levantar os diferentes períodos de ocupação, o que proporcionou a criação de um panorama útil para a compreensão da situação atual da praia. Além disto, a análise da atividade turística e do turismo local permitiu conhecer a realidade local, favorecendo a correta interpretação das entrevistas.

Em campo, foram realizadas entrevistas pré-estruturadas dialógicas com a população local e com veranistas, visando investigar a percepção destes grupos tendo em vista as diferentes formas e interesses no processo de ocupação deste espaço, perpassadas por questões culturais e sociais, refletidas no ambiente atual.

#### - Justificativa da pesquisa

Este trabalho possui uma relevância social, visto que valoriza os anseios e a percepção ambiental da comunidade local e dos veranistas sobre o espaço e o lugar, sentimentos estes que foram expressos através das entrevistas e que evitam as intervenções e os planos de manejo por parte de governos e de empreendedores particulares que não consideram a população local. Estes projetos, que muitas vezes são impostos à comunidade local e que não são discutidos, acabam por gerar a padronização dos lugares, multiplicando modelos já existentes, independentemente da cultura e do modo de vida local.

Desta forma, acredita-se que este trabalho venha a colaborar para a aplicação futura de projetos que visem à valorização da cultura local e das opiniões dos moradores em relação à sua cultura, seu bairro e sua praia, evitando a criação de não-lugares (CARLOS, 1996) ou de lugares clonados (SERPA, 1999).

#### - Apresentação do trabalho

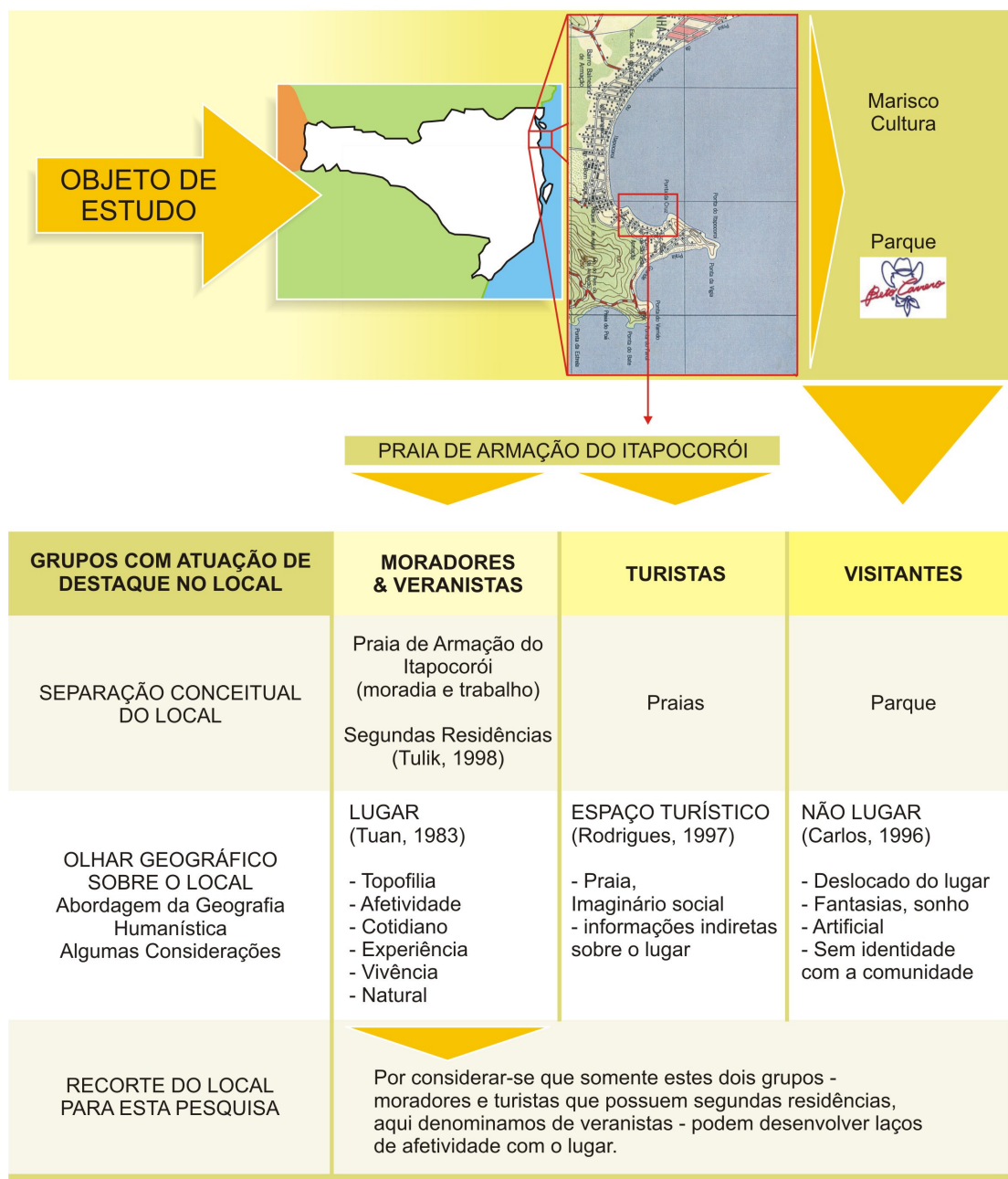
Este trabalho compõe-se de quatro capítulos assim organizados:

No Capítulo 1, buscou-se caracterizar a área de estudo nas suas dimensões econômica e geográfica, abordando os novos agentes de organização do espaço: o parque Beto Carrero World e a maricultura. Foram analisados aspectos da cultura local e como se deu o processo de valorização do meio ambiente litorâneo e do mar.

No Capítulo 2, buscou-se fundamentar teoricamente a pesquisa realizando, para tanto, uma revisão bibliográfica sobre a Geografia Humanista, a percepção ambiental, a percepção geográfica do turismo e os conceitos de lugar e de não lugar, cujo objetivo principal foi o de procurar estabelecer algumas aproximações teórico-metodológicas para a elucidação do tema da pesquisa. A categoria de análise eleita foi o lugar, que permitiu, juntamente com seu “oposto”, o não-lugar, analisar o objeto de estudo e suas relações com os novos empreendimentos que são instalados no espaço, os moradores e os veranistas.

No Capítulo 3 foram feitas algumas análises sobre a atividade turística na atualidade, sua inserção dentro do lazer, sua contextualização histórica e o histórico do turismo em Penha. Partiu-se de uma abordagem macro, analisando tendências do turismo e do lazer, em direção à análise do lugar, considerando a questão das segundas residências e suas implicações para a economia e para a sociedade local. Estudou-se também o parque Beto Carrero World e seus impactos.

A seguir, no Capítulo 4, fez-se a análise das entrevistas realizadas em campo durante as temporadas de verão 2004/2005 e 2005/2006, num cruzamento entre as bases teórica e metodológica com as informações recebidas durante as pesquisas de campo.



**FIGURA 1 – SÍNTESE DO ESTUDO DA PERCEPÇÃO DO AMBIENTE NA PRAIA DE ARMAÇÃO DO ITAPOCORÓI, PENHA, SC**

Fonte: Mônica Krieger Goulart, 2006.

## 1. MUNICÍPIO DE PENHA: CARACTERIZANDO A PRAIA DE ARMAÇÃO DO ITAPOCORÓI

O tempo passa mas não destrói  
a linda Armação do Itapocorói  
(Grupo Folclórico Itapocorói)

### 1.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS DO MUNICÍPIO DE PENHA

A praia de Armação do Itapocorói, lugar onde se realizou este estudo, é uma das dezenove praias pertencentes ao município de Penha<sup>2</sup>, Santa Catarina. O município localiza-se na região Centro-Norte do litoral catarinense, na bacia fisiográfica do Vale do Itajaí.

O município conta com 60,29km<sup>2</sup> de área sendo que 65% pertencentes à área urbana e 35% à área rural. Pouco mais de 31 km formam o litoral de Penha, com altitude média de 20m. A área apresenta serras cristalinas que avançam em direção ao mar formando costões que apresentam intenso trabalho de abrasão marinha, resultando no aparecimento de blocos rochosos que caracterizam a paisagem litorânea (PRATES, 1989).

Referindo-se ao conjunto de ambientes naturais de Penha, com suas respectivas feições geomorfológicas, Crispim (1998, p.391) cita que estes ambientes “dispõem de uma estrutura física propícia aos diferentes tipos de aproveitamento turísticos”, tais como prática de surf, pesca nos costões, canoagem, etc.

Na Figura 2 vê-se em recorte as praias do Quilombo, Armação e Armação do Itapocorói, com destaque para esta última.

---

<sup>2</sup> As demais praias do município de Penha são: Alegre, da Saudade, do Quilombo, Armação, da Paciência, Grande, Vermelha, de São Miguel, da Lola, Bacia da Vovó, do Manguinho, da Fortaleza, da Cancela, de São Roque, do Caminho, do Monge, do Lucas e do Poá.

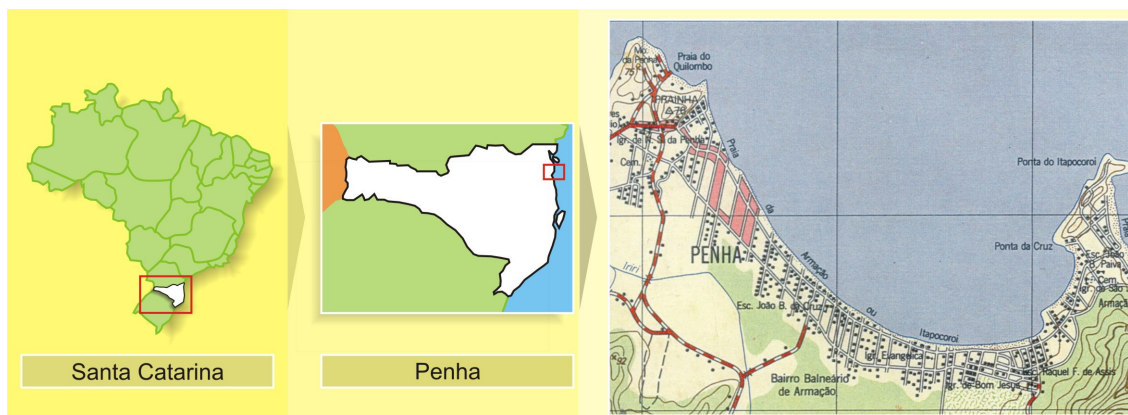


FIGURA 2 – LOCALIZAÇÃO DA PRAIA DE ARMAÇÃO DO ITAPOCORÓI

Fonte: Mapa Região Sul do Brasil, Itajaí, SC. Sem escala. IBGE, 1991.

### 1.1.1. Aspectos Econômicos do município de Penha

O setor agrícola e bovino do município não são representativos e o mesmo se aplica ao setor pesqueiro quando comparado aos municípios vizinhos. Existe a pesca artesanal, que conta com cerca de 200 embarcações, com a produção anual de aproximadamente 45 toneladas de corvina, 900 toneladas de cação e 26 toneladas de pescada (PENHA, 2005).

A maricultura é uma atividade econômica recente no município, envolvendo 360 pessoas diretamente e abrangendo uma área de cultivo de mais de 110,00ha. Devido à importância econômica e social que o cultivo do marisco vem ganhando no município, o tema será devidamente aprofundado mais adiante (EPAGRI, 2002; PENHA, 2005).

A estimativa do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) no ano 2004 para Penha era de uma população de mais de 20.000 habitantes (IBGE, 2005). Tal número sobe para mais de 100.000 no verão. Isto se deve à grande procura pelo balneário e suas diferentes ofertas de praia durante os meses de dezembro e janeiro. A estada destes turistas caracteriza-se muito mais pela presença das segundas-residências do que pelo parque hoteleiro, como se verá no decorrer do trabalho.



### 1.1.2. Praia de Armação do Itapocorói: Um Recorte Geográfico

A praia de Armação do Itapocorói foi delimitada como bairro de Penha em 1999, através da Lei Municipal N° 1.658/99, que “cria bairros no Município, alterando o perímetro urbano e dá outras providências”. Sua orla marítima tem 800m de extensão:

Oceano Atlântico até a Ponta Negra, linha seca e reta passando pela cota altimétrica 305,00m até o entroncamento da Rua Inácio Francisco de Souza e Travessa João Damasio, linha seca e reta pelo eixo da Travessa João Damasio até o canal do DNOS, seguindo por este, Canal do Iri, Rua João Luis Justino (Rua do Estivado), Av. Itapocorói e Rua João Mateus (LEI N°1.658/99, 1999).

A praia de Armação do Itapocorói concentra embarcações de pesca artesanal (conforme Figura 3) e a economia do bairro se baseia principalmente na maricultura, ainda que, como em todo o município, a atividade turística se caracterize como sua mais importante fonte de recursos econômicos.

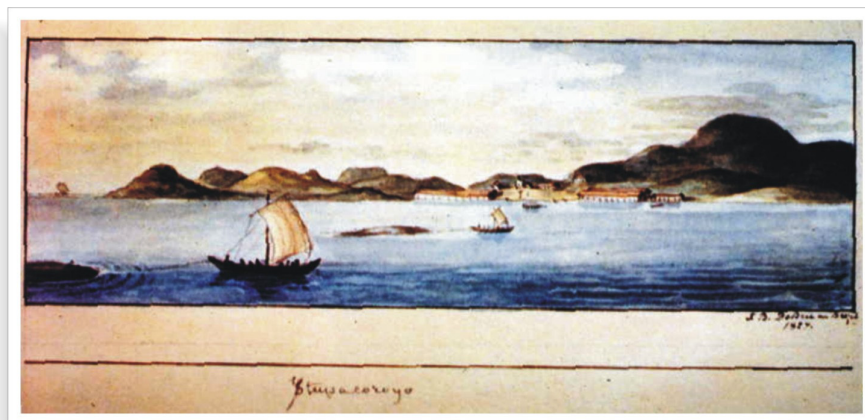


FIGURA 3 – EMBARCAÇÕES DE PESCA ARTESANAL ANCORADAS NA PRAIA DE ARMAÇÃO DO ITAPOCORÓI

Fonte: Mônica Krieger Goulart, 2005.

A Figura 4, na seqüência, mostra uma cena das embarcações levando as baleias já mortas para a armação baleeira, que se vê ao fundo. Na armação elas seriam esquartejadas e a gordura retirada delas era derretida para a fabricação de óleo, importante para a iluminação pública da época. Como se

vê, o mar sempre foi importante para a economia do município e o é ainda hoje, tanto com a maricultura, como com o turismo no modelo de sol e mar.



**FIGURA 4 - ITAPOCOROYA / ARMAÇÃO DE ITAPOCORÓI, 1829**

Em primeiro plano, embarcações levam baleias mortas para a areia. Ao fundo, a Capela de São João Batista e os prédios da Armação.

Fonte: DEBRET, Jean Baptiste. Quarenta paisagens inéditas do Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1970. Originais pertencentes a: J.F. de Almeida Prado.

## 1.2. INCENTIVOS PARA A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO NOS DIAS ATUAIS

Como foi visto, a praia de Armação passou por diferentes momentos de importância econômica, como a pesca da baleia, a pesca artesanal, a pesca do camarão, o início do turismo de segunda residência, atualmente a maricultura e a consolidação da atividade turística com a instalação do parque Beto Carrero World. Estes dois últimos acontecimentos serão destacados nos próximos tópicos, pois são as duas atividades mais marcantes na organização do espaço nos dias atuais.

### 1.2.1. Parque Beto Carrero World

A criação do Beto Carrero World, em 28 de dezembro de 1991, no bairro de Armação, em Penha, foi um marco na indústria de parques brasileira, que nas décadas anteriores havia visto abrir e fechar vários parques. Trata-se de um empreendimento particular do empresário João Batista Sérgio Murad, numa extensa área de 1,5 milhões de metros quadrados na Praia de Armação (SALOMÃO, 2000; BETO CARRERO, 2005).

Em meados dos anos 1970 Murad estava em Blumenau visitando a Feira de Amostras de Santa Catarina (Famosc). Como o seu voo de retorno a São Paulo saíria do aeroporto de Navegantes e estando o mesmo atrasado, Murad resolveu conhecer as redondezas, passando pela área onde hoje está instalado o seu parque. Adquirindo a área, o empresário levou mais de 10 anos para começar as obras.

O empresário sempre esteve envolvido com o meio artístico, sendo o empresário do grupo humorístico “Os Trapalhões”. Em 1981, com a criação do personagem Beto Carrero – baseado nas histórias dos cowboys americanos – ele próprio passou a apresentar-se com seu cavalo Faísca em shows em que defendia os oprimidos e combatia o mal (SOUZA, 2003a).

Com a instalação do parque, as atrações artísticas ficaram a cargo do Grande Circo Bartholo, sendo que também são oferecidos o show do cowboy Beto Carrero, cinema simulador, roda gigante, teleférico, carro de choque, trenzinho, xícara maluca, zoológico, casa dos espelhos, barco pirata, etc., além

dos shows: Monga, a Mulher Gorila, Excalibur e África Misteriosa (BETO CARRERO, 2005).

O parque tem 110 pontos comerciais, 66 pontos de alimentação, estacionamento com seguro, rede elétrica com geradores próprios, água tratada, banco, ambulatório, correios, achados e perdidos, berçário e fraldário com recreacionista (BETO CARRERO, 2005).

A importância do parque no cenário nacional de entretenimento é notada quando se analisa seu posicionamento em um roteiro turístico. Uma localidade pode ser destinação principal ou secundária em um roteiro. Quanto ao Beto Carrero World:

o pacote Beto Carreto com Camboriú, da Viagens Costa, tem o complexo de entretenimento de Penha, em Santa Catarina, como *Destinação Principal*, e como Destinações Secundárias as cidades de Balneário Camboriú, Blumenau e Itajaí, num total de cinco dias (VAZ, 1999, p.62).

A posição geográfica do Parque pode ser considerada estratégica pois se encontra perto de duas capitais estaduais, a 198 km de Curitiba e a 110 km de Florianópolis, além de estar localizado próximo dos acontecimentos do Mercosul. Fica a 10 km do aeroporto de Navegantes e tem um acesso próprio pela BR 101. Segundo Vaz (1999, p.61)

a posição será tanto mais estratégica quanto mais a localização geográfica for favorecida por aspectos topográficos e pelo traçado das vias de acesso. A importância de sua posição será também determinada pela localização dentro da divisão territorial político-administrativa.

Segundo Tuan (1980), é comum que se criem rótulos para as cidades em função do orgulho cívico ou da concorrência econômica, a fim de captar o que estas localidades têm de incomparável, de individual, de virtude única, em oposição às demais, que são comuns e sem atrativos. Para o autor, “o promocionismo pretende criar uma imagem favorável e pouco respeita a complexidade da verdade” (TUAN, 1980, p.236).

Com isto, chama-se a atenção para uma determinada característica particular da localidade que lhe seja benéfica e é feita uma campanha de

promoção com base nesta qualidade – ainda que não seja a única ou a melhor qualidade do local.

Em Penha tal fato ocorreu duas vezes, a primeira, decorrente da instalação do Parque Beto Carrero World, quando em 2003 o município ganhou o título de “Capital Catarinense do Turismo Temático”, conferido pela Assembléia Legislativa de Santa Catarina e outro, decorrente do cultivo do marisco, sendo considerada a “Capital Catarinense do Marisco” (SOUZA, 2003a; PENHA, 2005).

A Figura 5, na seqüência, mostra o croqui de localização do parque que está disponibilizado em seu *site* na internet. Nota-se que não aparece o nome do município de Penha. Estão relacionados: Curitiba, Navegantes, Itajaí e Balneário Camboriú, mas não Penha, cidade sede do parque.



FIGURA 5 – CROQUI DE LOCALIZAÇÃO DO PARQUE BETO CARRERO WORLD.

Fonte: Beto Carrero, 2005.

No dia 6 de abril de 2004 foi inaugurada a rodovia SC 414, que liga a BR 101 diretamente ao parque, passando pela zona rural do município de Penha sem chegar ao centro. A rodovia possui 8,7km de extensão, com pistas duplas, sinalizadas e iluminadas e é fruto de um investimento de R\$ 25 milhões provenientes dos Governos Estadual e Federal.

Até a inauguração do novo acesso, o visitante que pretendia chegar ao parque tinha que entrar pela SC 414 na altura do km 104 da BR 101, chegando

ao centro do município e pegar a avenida Eugênio Krause até o parque. Atualmente o novo acesso serve também aos moradores e turistas que visitam a Armação e também as praias próximas, evitando passar pelo centro de Penha (JORNAL DO COMÉRCIO, 10/04/2004).

A Figura 6 mostra o Castelo das Nações, localizado na entrada do parque, que trabalha o lado da fantasia e dos sonhos do visitante, mas que em nada se relaciona com a arquitetura ou a história da comunidade de Armação.



FIGURA 6 – CASTELO DAS NAÇÕES

Fonte: Beto Carrero, 2005.

#### 1.2.2. A Maricultura

A outra atividade de grande importância econômica e social atualmente para o município é a maricultura. Penha assim como outras cidades catarinenses como Florianópolis, Palhoça, Bombinhas e São Francisco do Sul, vem se destacando no cultivo de mariscos, ostras e camarões em cativeiro, o que tem contribuído em muito para a melhoria das condições de vida das comunidades locais.

O Estado de Santa Catarina é responsável por mais de 90% dos moluscos produzidos em todo Brasil. As condições climáticas e ambientais favoráveis para este tipo de atividade e o seu litoral bastante recortado com

baías abrigadas colaboram para o sucesso da maricultura, além da contribuição das universidades UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) e UNIVALI (Universidade do Vale do Itajaí), através de pesquisas e apoio técnico. No Estado estas pesquisas começaram há mais de 15 anos, primeiro em Florianópolis e posteriormente em Palhoça e Penha (ALÉCIO, 2005).

A maricultura além de auxiliar no desenvolvimento econômico da região onde é desenvolvida, por meio da geração de renda e emprego, apresenta-se como fixadora das populações tradicionais, minimiza a pesca predatória e favorece o retorno de espécies de peixes aos locais de cultivo. Além disto, como o sucesso da maricultura depende da qualidade da água do mar, a preocupação com o meio ambiente torna-se constante por parte dos envolvidos com a atividade, fazendo com que os maricultores sejam “fiscais” ativos do controle da qualidade da água e da praia (RADAELLI, 2005).

Em Penha a maricultura iniciou em 1994 com a criação do *Centro Experimental de Maricultura*, na praia de Armação do Itapocorói. Mantido pela UNIVALI, é um dos responsáveis pelo sucesso da atividade no município, sendo considerado o parque mais avançado da maricultura no país. O Centro iniciou suas atividades com a participação da comunidade através de palestras e a implantação de uma linha de cultivo na linha do mar, o que possibilitou aos pescadores ter contato visual com o projeto comprovando o êxito da atividade e interessando-se por ela (ALÉCIO, 2005).

Posteriormente veio o envolvimento da EPAGRI (Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina S.A.) e a cada ano o município destacava-se no crescimento da produção de mariscos (ALÉCIO, 2005).

Na Figura 7, abaixo, vê-se as linhas de cultivo de marisco na linha do mar, em Penha:





FIGURA 7 – LINHAS DE CULTIVO NA LINHA DO MAR EM PENHA  
Fonte: EPAGRI, 2005.

O diferencial da atividade em Penha foi o direcionamento do cultivo para áreas mais distantes da costa, em águas mais profundas e de melhor qualidade. Outros fatores, como a utilização de barcos com guincho de centro e de balsas de manejo, deram condições aos maricultores de trabalhar com mais qualidade e rapidez em suas próprias áreas de cultivo, possibilitando o aumento da produção (ALÉCIO, 2005).

A Figura 8, uma foto aérea, mostra as linhas de cultivo próximas à costa em Penha:



FIGURA 8 – LINHAS DE CULTIVO DE MARISCO EM PENHA  
Fonte: EPAGRI, 2005.



O perfil do maricultor em Armação é composto por ex-pescadores e por profissionais liberais vindos de diferentes ramos. Estes profissionais trouxeram uma visão mais ampla para a atividade, interessando-se em expandir seus negócios e aumentar a escala de produção. Cada maricultor conta com pelo menos mais três pessoas envolvidas com a atividade, sendo que mais de 300 pessoas trabalham diretamente com a maricultura em Penha (ALÉCIO, 2005).

Em 2005, Penha apresentava 115 produtores de mexilhão (marisco) que trabalhavam em 123 polígonos ou unidades de cultivo. Estas unidades são delimitadas pela EPAGRI que mede por GPS (Global Positioning System) a localização de cada vértice da área de cultivo e controla, juntamente com a Marinha, o crescimento desordenado da atividade para áreas não autorizadas. A Marinha tem interesse neste controle devido às Cartas de Navegação, que devem ser atualizadas, marcando sempre a existência de áreas de cultivo para a segurança das embarcações (RADAELLI, 2005).

De acordo com Ivo Seno Radaelli (2005), funcionário da EPAGRI/Penha responsável pelas ações relativas à maricultura no município, os números da produção de mexilhões a partir do ano de 2005 deveriam crescer e seguir a tendência de crescimento nos próximos anos. A baixa na produção a partir do ano 2001 deu-se por ocasião da falta de sementes, problema que, segundo Radaelli, já foi sanado<sup>3</sup>.

Para divulgar a produção de mariscos do município e incentivar seu consumo, foi criada em 1995 a Festa Nacional do Marisco, realizada todos os anos entre os meses de janeiro e fevereiro na praia de Armação. Durante a festa são realizados concursos de culinária com marisco e também são vendidos artesanatos feitos com as cascas.

O *Projeto de Maricultura e Pesca* elaborado pela EPAGRI para os anos 2005/2008, representa dois dos setores mais importantes da economia do município: a pesca e a maricultura – somente superados pela atividade turística. Um dos propósitos do Projeto foi destacar os pontos negativos e

---

<sup>3</sup> A atividade desenvolveu-se de forma mais acelerada do que a produção de sementes pela natureza e ocorreu a extração desordenada e ilegal de sementes nos costões. Uma experiência inédita no país, realizada pela Univali foi uma das tentativas de solucionar o problema. Trata-se da “reprodução artificial do marisco em laboratório”, técnica já utilizada com sucesso com ostras (SOUZA, 2004, p.5). A retirada de sementes de marisco (mexilhão com tamanho inferior a quatro centímetros) sem licença é crime ambiental e é proibida por lei federal em todo o país e somente com a posse de uma licença esta extração é permitida.

positivos que a maricultura acarreta, propondo soluções para os problemas, conforme se verá na seqüência do trabalho (PENHA/EPAGRI, 2005):

Impactos negativos da maricultura para o meio ambiente:

- grande produção de resíduos sólidos da maricultura (vide Figura 9) e pesca;
- inexistência de sistema coletivo de esgoto, que ocasiona a poluição do mar;
- retirada de sementes de mexilhão dos castões sem autorização dos órgãos competentes;
- prática de modalidades de pesca sem autorização dos órgãos competentes.



FIGURA 9 – RESÍDUOS SÓLIDOS DA MARICULTURA EM UMA ESTRADA DE PENHA

Fonte: EPAGRI, 2005.

Impactos negativos da maricultura para a área social:

- dificuldades na organização e representatividade do setor através de suas entidades de classe;
- baixa qualificação profissional.

Impactos negativos da maricultura para a área econômica:

- dificuldades na organização da comercialização da produção;

- existência de unidades de processamento de mexilhão e pescados em geral sem o serviço de inspeção.

Impactos positivos da maricultura para a área ambiental:

- possibilidade de ampliação do parque aquícola em função da qualidade e condições das águas marinhas.

Impactos positivos da maricultura para a área social:

- a existência de diversos órgãos e associações voltadas ao atendimento geral dos moradores.

Impactos positivos da maricultura para a área econômica:

- a localização geográfica do município facilita acesso aos bens de produção e consumo e comercialização da produção.

Dentre os impactos negativos da maricultura para a área ambiental não é citado o problema do mau-cheiro que foi comentado pelos entrevistados e que será visto no Capítulo 4, quando serão realizadas as Análises das Entrevistas.

### 1.3. ASPECTOS CULTURAIS DA ARMAÇÃO DE ITAPOCORÓI: INFLUÊNCIA NEGRA E PORTUGUESA-AÇORIANA

Os açorianos e os negros instalaram-se no município no fim do século XVIII, trazendo consigo seus costumes e modo de vida que alteraram definitivamente a praia de Itapocorói. A praia, antes da chegada destes grupos, tinha características portuguesa, indígena e cabocla, sendo um porto movimentado, para os padrões da época, para embarque e desembarque de cargas e passageiros. A estas características somaram-se outras, de cultura açoriana e africana, que além de resultarem em uma mescla cultural rica e variada, alteraram economicamente a região com a atividade de caça à baleia. A praia de Armação do Itapocorói, como passou a ser conhecida, herdou destes diferentes grupos importantes aspectos culturais, como os personagens mitológicos, as festas e os folguedos, adaptando-os, gerando a cultura e o folclore local, como se verá a seguir (SILVA, 1971).

Segundo Wagner e Mikesell (2003, p.28), a noção de cultura não aborda indivíduos, mas “comunidades de pessoas ocupando um espaço determinado, amplo e geralmente contínuo, além das numerosas características de crença e comportamento comuns aos membros de tais comunidades”. Desta forma, neste subcapítulo serão abordadas as principais festas e folguedos (festejos) da praia de Armação do Itapocorói, buscando suas características culturais mais marcantes, que nos remetem aos grupos que as desenvolveram na região.

Para Tuan (1980, p.114) “a consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar” e em Itapocorói os elementos culturais herdados são vividos e preservados pela comunidade nas diferentes festividades. O entusiasmo pela preservação destes elementos nasce, segundo Tuan (1983, p.217), “da necessidade de ter objetos tangíveis nos quais se possa apoiar o sentimento de identidade”.

Em Armação do Itapocorói, as tradições são fixadas por meio das festas, folguedos e, também, pela imagem da Capela de São João Batista, construída em 1759 e que representa a cultura e as tradições do local. A capela estava em reforma desde janeiro de 2005 e foi incendiada em março do mesmo ano, o que causou revolta e indignação junto à comunidade. O telhado, o coro e parte

das paredes foram destruídos na ocasião. A Figura 10, a seguir, mostra a Capela antes da reforma e do incêndio.



FIGURA 10 – CAPELA DE SÃO JOÃO BATISTA ANTES DO INCÊNDIO

Fonte: Mônica Krieger Goulart, 2004.

Interessante notar que pelo viés da história da cultura, as "idéias e técnicas tendem a difundir-se e a herança cultural dos povos tende a aumentar cumulativamente. Tanto por evolução interna quanto por difusão, a cultura cresce e se dispersa" (WAGNER e MIKESELL, 2003, p.44). Tal fato nota-se claramente nas regiões de influência da cultura luso-açoriana, visto que não somente aconteceu a fixação de uma determinada manifestação cultural, mas também esta foi adaptada e teve seus valores revistos e reforçados pela cultura local.

Segundo Santos (2000, p.22), as manifestações culturais de origem portuguesa-açoriana encontradas em Itapocorói acentuam-se mais "na religiosidade, na pesca, na agricultura, na alimentação e artesanatos".

Ainda hoje muitas festas são realizadas seguindo o mesmo calendário dos primeiros portugueses-açorianos, numa demonstração de força cultural que resiste ao tempo e às influências externas – como a expansão das áreas urbanas, o desenvolvimento da atividade turística, a adoção de novos estilos

de comportamento, as influências de modismo e o próprio dinamismo das sociedades atuais.

No calendário de eventos da praia de Armação do Itapocorói aparecem:

Janeiro / Fevereiro: Festa do Marisco e Mastro de São Sebastião;

Março / Abril: Início das visitas dos festejos do Divino;

Maio / Junho: Festa do Divino Espírito Santo, Festa de São João e São Pedro e São Gonçalo;

Dezembro: Terno de Reis (SANTOS, 2000).

A seguir, serão abordados os principais folguedos e as principais festas de Itapocorói.

#### 1.3.1. Folguedos

Os folguedos são festejos nos quais predomina o espírito lúdico. As coreografias são livres, assim como as músicas, e refletem a criatividade e a improvisação dos participantes. Justamente por não exigirem o domínio de uma coreografia, têm ampla aceitação junto às comunidades (FARIAS, 2000). Em Armação do Itapocorói são encontrados os seguintes folguedos:

- Boi-de-Mamão

Trata-se de um auto popular de origem africana. O Boi-de-mamão é a versão no litoral catarinense do Bumba-Meu-Boi original do Nordeste. O folgado do Boi, no folclore catarinense, é uma das brincadeiras de maior atração popular e trata de uma representação em torno da vida, morte e ressurreição do boi. São personagens humanas, animais e fantásticas (BERSI, 2001). Em Penha, nos últimos anos, um grupo de entusiastas vem representando com frequência este folgado na cidade, inclusive com a criação de um grupo de Boi de Mamão Mirim, composto por alunos da Escola Estadual de Educação Básica Manoel Henrique de Assis, com repentistas próprios (KRIEGER, 2003a).



FIGURA 11 – GRUPO DE BOI DE MAMÃO MIRIM DO MANOEL – REPENTISTAS E A BERNÚNÇA

Fonte: Mônica Krieger Goulart, 2004.

- Fandango

O fandango é uma dança de ordem religiosa, realizado geralmente para homenagear São Gonçalo em sua festa. Os versos da música são feitos de improviso pelo violeiro e o ritmo é sempre igual, com o bater dos pés ritmado com a música (FARIAS, 2000).

- Pau de fita

Também trazido para Santa Catarina pelos açorianos, este folguedo trata de uma homenagem à fertilidade da natureza. No centro de um grupo de dançarinos posiciona-se um pau enfeitado com fitas coloridas, representando uma árvore e seus frutos. As mulheres e seus pares, sempre em números múltiplos de 4, dançam trançando as fitas, ao ritmo de cantoria, para depois destrançarem (FARIAS, 2000).

- Farra do Boi

É a arte de tourear catarinense, constituindo-se de uma herança cultural açoriana. Os antigos chamavam de “brincadeira de boi bravo”, “boi-do-campo”

ou “boi-na-vara”. Nos últimos 30 anos tornou-se conhecida como “farra do boi”. A farra vinha sendo praticada de geração em geração há pelo menos 230 anos e constituía um dos elementos ativos da identidade cultural das comunidades litorâneas do Estado (FARIAS, 2000). Está proibida desde 1997, porém é realizada ilegalmente por alguns entusiastas, principalmente na época da Quaresma.

### 1.3.2. Festas Populares

Desde o começo do povoamento do Arquipélago dos Açores o português imprimiu uma forte tradição de religiosidade católica. Os açorianos têm esta característica muito arraigada: as festas populares açorianas têm motivações sócio-religiosas, nas quais se encontram e se fundem o lúdico, a recreação, a música, a gastronomia, a dança, o teatro e o artesanato, passados para o povo de Armação do Itapocorói por meio dos seus descendentes.

As festas populares que ocorrem em Armação do Itapocorói atualmente são:

- Festa do Divino Espírito Santo

A mais importante manifestação religiosa do Município é realizada desde 1836. Festa de cultura popular, preserva as características herdadas dos portugueses-açorianos, sendo uma homenagem à Terceira Pessoa da Santíssima Trindade, que é fonte de amor e sabedoria para os que professam a religião Católica Apostólica Romana. A tradição é mantida com o Ciclo da Festa do Divino Espírito Santo.

O Ciclo é bem definido e inicia a partir de Janeiro de cada ano: das Bandeiras (com o peditório), cantorias, encerramento das Visitas (culminando com um jantar), novenas, Missa da Coroação, eleição do novo Imperador e almoço para todos os empregados na Segunda-feira – dia consagrado à Oitava do Espírito Santo e feriado na Penha (opção do Município).

Acompanhando as visitas da bandeira, que ocorrem de casa em casa, vai um grupo de cantores, normalmente composto por três vozes. As cantorias



do Divino homenageiam o Espírito Santo, saúdam e agradecem as ofertas à bandeira. Em Armação do Itapocorói acontece a visita das bandeiras, logo após as visitas feitas no Centro. A Missa da Coroação é realizada na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Penha, no centro. A Figura 12, na seqüência, mostra o momento no qual o Imperador caminha em direção à Igreja Matriz para a missa da coroação (KRIEGER, 2003).

A Festa do Divino culmina no Domingo em que a Igreja Católica celebra Pentecostes (a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos) e é uma Festa móvel. A coroa e o cetro da Festa, de uso do Imperador, foram confeccionados em prata em 1837 e trazidos de Portugal no século XIX (KRIEGER, 2003).



FIGURA 12 – O IMPERADOR DO DIVINO E SUA ESPOSA CAMINHAM ENTRE OS EMPREGADOS DE VARA EM DIREÇÃO À IGREJA NO DOMINGO DA COROAÇÃO. SEGURANDO A COROA SEGUE UM DOS SEUS EMPREGADOS.

Fonte: Maria do Carmo Ramos Krieger, 2004.

- Festa de São João Batista e São Pedro

Os Santos do mês de junho (Santo Antônio, dia 13; São João Batista, dia 24 e São Pedro, dia 29) são lembrados nas festividades do último final de semana de junho e que reúnem pescadores dos litorais próximos, marítimos e comunidade. A procissão parte da Capela de São João Batista e segue pela praia de Armação do Itapocorói até o trapiche, onde os devotos de São Pedro

sobem para pedir proteção no mar (GOULART, 2002; PEREIRA, 2003). Na Figura 13, vê-se a procissão nas areias de Itapocorói, com dois meninos trajados como os santos e as duas imagens sendo levadas pela comunidade, à esquerda São João e à direita São Pedro.



FIGURA 13 – PROCISSÃO DE SÃO JOÃO E SÃO PEDRO  
Fonte: Mônica Krieger Goulart, 2004.

- Terno de Reis

É um auto popular do ciclo natalino de evocação da visita dos três Reis Magos ao Menino Jesus, quando do seu nascimento. Ocorre no período entre o Natal e o dia 6 de janeiro. Tocadores e repentistas visitam casas da comunidade tirando versos que saúdam a vinda de Jesus Cristo (BERSI, 2001).

- Festa do Mastro de São Sebastião

No dia 20 de janeiro a Igreja Católica comemora o dia de São Sebastião e em Armação do Itapocorói este dia é comemorado com a Festa do Mastro de São Sebastião.

A Festa trata do “acerto de contas” entre uma pessoa que fez um pedido e foi atendida, e o Santo. Apenas um pagador de promessa ergue o mastro por ano, conforme a Figura 14, que mostra o Mastro sendo erguido com a ajuda da

comunidade no pátio em frente à Capela de São João Batista e à Igreja de São João Batista. Outra forma de pagar a promessa é levando uma massa de pão (feita no formato da parte do corpo que foi curada) no dia da missa em homenagem ao Santo.

No domingo próximo, dia da Festa do Mastro de São Sebastião, o povo comparece à Missa das 20 horas. Os festeiros convidados participam da Missa – homens com nome de Sebastião – e os devotos rendem homenagens ao Santo. Ao final da Missa tem-se a *venda das massas*, quando os devotos fazem oferendas ao Santo agradecendo ao atendimento de uma promessa relativa a alguma questão de saúde (GOULART, 2004).



FIGURA 14 – MASTRO DE SÃO SEBASTIÃO  
– MOMENTO NO QUAL O MASTRO, DEPOIS  
DE ENFEITADO, É ERGUIDO PELA  
COMUNIDADE

Fonte: Mônica Krieger Goulart, 2003.

- Festa de São Gonçalo

São Gonçalo do Amarante é um santo português que, para conquistar fiéis utilizou métodos pouco comuns para a época (fins do século XII): a música e a dança. Conhecido como santo casamenteiro, patrono da fecundidade

humana e também padroeiro dos violeiros, em Santa Catarina, ainda é procurado para curas (especialmente contra mal das pernas) por meio de promessas (BERSI, 2001).

- Festa de Nossa Senhora do Rosário / Natal dos Pretos

Somente esta festa tradicional não é mais registrada no município. Ela era realizada na noite de 25 de dezembro e durante o dia 26. Os escravos da região, que trabalhavam na armação, somente tinham um dia de descanso (o dia 26 de dezembro) e o utilizavam para venerar o nascimento de Cristo e cultuar Nossa Senhora do Rosário, sua padroeira. A Igreja Católica celebra o dia da Nossa Senhora do Rosário no dia 7 de outubro, porém, os escravos “transferiram” a comemoração em homenagem à Santa para coincidir com o dia da folga anual que os negros tinham. A festa era tão importante que se considerava o dia 26 de dezembro a Oitava de Natal e era feriado no município (GOULART, 1990).

A celebração incluía o levantamento de um mastro enfeitado com flores, novenas, procissão para pegar as coroas do Rei e da Rainha da festa, Missa de coroação do Rei e da Rainha e procissão com a imagem da Santa pelas ruas próximas à Matriz. Durante a procissão ocorriam danças sob a marcação de tambores. Após as cerimônias um almoço era oferecido pelo Rei para a comunidade, do qual os brancos também podiam participar (GOULART, 1990).

A festa acabou, no início da década de 90, por falta de negros para as representações tradicionais. A última edição da festa foi em 1994 e com isto extingui-se o feriado de 26 de dezembro.

Tendo visto as características gerais do município de Penha, as principais atividades organizadoras do espaço nos dias atuais e as mais representativas manifestações da cultura local estuda-se, na seqüência, como se deu a valorização do litoral e a transformação da praia de Armação do Itapocorói de “praia de pescador” em atrativo turístico de Penha.

#### 1.4. A ATRAÇÃO PELO LITORAL

Tuan afirma que três diferentes ambientes naturais têm atraído, em diferentes épocas e lugares, a imaginação humana: a praia, o vale e a ilha. Neste trabalho destaca-se a praia e, segundo o autor,

não é difícil entender a atração que exercem as orlas marinhas sobre os seres humanos. Para começar, sua forma tem dupla atração: por um lado, as reentrâncias das praias e dos vales sugerem segurança; por outro lado, o horizonte aberto para o mar sugere aventura (TUAN, 1980, p.131).

O mar sempre foi utilizado pelos moradores de Itapocorói. Era de lá que vinham alguns alimentos dos índios; de onde vinha a baleia, a principal fonte de recursos da Armação e de onde vinham também os peixes, o marisco, o camarão e tudo o mais utilizado para alimentação e sobrevivência dos moradores que lá iam se instalando. Era pelo mar que escoava a produção, por onde chegavam as novidades e por onde saía aquele que viajaria para algum lugar mais distante.

Os pescadores estavam sempre em suas canoas, não nadavam nem se banhavam no mar. As casas eram construídas de costas para o mar e da área de serviço os dejetos eram jogados na areia e na água; como não se sabia o que fazer com os detritos, a melhor alternativa era lançá-los ao mar. Não havia prestígio na praia.

Aos poucos, durante a primeira metade do século XX, a sociedade foi despertando para a natureza e aqueles moradores da cidade que tinham condições financeiras e anseios de maior contato com o meio natural começaram a dirigir seus olhares para o mar (FERREIRA, 1998).

Em 1905 Armação do Itapocorói apresentava seus primeiros turistas de segunda residência, numa demonstração do início da valorização do meio ambiente litorâneo como lugar para se passar as férias. Um veranista registrou como eram as férias em Armação, que se diferenciava das demais praias da região devido à sua facilidade de acesso:

nos meus primeiros anos de vida (1905 à 1912) a pitoresca praia da Armação foi o nosso primeiro ponto de veraneio durante os meses de janeiro a março. Era a única aproveitável, pois as outras, tais como Cabeçudas, Praia de Camboriú, Itapema, etc., eram ainda inexploradas e não existiam estradas acessíveis (1970, p.152).

Paralelamente, ocorreram mudanças nos valores de moralidade e civilidade e a sociedade sentiu-se mais livre para aproveitar o litoral para o lazer. O meio urbano começava assim a introduzir-se na faixa litorânea entre o pescador e o mar e com a valorização da praia mudava-se a arquitetura local e a sua forma de expansão (FERREIRA, 1998).

Crescia nesta época a fama das propriedades terapêuticas da água do mar e da melhoria da saúde no ambiente litorâneo. De acordo com Tuan (1980, p.133) “foi a crescente reputação de que a água do mar e o banho de mar contribuem para a saúde, que desviou a atenção dos cultivadores da saúde das tradicionais estâncias hidrominerais para as praias”. A saúde e o prazer, que não são propriamente produtos do mar, começaram a se tornar as maiores atrações das praias, que aos poucos se tornavam populares junto a diferentes classes sociais. Nesta época ainda não se pensava em aproveitar o sol para o bronzeamento, pois a pele escurecida era associada às classes de trabalhadores braçais (FERREIRA, 1998).

Souza (2005b) aponta que por volta de 1940 o banho de mar era mais para Piçarras, Balneário Camboriú e Barra Velha. Para Armação do Itapocorói iam poucas famílias passar o dia e tomar banho porque a praia desenvolveu a fama de praia de pesca e não de praia para banho. Porém foi justamente a pesca artesanal que atraiu os turistas pioneiros, interessados e atraídos pela grande quantidade de peixes que ficavam espalhados na areia antes de serem limpos, retalhados e vendidos (CRISPIM, 1998).

Em Armação do Itapocorói a comunidade era maior do que a atual e as famílias dos pescadores tinham grandes lotes que iam desde a beira-mar até a atual Avenida Itapocorói. Com a venda destes lotes, a partir da segunda metade do século XX, a situação financeira destas famílias melhorou e alterou-se a configuração dos terrenos na praia (SOUZA, 2005a).

Em Penha, os primeiros loteamentos surgiram em 1956, na praia de Armação, com o nome de Jardim Copacabana e na praia Grande, com o nome

de Balneário Itapocorói. Passados 14 anos, em 1970, foram loteados 11 terrenos, sendo que a maior parte localizava-se na praia de Armação (CRISPIM, 2000).

Filho de dono de “pescaria”, de embarcações e de redes – o que diferia de ser apenas pescador – Souza (2005a) acolheu muitas famílias que vinham de cidades do Vale do Itajaí e se acomodavam em sua casa, passando alguns dias. Era comum que tal fato acontecesse e não havia um preço pré-estabelecido pela acolhida, mas sim uma contribuição espontânea oferecida por parte do visitante. Alguns moradores iam à praia, mas muitos tinham medo do mar, de afogamentos e de mordidas de moréias – comuns na época. Os que vinham de fora assimilavam este sentimento de medo e respeito pelo mar.

Com o tempo as novas construções foram sendo feitas com a frente social para o mar e já não eram mais destinadas à moradia permanente. Eram as casas de segunda residência que gradativamente foram formando um cinturão à beira-mar impedindo que o mar fosse visto através dos muros. O pescador foi sendo conduzido para o interior, afastando-se do seu lugar de trabalho. A praia transformava-se em um lugar mais limpo, social e elegante e a sociedade passou a valorizar o “estar na praia” (FERREIRA, 1998).

Como no passado, a comunidade de pescadores continua sendo simples e Tuan (1980) observa que as comunidades pesqueiras, no geral, são mais pobres do que as comunidades agrícolas, mas que existem satisfações neste estilo de vida tradicional e ancestral que compensam qualquer dificuldade.

Segundo Tuan (1980, p.133, grifo da autora),

os fluxos para o mar, quer de um dia, de fim de semana ou de temporada foram um fenômeno pós segunda guerra mundial e refletem a crescente afluência das classes média e média-inferior e o rápido aumento do uso do automóvel. Fatores econômicos e tecnológicos explicam o aumento de volume do movimento para o mar, porém **não explicam porque em primeiro lugar as pessoas acham o mar atrativo**. A origem do movimento para o mar deve-se a uma nova avaliação da natureza.

Desta forma, passou-se então a criticar as saídas de esgotos e o lançamento de detritos ao mar que poluíam a água e a paisagem. Um novo

conceito de higiene foi formulado e as pessoas passaram a prestar mais atenção ao tema da limpeza e da qualidade da água.

Atualmente o que os moradores sentem é que Armação do Itapocorói está perdendo a sua imagem de praia junto aos visitantes. Isto ocorre por conta da propaganda do Parque Beto Carrero World – o maior investidor em propagandas do município – que não associa o parque a uma localidade litorânea, como visto com a Figura 5. Muitos moradores relataram em suas entrevistas a surpresa dos visitantes ao se darem conta de que estão em uma praia. Existe inclusive a vontade popular de que o município altere seu nome para Balneário de Penha, fixando assim a imagem de praia junto aos visitantes.

A imagem de praia de pescador, de pesca artesanal, de praia de turismo de segunda residência, enfim, imagens *construídas* ao longo dos anos é substituída, por conta de iniciativas privadas de marketing e propaganda, por uma imagem *produzida artificialmente*, quando se considera Penha – e Armação – somente o local onde está instalado o parque.

A análise da praia de Armação do Itapocorói será aprofundada no próximo capítulo, no qual se faz uma leitura sobre a Geografia Humanística, estudando os conceitos de lugar, espaço turístico e não lugar, essenciais para a compreensão deste trabalho.



## 2. O OLHAR GEOGRÁFICO SOBRE O LUGAR

Não temos qualquer obrigação de descrever outra área  
Senão aquela pela qual temos um afeto especial  
ou uma inexplicável fascinação  
(TUAN apud HOLZER, 1992, p.75)

Ao desenvolver estudos sobre a problemática em questão, o aporte da Geografia Humanista visto neste capítulo é imprescindível, sobretudo por buscar-se interpretar como diferentes grupos culturalmente heterogêneos percebem, interpretam e se relacionam com o ambiente. Estuda-se também o aporte fenomenológico que permite abranger a experiência vivida, valorizando o indivíduo e seus sentimentos, auxiliando na compreensão da relação entre homem e ambiente.

A Percepção Geográfica do Turismo é abordada visto que se considera a atividade turística um fenômeno espacial devido ao fato do deslocamento – sair do lugar de moradia para um novo – e da valorização de espaços. Estuda-se então o lugar, conceito chave da Geografia Humanista e categoria de análise desta pesquisa, o espaço vivido, o não-lugar e o espaço turístico. Tais estudos são necessários para compreender-se como se dá a apropriação da praia de Armação do Itapocorói pelos moradores e veranistas, conhecendo melhor as relações entre as pessoas e este lugar, que é o mundo vivido desta comunidade receptora de turistas.

Com a base da Geografia Humanista, a Percepção Geográfica do Turismo fornece as bases teóricas e metodológicas fundamentais para a compreensão do turismo como atividade de valorização do espaço, tornando possível a análise da percepção do local tanto por parte dos moradores como dos turistas que possuem segunda residência.

Ressalta-se a importância de se considerar a percepção dos moradores, visto que no turismo há uma carência dos estudos com dimensão social que considerem a comunidade receptora, seus valores e opiniões. Já pela parte dos turistas, a importância deste estudo reside no entendimento da conduta do homem em relação ao espaço onde se instala o turismo, que não é o seu

espaço de moradia habitual, mas sim um espaço valorizado e com uma função: servir-lhe de cenário para seu lazer e descanso.

## 2.1. O APORTE FENOMENOLÓGICO PARA A PESQUISA

A Fenomenologia é a Filosofia que embasa os trabalhos desenvolvidos sob o viés humanista desde a década de 1970. Embora possuindo raízes mais remotas em Hegel, os significados contemporâneos da Fenomenologia são atribuídos a Edmund Husserl (1859/1938), que criou o estudo da consciência e dos objetos da consciência, criticando as teorias científicas de inspiração positivista, apegadas à objetividade e que acreditavam que a realidade somente se resumia aos fatos captados pelos sentidos (MELLO, 1990). Dentro da Filosofia a Fenomenologia pode ser considerada “como ciência teórico-prática do conhecimento” (PETRELLI, 2004, p.9)

As bases da Fenomenologia “estão numa fundamentação radical, que parte da eliminação dos ‘a priori’, dos pressupostos e das evidências em si mesmas, e na distinção entre Ato e Conteúdo” e sua função seria “mostrar a impossibilidade de existir uma ciência conceituada como conhecimento de fatos e, ao mesmo tempo, como procura de um conhecimento rigoroso” (HOLZER, 1992, p.327).

Para Petrelli (2004, p.17) a Fenomenologia é

uma ciência descritiva do objeto (realidade) considerado, em ‘si-mesmo’, na sua essência. É uma ciência descritiva da realidade, de seus objetos e fatos, como significativos de algo que abstrai e transcende a pura materialidade significante. E, sendo uma ciência dos objetos e dos fatos da realidade, de como estes se apresentam à consciência de quem os experienciam, é, então, a ciência de uma realidade significante “para mim”, “para nós” ou “para eles”.

A Fenomenologia estuda as relações que dão aos objetos sentido e significado, interpretando como se dá a apreensão das essências dos objetos ou sujeitos por meio da experiência vivida adquirida pelo indivíduo (MELLO, 1990). Desta forma, considera

as coisas como existentes em si, independentes da consciência, ou seja, não estamos diante de uma filosofia que possa ser chamada, simplesmente de idealista, mas que assume como elemento de análise o Fenômeno (HOLZER, 1992, p.328).

Quanto ao termo *fenomenológico*, ele se refere a “todo procedimento metodológico que, partindo dos fenômenos, nos conduz ao conhecimento das essências” (PETRELLI, 2004, p.16).

O emprego da Fenomenologia como aporte filosófico para a Geografia Humanista permite ao pesquisador considerar as experiências humanas nos seus estudos, uma vez que considera o mundo vivido parte do entendimento e das relações entre os seres humanos e a natureza, sendo, como foi visto, a ciência de uma realidade significativa “para mim”, “para nós” ou “para eles” (PETRELLI, 2004). Como assegura Christofoletti (1985, p.22)

a fenomenologia preocupa-se em analisar os aspectos essenciais dos objetos da consciência, através da supressão de todos os preconceitos que um indivíduo possa ter sobre a natureza dos objetos, como os provenientes das perspectivas científica, naturalista e do senso comum. Preocupando-se em verificar a apreensão das essências, pela percepção e intuição das pessoas, a fenomenologia utiliza como fundamental a experiência vivida e adquirida pelo indivíduo.

A Fenomenologia aproxima a ciência da vida cotidiana e faz com que seja feita uma busca pela essência, em que são produzidas as significações, a percepção, a imaginação e a memória, que importam ao seu estudo e que dão ao mundo um caráter subjetivo.

Buttimer (1985) considera os fenomenologistas os porta-vozes da união que reconcilia o coração e a mente, o conhecimento e a ação no mundo diário, adaptando a forma de conhecer com a forma de ser no mundo.

Os pioneiros em sugerir novas bases filosóficas para a Geografia, introduzindo a Fenomenologia como aporte filosófico para a mesma, foram Buttimer – que destacou a importância da filosofia existencialista para a geografia –, Parsons – que aproximou o humanismo dos estudos geográficos –, e Edward Relph – que apresentou as possibilidades da Fenomenologia de servir como aporte filosófico capaz de unir os geógrafos que estavam interessados em saírem do rótulo de comportamentalistas.

A partir de tais interesses foi formulada uma base teórica-conceitual fenomenológica–existencial, que tinha como conceito principal o *lugar* e como conceitos auxiliares a percepção e as atitudes para com o ambiente, a visão de mundo, os valores humanos e a topofilia. A Geografia Humanista foi, como se

verá na seqüência do trabalho, o resultado de um longo processo de revisão e renovação de conceitos e teorias da Geografia Histórica e Cultural dos Estados Unidos, tendo como aporte filosófico principal, a Fenomenologia (HOLZER, 1992).

## 2.2. A GEOGRAFIA HUMANISTA

A Geografia Humanista, nas palavras de Christofolletti (1985, p.22), “procura valorizar a experiência do indivíduo ou do grupo, visando compreender o comportamento e as maneiras de sentir das pessoas em relação aos seus lugares”.

Para Tuan (1985, p.143) ela

procura um entendimento do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico bem como dos seus sentimentos e idéias a respeito do espaço e do lugar.

Segundo Mello (1990, p.92) a Geografia Humanista objetiva “interpretar o sentimento e o entendimento dos seres humanos a respeito do espaço e do lugar” com base na experiência vivida, que seriam os laços de afetividade que unem o homem concreta e abstratamente ao lugar.

A Geografia Humanista defende maneiras diferentes de se estudar o espaço e o lugar, não se apegando às verdades únicas de teorias que explicam o mundo. Ela apóia a idéia de que cada ser humano é um geógrafo informal que “pensa e filosofa, sendo portanto capaz de refletir sobre os fenômenos do(s) mundo(s) vivido(s)” (MELLO, 1990, p.92). Desta forma, ela dota o homem de importância central para o estudo do meio, compreendendo e interpretando seus sentimentos e comportamentos e como estes alteram o lugar e, ao mesmo tempo, analisando a simbologia e significado do lugar para o homem. Assim, conforme ressalta Christofolletti (1985), a interação do homem com o espaço se dá mais por meio da dimensão afetiva do que pela dimensão métrica.

### 2.2.1. A Aproximação Humanista na Geografia

A aproximação humanista na Geografia aborda uma grande variedade de aportes filosóficos diferenciados como a Fenomenologia, o Existencialismo e o Idealismo, que são unidos por uma característica comum: “a preocupação

com o homem enquanto indivíduo e com a subjetividade das relações humanas com a natureza e com a sociedade” (HOLZER, 1992, p.318).

O Humanismo é uma corrente de pensamento anterior ao positivismo, porém somente foi incorporado à Geografia na década de 1970. Ele pode ser definido “como uma visão ampla do que a pessoa humana é e do que ela pode fazer” (TUAN, 1985, p.144).

A corrente humanista procura conhecer e interpretar a variedade dos fatos do mundo vivido, trabalhando com os valores e os sentimentos humanos e, assim, ocorre o resgate do homem, que é estudado com todos os seus atributos, valores e ambivalências, sendo situado no centro de todas as coisas, como produtor de seu próprio mundo.

O nascimento da Geografia Humanista se deu nos Estados Unidos ao final da Segunda Guerra Mundial, como uma resposta àqueles geógrafos inconformados com uma Geografia sem homem e que começaram a buscar nas filosofias dos significados respostas e caminhos para romper com o positivismo e com o neo-positivismo predominantes até então e que se caracterizam pela valorização exclusiva dos dados, tais como são coletados e observados pela experimentação, e pelo procedimento metodológico padrão (MELLO, 1990).

Tais buscas vinham em uma época conturbada para a sociedade norte-americana em meio a movimentos pró direitos civis, contra a Guerra do Vietnã, por uma modificação na consciência ecológica e pela crise universitária pós 68.

Eram três as linhas dominantes na Geografia em debate no final dos anos 70 nos Estados Unidos: a Geografia Analítica, a Geografia Radical e a Geografia Humanista. Estes debates foram se aprofundando às questões epistemológicas e a filosofia tornou-se tema das discussões das diferentes correntes de pensamento. As duas últimas correntes concordavam em serem oposições à Geografia Positivista e à sua objetividade e partilhavam as idéias de que a mente humana era um importante campo de investigação geográfica (HOLZER, 1992).

Os primeiros traços de Humanismo na Geografia podem ser encontrados nos trabalhos de Vidal de La Blache, Sauer, Eric Dardel e Lowenthal, porém a palavra humanista apareceu pela primeira vez no trabalho de Yu-Fu Tuan, *China*, em 1967 (MELLO, 1990).

Christofolletti (1985) aponta como precursores da abordagem humanista na Geografia os trabalhos de Yu-Fu Tuan, Anne Buttmer, Edward Relph e Mercer e Powell. Para Holzer (1992), um dos precursores da Geografia Humanista foi o geógrafo americano Carl Sauer, seguido por John K. Wright, David Lowenthal e Yu-Fu Tuan. Estes geógrafos lançaram as bases e as idéias sobre as quais foi desenvolvida a teoria da Geografia Humanista.

### 2.2.2. Os Precursores da Geografia Humanista

Dentro do objetivo deste sub-capítulo, que é abordar aspectos principais da Geografia Humanista, faz-se a seguir, um apanhado dos principais geógrafos que contribuíram para a formação da Geografia Humanista.

Carl Sauer, tanto pelo conteúdo de sua obra, como pelo seu trabalho como professor, dando origem à “Escola de Berkeley”, foi um dos precursores da Geografia Humanista nos Estados Unidos. Sauer abordava temas da Geografia Cultural que constantemente se entrelaçavam com aspectos comuns à Geografia Humanista.

Originária da Alemanha, a Geografia Cultural teve com Sauer um grande desenvolvimento. A unidade espacial escolhida por ele foi a “paisagem cultural” que dependia da ação do homem para sua caracterização. Em seus trabalhos nota-se a importância dada por ele às questões relativas ao mundo vivido e à visão fenomenológica da ciência.

Dentre as idéias propostas por Sauer que contribuíram para o desenvolvimento da Geografia Cultural americana e que também ancoraram a Geografia Humanista, destacam-se

a valorização da relação do homem com a paisagem (meio ambiente), que por ele é formatada e transformada em habitat; a análise desta relação é sempre vista em comparação com outras paisagens, formatadas de forma orgânica, sendo que esta visão integral da paisagem é a característica que individualiza a geografia como disciplina (HOLZER, 1992, p.34).

Outro geógrafo que teve grande influência na formação da Geografia Humanista foi John K. Wright, que propunha aos geógrafos a utilização não



somente da imaginação geográfica, mas da imaginação e da sensibilidade que estão nas áreas periféricas dos estudos formais, que se referem inclusive aos trabalhos não científicos como relatos de viagens, pinturas, entre outros. Wright com um único artigo – *Terra Incognitae: the place of the imagination in geography*,

destacou o valor da subjetividade e do senso geográfico do homem comum, aprofundou-se no domínio dos mapas mentais e preconizou o alargamento das relações entre a geografia e a humanidade (HOLZER, 1992, p.58).

David Lowenthal foi mais do que um precursor da Geografia Humanista, sendo um dos seus genitores. O pioneirismo de sua obra foi se consolidando paralelamente à consolidação da Geografia Humanista enquanto disciplina e colaborou também para o aparecimento da Geografia Comportamental. Em sua obra, Lowenthal (1985, p.138) destaca a importância e o valor do indivíduo no processo de compreensão do mundo e afirma:

desconfiamos da ciência como o único veículo da verdade porque concebemos o remoto, o desconhecido, e o diferente em termos do que está próximo, bem conhecido e auto-evidente para nós, e acima de tudo em termos de nós mesmos.

Seus estudos foram interdisciplinares e ele buscou compreender os mecanismos mentais que dão origem a diferentes mundos, já que a objetividade faz com que a ciência só os compreenda em parte. Desta forma, usando a subjetividade para estudar as relações do homem com o meio, Lowenthal aproximou-se da perspectiva fenomenológica, abrindo caminhos para novos estudos na área.

O último dos precursores da Geografia Humanista foi Yu-Fu Tuan, que teve a marca do humanismo impressa nos seus trabalhos desde as suas primeiras publicações. Seus textos não eram puramente técnicos, abrangendo trechos de literatura, de artes e de geografia. Para conhecer o mundo, ele pregava a concentração e a observação atenta de tudo que rodeia os seres humanos, para assim, compreender a personalidade da paisagem.

Já desde os seus primeiros artigos publicados ele indicava o caminho pelo qual seguiria a Geografia Humanista, com uma proposta de interface com

as artes; tendo uma nova postura de pesquisa que tinha a filosofia existencialista como base; valorizando a experiência vivida na formação de imagem de mundo e investigando sobre como determinada paisagem pode variar conceitualmente no tempo e em diferentes culturas (HOLZER, 1992).

Uma das maiores contribuições de Tuan para os estudos do lugar, da percepção, atitudes e valores ambientais foi a criação do termo *topofilia*, “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vívido e concreto como experiência pessoal” (TUAN, 1980, p.5), que será novamente abordado na seqüência deste estudo.

Eric Dardel também foi muito importante para a formação da Geografia Humanista uma vez que associou a Filosofia com a Geografia, antecipando importantes questões epistemológicas levantadas pelos humanistas posteriormente. Dardel se opunha à redução da Geografia a uma simples disciplina científica e apregoava que ela deveria oferecer outro tipo de abordagem para compreender aqueles elementos da existência humana que não poderiam ser objeto de estudo da geografia positivista e objetiva.

O autor ainda contemplou pontos formadores da Geografia Humanista: a relação entre o homem e a Terra e as questões de distância e localização na formação dos conceitos de lugar e paisagem.

Paralelamente ao trabalho destes geógrafos acima citados, muitos outros ligados à Geografia Cultural e à Histórica interessavam-se pelo tema da percepção ambiental, que passou a figurar como um tema unificador, como será estudado mais detalhadamente a seguir. Estes geógrafos afastavam-se de seus campos originais e freqüentemente eram incluídos na Geografia do Comportamento e da Percepção – campos ocupados principalmente por geógrafos vindos da Geografia Analítica (MELLO, 1990).

Interessados em criar uma identidade própria, centrada na subjetividade das ações humanas como campo de pesquisa, estes geógrafos advindos das Geografias Cultural e Histórica, passaram a buscar uma base filosófica que os distinguisse dos demais, que ainda trabalhavam com a teoria do neo-positivismo e encontraram esta base filosófica na Fenomenologia.

A Geografia Humanista foi então reconhecida como campo autônomo da Geografia nos anos 1970, com a publicação de dois artigos, de Tuan e Buttimer e de um livro de Relph, que consolidaram as questões que vinham sendo tema

de debate desde o início da década, discutindo os caminhos da Geografia Humanista e da aplicação dos conceitos fenomenológicos no estudo do lugar, como se verá a seguir (HOLZER, 1992).

### 2.3. A GEOGRAFIA DA PERCEPÇÃO

Os estudos de percepção do meio ambiente iniciaram-se nos Estados Unidos, em Chicago, no começo de 1960, com o trabalho de geógrafos, arquitetos e urbanistas e representaram uma oportunidade de convergência para os geógrafos de diferentes linhas que tinham no estudo da percepção ambiental uma preocupação comum (CAPEL, 1973).

Estes estudos inserem-se na Geografia Humanista e, apesar do humanismo e da percepção sempre terem estado presentes nos estudos teóricos e práticos da Geografia, foi somente a partir de 1970 que eles passaram a contar com metodologia e campo teórico próprios (AMORIM, 1987).

A percepção ambiental já vinha sendo estudada na Geografia desde a década de 1940 com os trabalhos de Wright, Kirk e Gilbert White, porém foi David Lowenthal quem mais contribuiu para o início dos estudos da percepção ambiental dentro da Geografia. Com seu artigo *“Geography, experience and imagination”* (1961), Lowenthal abriu um novo campo para os estudos na área introduzindo na Geografia diferentes títulos de disciplinas como Psicologia, Sociologia e Filosofia, caracterizando o estudo da percepção como interdisciplinar desde o seu surgimento.

Outro texto que deu grande impulso ao estudo da percepção ambiental dentro da Geografia foi *“The image of the city”* (1960) do arquiteto americano Kevin Lynch. No livro, Lynch estuda três cidades americanas avaliando a percepção individual de seus moradores para formular a imagem pública de cada uma delas.

Durante esta época algumas escolhas de re-definições de conceitos geográficos foram feitas e foram eleitos os conceitos de lugar, ambiente fenomenal e comportamental, ambiente e mundo. Dentro desta base conceitual, a Geografia Cultural e a Histórica aproximaram-se da percepção ambiental, procurando integrá-la aos temas já tradicionais. Após a definição dos conceitos, foram elaboradas pesquisas empíricas adequadas, realizadas pioneiramente por Prince e Lowenthal em 1964 e 1965.

Um importante impulso nos estudos de percepção ambiental veio em 1965 com a realização do 61º. Encontro Anual da Associação dos Geógrafos

Americanos, onde foram apresentados trabalhos específicos sobre o tema no simpósio sobre percepção ambiental e comportamento. Dois anos mais tarde, a publicação na íntegra de alguns dos trabalhos apresentados, consolidou os estudos de percepção ambiental na Geografia (HOLZER, 1992).

Dentre os trabalhos apresentados e posteriormente publicados, destaca-se o de Tuan *“Attitudes toward environment: themes and approaches”* (1967), que foi um dos pioneiros na aproximação humanista para a Geografia. No artigo, Tuan aborda as diferentes aproximações humanistas:

- as atitudes do indivíduo em relação a um aspecto particular do ambiente;
- a atitude do indivíduo em relação a uma região;
- a concepção do indivíduo da sinergia homem-natureza;
- a atitude do povo (ou povos) acerca do ambiente;
- as cosmografias nativas;
- as atitudes em relação à natureza focalizando a atenção nas paisagens que adquiriram significado simbólico especial (HOLZER, 1992, p.120).

Além de Lowenthal e Tuan, outros geógrafos também se interessaram pelo tema de estudo das relações entre o homem e o meio ambiente e se aproveitaram da oportunidade da interdisciplinaridade e dos novos laços de união com as demais ciências humanas que este campo oferecia. Desta forma, os estudos da subjetividade passaram a figurar na Geografia tradicional americana, sendo este o despertar da Geografia Humanista, como visto anteriormente.

Pela parte da Geografia Cultural, autores como Buttimer, Parsons, Meineng e Guelke demonstravam insatisfação com a geografia puramente analítica e avançavam seus estudos na direção do estudo das subjetividades das relações entre homem e meio ambiente (HOLZER, 1992).

Como uma reação à Geografia Teórica e Quantitativa, a Geografia da Percepção se consolidou afirmando que “as pessoas se comportam no mundo real não a partir de um conhecimento objetivo desse mundo, mas com base em imagens subjetivas dele” (AMORIM, 1987, p.13).

Dentro da Geografia da Percepção aumentou a interação com a Psicologia e a Sociologia, e o suporte teórico e filosófico vindos da Fenomenologia e do Existencialismo baseavam-na nos valores e nas

representações mentais dos homens, tanto como sujeitos como grupos sociais (AMORIM, 1987).

Como foi visto, dentro deste contexto de formação da Geografia Humanista ocorreu a cisão entre os geógrafos analíticos e culturais que estudavam a percepção ambiental. Esta união, porém, abrangia muitas diferenças teóricas, práticas e epistemológicas e outros grupos foram criados para englobar estes estudos, tais como, Geografia Fenomenológica (Relph), Geografia Humana (Tuan) e Geografia Comportamental (Galé).

Já durante a década de 1980 o termo percepção ambiental era usado por poucos autores e afirmava-se cada vez mais a diferenciação entre a Geografia Humanista e a Comportamental. Esta insistindo em englobar a Geografia Humanista em seu campo de estudos e aquela procurando manter-se afastada, polemizando com a Geografia Comportamental (HOLZER, 1992).

Entre os termos mais empregados nos estudos de percepção ambiental encontram-se: atitude; cognição; imagem; paisagem; percepção; representação; valor; topocídio; topofobia e topofilia (AMORIM, 2003).

Dentre os conceitos acima citados destacam-se para este estudo:

- *Tofofilia*, termo criado por Tuan (1980, p.5) para expressar “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vívido e concreto como experiência pessoal”. A topofilia representa, ainda, aqueles lugares com paisagens representativas e atraentes, enquanto o seu contrário, a *topofobia*, representa lugares que, por alguma razão, repelem e/ou são considerados feio ou desagradáveis (AMORIM, 1996).
- *Paisagem*, que segundo Capel (1973, p.99) “não existe até que um pedaço de espaço terrestre receba um olhar humano que o ordene e o converta em tal” e complementa afirmando que este olhar não é passivo “mas pelo contrário, realiza uma função ativa de seleção e de valorização dos elementos que se integram formando a paisagem”.
- *Atitude*, que segundo Tuan (1980, p.4) é “primariamente uma postura cultural, uma posição que se toma frente ao mundo. Ela tem maior estabilidade do que a percepção e é formada de uma longa sucessão de percepções, isto é, de experiências. As atitudes implicam

experiência e uma certa firmeza de interesse e valor”. Ainda segundo o autor “à medida que a sociedade e a cultura evoluem com o tempo, podem mudar a atitude para com o meio ambiente – até inverter-se” (TUAN, 1980, p.86).

Tuan (1983, p.181) analisa que “objetos que são admirados por uma pessoa, podem não ser notados por outra. A cultura afeta a percepção”. Lowenthal (1985, p.125) corrobora com a análise de Tuan salientando que

as avaliações são afetadas profundamente pela sociedade e pela cultura. Cada sistema social organiza o mundo de acordo com a sua estrutura e exigências particulares; cada cultura filtra a percepção do meio ambiente em harmonia com seu estilo e técnicas particulares.

Segundo Lowenthal (1985, p.114) a percepção humana é restringida por circunstâncias físicas e biológicas: “nossa amplitude congênita de sensações é limitada, outras criaturas experienciam outros mundos além do nosso”. Assim, destaca o autor, a visão, a audição, as sensações, o tato, o olfato e o paladar balizam nossas percepções de mundo, diferenciando-nos dos animais e também diferenciando as percepções dentre os próprios seres humanos.

Outros fatores específicos para a compreensão das experiências dos seres humanos são o tempo com que percebemos as imagens e o espaço que percebemos. Como salienta o autor: “a melhor visão do mundo concebida pela mente humana é, no máximo, um quadro parcial do mundo – um quadro centralizado no homem” (LOWENTHAL, 1985, p.113).

Para este autor, cada visão particular do mundo é única por três razões:

1. porque cada pessoa habita um meio ambiente diferente, ou seja, da impossibilidade de dois corpos ocuparem ao mesmo tempo o mesmo lugar no espaço, resulta que cada indivíduo vê o mundo de forma diferente dos demais, pois nunca está sob a mesma base de visão;
2. porque ela é autocentralizada, “sou parte do seu meio ambiente, mas não do meu próprio, e nunca me vejo como o mundo me vê”;
3. porque cada um escolhe e reage ao meio de maneira diferente (LOWENTHAL, 1985, p.124).

A cultura humana determina quais elementos serão utilizados como recursos, como estes recursos serão empregados e pode prever quais impactos virão através do uso destes elementos e recursos. Assim ocorre também com a natureza e com as paisagens: é a cultura dos grupos humanos que possibilita que uma paisagem seja valorizada ou não. Esta valorização da paisagem por determinados grupos é, justamente, um dos fatores que tornam o Turismo um amplo campo de estudo para a Geografia, como se verá a seguir, com a Percepção Geográfica do Turismo.

### 2.3.1. A Percepção Geográfica do Turismo

Os estudos da Geografia do Turismo, mais especificamente, da Percepção Geográfica do Turismo, têm como base a Geografia Humanista e utilizam a abordagem da percepção, com fundamentos da Fenomenologia, que valorizam as experiências e as atitudes do homem em seu local de moradia e nos lugares visitados, os espaços turísticos.

O conhecimento do espaço geográfico não se prende exclusivamente ao geométrico, físico ou cinemático, ele se relaciona também ao psicológico, estudado pela percepção. A percepção geográfica do turismo tem considerado a perspectiva psicológica no conceito de espaço geográfico e oferece subsídios para um maior entendimento das pessoas com os espaços que vêm sendo organizados pelas atividades do turismo, encarado-as como um fenômeno social e geográfico. Para realizar os estudos de percepção geográfica do turismo, levam-se em consideração os valores culturais e comunitários, os relacionamentos interpessoais e entre as pessoas e o turismo.

Para o desenvolvimento da percepção, consideram-se a experiência e a visão do mundo, já que permitem a construção do espaço percebido do turismo. O indivíduo se integra ao local por meio de suas ações e percepções, assumindo “atitudes ao perceber seu mundo-vivido, modificado positivamente, ou de modo impactante pelo turismo” (XAVIER, 2005, p.8).

As abordagens utilizadas para o estudo da atividade turística pela Geografia têm sido duas em especial: *neopositivista*, com apoio de informações mensuráveis por meio de técnicas estatísticas, ou *crítica*, que considera a atividade turística um produto social resultante das condições econômicas,



sociais e políticas de hoje, visando, principalmente, a denúncia dos abusos cometidos contra o meio ambiente em nome do turismo.

No entanto, Xavier (2005, p.4) ressalta a importância de se considerar a abordagem da *percepção geográfica*, destacando “a importância dos fatores culturais e comunitários, a importância da percepção das pessoas na elaboração das paisagens e, ainda referenciar o mundo-vivido das pessoas que, de qualquer forma, estão envolvidas com o fenômeno turístico”.

O autor reflete que as maneiras como as pessoas percebem e avaliam os lugares turísticos são extremamente variadas e, do mesmo modo, “são inconstantes as atitudes das pessoas, pois refletem elas variações individuais, bioquímicas, psicológicas, antropológicas e, de modo relevante, seu estilo de vida” (XAVIER, 2005, p.6).

Concorda-se com o autor quando ele afirma que

desse modo, a percepção geográfica do turismo surge como uma das alternativas de estudo para melhor conhecer a conduta das pessoas em seu meio ambiente. Além disso, pode fornecer importantes subsídios para o conhecimento das relações entre o homem e a natureza e entre os grupos humanos que são envolvidos na atividade. Seus fundamentos são orientados pela percepção do meio ambiente, uma vez que essa estratégia oferece explicações das dimensões dos fatos geográficos e do arranjo espacial da paisagem geográfica, além de ser de fundamental importância para o conhecimento das preferências ambientais (XAVIER, 2005, p.4).

Tal análise cabe perfeitamente a esta pesquisa, uma vez que se utiliza o aporte da Geografia Humanista, com os fundamentos da Fenomenologia, para compreender como dois grupos heterogêneos (turistas que possuem segunda residência e moradores) percebem o local e se relacionam com ele.

Os estudos da Percepção Geográfica do Turismo são especialmente importantes para estudarem-se as comunidades dos centros receptores de turistas, pois estes estudos se preocupam em conhecer e explicar as atitudes e os valores da comunidade em relação ao local. Este centro receptor de turistas é o espaço no qual se desenvolvem, ao mesmo tempo, o mundo vivido da comunidade e o espaço turístico para o turista e onde, muitas vezes, coincide o espaço recreativo dos dois grupos.

As comunidades locais muitas vezes são desconsideradas durante o processo de planejamento, visto que em vários deles são empregadas visões técnicas, que não abrangem as atitudes, as condutas e os valores dos habitantes do local. Ocorre freqüentemente que a comunidade desconhece a atividade turística, não sendo capaz de aproveitar as oportunidades de desenvolvimento que ela pode oferecer para melhorar sua qualidade de vida. Sem compreender a atividade turística, a comunidade pode até trabalhar com ela, mas permanecerá sem atribuir-lhe valor (XAVIER, 2005).

Nas palavras de Capel (1973, p.62), “do ponto de vista da percepção do meio, o homem se move em uma série de esferas de amplitude crescente, ainda que de maneira perceptiva decrescente”. Assim, a capacidade de percepção decresce a partir do momento que o indivíduo se afasta do seu meio de atuação habitual e sobre o qual possui informações diretas, em direção a um meio mais distante, o qual percebe através de experiências ocasionais e sobre o qual recebe informações de fontes indiretas.

Esta análise de Capel (1973) é muito importante para a relação entre percepção do local e a atividade turística, uma das análises desta pesquisa, uma vez que o turista difere do morador de uma localidade justamente por não apresentar esta atuação habitual com o local e por receber informações em sua maioria por fontes indiretas, não tendo muitas oportunidades de estabelecer vínculos autênticos e tornar esta relação com o meio constante, e não apenas ocasional.

Normalmente a percepção do visitante se reduz a compor quadros da paisagem mas o nativo, ao contrário, apresenta uma atitude complexa, fruto de sua relação de total imersão com o meio ambiente. Para Tuan (1980, p.73),

o ponto de vista do visitante, por ser simples, é facilmente enunciado. A confrontação com a novidade também pode levá-lo a manifestar-se. Por outro lado, a atitude complexa do nativo somente pode ser expressa com dificuldade e indiretamente através do comportamento, da tradição local, do conhecimento.

Sobre esta relação entre o visitante e o lugar o autor afirma que os contatos do homem com a natureza, enquanto turista, são superficiais e pouco têm de autênticos, e prossegue dizendo que “o turismo tem uma utilidade social e beneficia a economia, porém não une o homem à natureza”. Para o autor, a

“apreciação da paisagem é mais pessoal e duradoura quando está mesclada com lembranças de incidentes humanos. Também perdura além do efêmero, quando se combinam o prazer estético com a curiosidade científica” (TUAN, 1980, p.109).

Desta forma, o prazer visual do turista reside muito mais no “sucesso” de suas relíquias obtidas durante a viagem, como as fotos, as lembranças e as entradas de parques e atrações, do que propriamente a visualização e apreciação da paisagem. Caso falhe a máquina fotográfica, toda a viagem corre o risco de falhar, ou, resumindo, quando falham as fotos é como se o próprio lugar visitado tivesse deixado de existir. Tuan analisa a apreciação da paisagem pelo visitante afirmando que:

a avaliação do meio ambiente pelo visitante é essencialmente estética. É a visão de um estranho. O estranho julga pela aparência, por algum critério formal de beleza. É preciso um esforço especial para provocar empatia em relação às vidas e valores dos habitantes (TUAN, 1980, p.74).

Porém pondera que muitas vezes o julgamento do visitante sobre o meio é válido, uma vez que oferece uma nova perspectiva, ainda não influenciada pelo dia-a-dia, nem pelas emoções da relação com aquele meio

beleza ou feiúra – cada uma tende a desaparecer no subconsciente à medida que ele aprende a viver nesse mundo. O visitante freqüentemente, é capaz de perceber méritos e defeitos, em um meio ambiente, que não são mais visíveis para o residente (TUAN, 1980, p.75).

Ou seja, ainda não influenciado pelas emoções em relação ao lugar, o turista expõe suas opiniões mais livremente, percebendo fatos e imperfeições do lugar que um morador já absorveu no seu dia-a-dia.

Na Figura 15 – Os Espaços e a Percepção do Meio Ambiente – apresentada na seqüência, vê-se a diferença de níveis de percepção do espaço conforme o homem se afasta do seu *meio de atuação habitual* em direção a um *meio de atuação ocasional*. Pode-se considerar este meio de atuação ocasional como a localidade turística visitada, na qual o indivíduo passa apenas alguns dias durante o seu tempo de férias e com a qual raramente estabelece alguma relação autêntica.

No centro da figura encontra-se o *meio de atuação habitual* (a casa, o trabalho), sobre o qual se tem informações diretas e relações cotidianas, desenvolvendo altos níveis de percepção. À medida que o indivíduo se distancia do centro, aumentando seu nível de amplitude de atuação, ele passa a perder sua capacidade de perceber o meio. As informações que recebe sobre o mesmo vêm cada vez mais de fontes indiretas (outras pessoas, escolas, livros, etc) e sua atuação neste meio é ocasional, tendo um baixo nível de percepção.

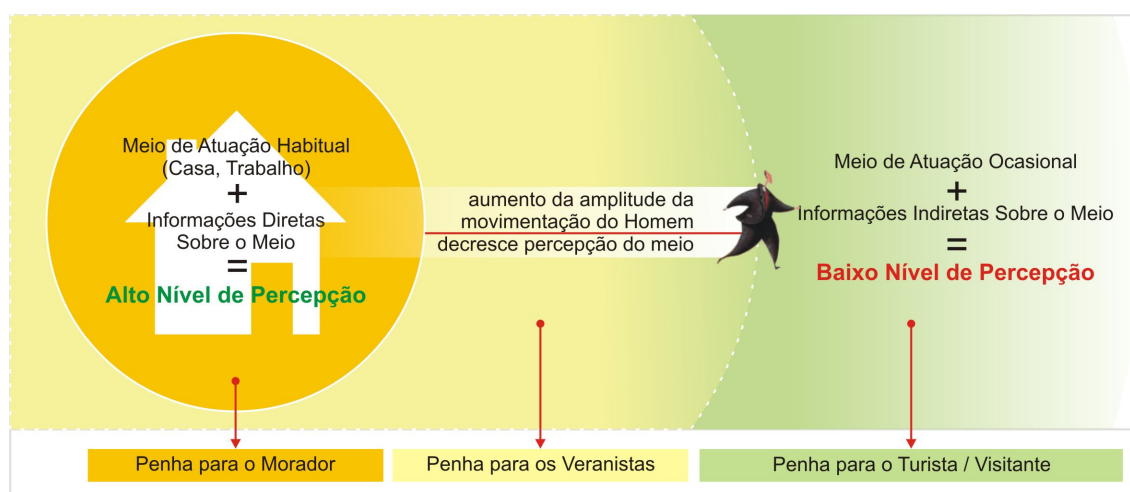


FIGURA 15 – OS ESPAÇOS E A PERCEPÇÃO DO MEIO AMBIENTE

Fonte: Adaptado de Capel (1973).

Para o morador, Penha é o meio de atuação habitual, no qual se encontra inserido no dia-a-dia, com informações diretas e alto nível de percepção. Afastando-se do centro do círculo, perde-se a capacidade de perceber o meio e aumenta-se a amplitude de atuação do homem. Nesta faixa enquadra-se o veranista, que tem uma certa vivência no local, mas ainda assim, tem seu meio de atuação habitual em outra localidade. Já para o turista, Penha é o meio de atuação ocasional, com o qual estabelece poucos vínculos e sobre o qual tem baixo nível de percepção.

Tais análises se complementarão na sequência do texto, com o estudo dos conceitos de lugar, espaço vivido, não lugar e espaço turístico. Como se verá, este meio de atuação habitual é o *lugar* e o seu extremo é o *espaço*, ou seja, "o que começa espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor" (TUAN, 1983, p.6). Com tais

conceitos será possível, ao final deste capítulo, ter figuras completas, que auxiliem na análise das entrevistas com os moradores e turistas, uma vez que serão a síntese dos tópicos abordados, em relação ao lugar, ao espaço e às diferentes relações do homem com o local.

## 2.4. O LUGAR COMO REFERÊNCIA ESPACIAL

O lugar é a unidade espacial e a categoria de análise mais importante dentro da Geografia Humanista. É no lugar onde as pessoas depositam suas experiências e anseios, onde vivem o seu cotidiano, desenrolam suas paixões, onde mantém relações simbólicas, identitárias e históricas do grupo social que ali reside. É onde o indivíduo se encontra ambientado, integrado, “não é toda e qualquer localidade, mas aquela que tem significância afetiva para uma pessoa ou grupo de pessoas” (CHRISTOFOLETTI, 1985, p.22).

Para Tuan (1983, p.6), o lugar é sinônimo de segurança e, a partir dele, sentimo-nos seguros para alçar vôos distantes, rumo ao desconhecido: “a partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da amplidão, da liberdade e da ameaça do espaço, e vice-versa”.

Segundo o autor, espaço e lugar diferem pelo fato de que o espaço é mais abstrato do que o lugar. O espaço começa indiferenciado, sem valor ou relações com o indivíduo. Na medida em que o indivíduo dota o espaço de valor e estabelece vínculos emocionais, ele se torna lugar (TUAN, 1983). Mello (2005) faz um interessante jogo de opostos para simbolizar o lugar e o espaço:

os espaços dos homens guardam mistérios, dores e desesperanças. Os lugares, o aconchego, o trabalho, as festas, os atritos e as recordações. Ao percorrermos os espaços nos deparamos com labirintos e na desenvoltura da travessia dos lugares amplos ressonam o alarido e o corre-corre das pessoas, o rufar dos tambores e o toque mágico dos sinos. Dos espaços sufocados pela escuridão, escapamos para a extrema luminosidade dos lugares, conduzidos pela arte, revestida de abnegação, labor e prazer, oferecidos e consagrados pelos indivíduos e grupos sociais.

Para Lowenthal (1985, p.136), “raramente diferenciamos entre pessoas, *lugares* ou coisas, até que tenhamos um interesse sobre elas”. Isto faz com que o lugar esteja associado às experiências pessoais, íntimas, que se alteram de indivíduo para indivíduo e de cultura para cultura. De acordo com Tuan, “muitos lugares, altamente significantes para certos indivíduos e grupos, têm pouca notoriedade visual. São conhecidos emocionalmente, e não através do olho crítico ou da mente” (1983, p.180).

A *criação* de um lugar depende então da experiência, que para Tuan é “um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade”. Esta realidade não diz respeito, necessariamente, a um longo tempo de duração, pois, como afirma o autor, “viver muitos anos em um lugar pode deixar na memória poucas marcas que podemos ou desejaríamos lembrar; por outro lado, uma experiência intensa de curta duração pode modificar nossas vidas” (TUAN, 1983, p.9, 204).

Assim, a formação do lugar para o indivíduo depende da relação que ele tem com o mesmo, através da experiência, das brincadeiras no espaço coletivo, da convivência com os demais, da sensação de apego, de bem-estar, de sentir-se em casa.

Como o lugar depende da atribuição, por parte de um indivíduo ou grupo, de valores e afetividade, tal lugar pode deixar de ser “lugar”, se ocorrer uma mudança nestes valores, conceitos e aparecerem novas normas de conduta. Isto significa que os lugares podem ser eternos, mas também transitórios, já que assim como se transforma um espaço em lugar, este lugar também pode voltar a ser espaço, através das “metamorfoses operacionalizadas pelos homens no incessante monta-e-desmonta e na “destruição criativa” dos mais diversos recantos e, por outro lado, aos nossos valores, ambigüidades e temores” (MELLO, 2005).

Em relação ao tempo que se leva para conhecer um lugar Tuan (1983, p.203, grifo da autora) afirma que:

o homem moderno se movimenta tanto, que não tem tempo de criar raízes; sua experiência e apreciação de lugar é superficial. [...] “sentir” um lugar leva mais tempo: se faz de experiências, em sua maior parte fugazes e pouco dramáticas, **repetidas dia após dia e através dos anos**. É uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais.

Seguindo este raciocínio não se pode denominar uma localidade turística de lugar, pois há a necessidade de “repetição” no encontro com o lugar. Se o turista apenas percorre uma vez as ruas de uma determinada cidade, como chamá-la de lugar? Por sua vez, aquele turista que ao longo dos anos visita a mesma cidade, percorre diversas vezes os mesmos caminhos,

relaciona-se com as pessoas da comunidade e cria vínculos com espaço, tem mais condições de estabelecer um relacionamento afetivo com o local, que, para ele, deixa de ser um espaço e torna-se um lugar.

Carlos (1999, p.28) considera que a relação entre o homem e o lugar depende de ambos: “aí o homem se reconhece porque aí vive. O sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar se liga indissociavelmente à produção da vida”.

Uma característica do lugar é a valorização que o indivíduo lhe confere. Segundo Tuan (1983, p.44), “as pessoas, em todos os lugares, tendem a considerar sua terra natal como o ‘lugar central’, ou o centro do mundo”.

Como base da reprodução da vida, o lugar pode ser analisado pela tríade *habitante-identidade-lugar*, que aponta a valorização do corpo, que habita e se apropria do espaço. O homem percebe o mundo através do seu corpo, de seus sentidos, apropriando-se do espaço e tornando-o lugar. Desta forma, somente os espaços “apropriáveis”, como a rua, o bairro, a praça, é que poderiam se tornar lugares, ou seja, pontos de referência e identidade. A cidade ou a metrópole não podem ser lugares porque não podem ser apropriadas pelos sentidos por completo. Somente uma pequena cidade ou uma vila poderiam ser completamente reconhecidas e apropriadas, tornando-se lugares ou, ainda, parte destas grandes cidades, como bairros (CARLOS, 1996).

São as experiências vividas cotidianamente pelos indivíduos nos seus locais de moradia, trabalho, lazer e de fluxo que fazem com que os espaços se tornem lugares, tendo “uma conotação de pertinência por pertencer à pessoa e esta a ele, o que confere uma identidade mútua, particular aos indivíduos” (MELLO, 1990, p.102). Buttimer (1985, p.166) ressalta a importância do lar na construção do lugar afirmando que

habitar implica mais do que morar, cultivar ou organizar o espaço. Significa viver de um modo pelo qual se está adaptado aos ritmos da natureza, ver a vida da pessoa como apoiada na história humana e direcionada para um futuro, construir um lar que é o símbolo de um diálogo diário com o meio ambiente ecológico e social da pessoa.



De acordo com Tuan (1980, p.249), “o bairro é o distrito no qual nos *sentimos em casa*”. Quando o morador está feliz e realizado com seu bairro ele o valoriza e defende sua integridade, visto que ele passa a representar um estilo de vida, demonstrando uma identidade própria. Esta satisfação vem muito mais da satisfação com os vizinhos, através da amizade e da respeitabilidade desenvolvidas, do que das características físicas e arquitetônicas da área.

O lugar abordado nesta pesquisa é a praia de Armação do Itapocorói. Neste lugar, como se viu no Capítulo 1, ocorre a valorização da cultura, das festas populares, da pesca artesanal, mantidas pela comunidade do bairro, por meio de seus laços de amizade e interesses comuns.

A praia é um lugar também se considerada em relação ao município, pois muitos moradores a consideram um “lugar à parte”, especial, distinto dos demais bairros de Penha, referindo-se às questões de deslocamento como “vou à Penha” ou “vou à Armação”. Esta diferença de tratamento, como se Armação não pertencesse à Penha, tem sua origem na própria história local, visto que Armação foi o primeiro povoado da região, que se desenvolveu com a caça da baleia e, quando entrou em decadência, perdeu sua importância para a comunidade da Penha, que assumiu a liderança como sede do município. Esta relação Penha vs. Armação será abordada novamente no capítulo da Análise das Entrevistas.

#### 2.4.1. O Espaço Vivido

O espaço vivido é um dos enfoques com o qual a Geografia Humanista aborda o espaço e que permite ao pesquisador compreender como nasce a magia dos lugares, o encantamento e o amor, o esnobismo e a indiferença (Mello, 1990).

Para Frémont (apud Holzer, 1992, p.437), “o ‘espaço vivido’ é aquele dos homens, freqüentado, visto e experimentado por eles em toda sua densidade de homens”. Machado (1996) considera que os significados do mundo vivido não são claros ou óbvios, eles têm que ser descobertos através de um vínculo com a paisagem e o lugar, a fim de que estes não sirvam

apenas como cenários ou panos de fundo, desprovidos de sentimentos e relações.

O mundo vivido de cada pessoa está organizado em círculos concêntricos que se distanciam conforme o indivíduo se afasta do lar, bairro, cidade, região ou nação (BUTTIMER, 1985).

Ainda que o homem contemporâneo seja extremamente móvel, experimentando diferentes lugares através de redes de interação social e comercial, ele está sempre em busca do lar, refúgio de aconchego, luz e felicidade. Isto porque no seu espaço vivido está o seu lar, o seu lugar, onde ocorrem as pausas, os movimentos, a morada, os conflitos, os sonhos e os devaneios (MELLO, 2005).

É no mundo vivido de muitas pessoas ao redor do planeta onde se desenvolvem, também, as atividades turísticas. O lar do morador é o espaço turístico do turista, fato este que gera conflitos devido às diferenças de atitude em relação ao local. Enquanto para o morador o lugar é o *lar*, para o turista ele é *cenário*. Estas relações serão aprofundadas na seqüência do trabalho (XAVIER, 2005).

#### 2.4.2. A Criação do Não-Lugar

Assim como se estuda o lugar, que está repleto de significados de afetividade entre o espaço e o homem, estuda-se o não-lugar, *placelessness*, conceito desenvolvido por Relph (1976), que também pode ser traduzido como 'deslugar' ou 'ausência de lugar'. O não-lugar, de acordo com Carlos (1996) não é a antítese do lugar, nem sua negatividade ou sua ausência. Trata-se de uma relação contraditória entre o valor e o uso do espaço, que atua cada vez mais como mercadoria. Segundo a autora:

cada vez mais o espaço é produzido por novos setores de atividades econômicas como a do turismo, e desse modo praias, montanhas e campos entram no circuito de troca, apropriadas, privativamente, como áreas de lazer para quem pode fazer uso delas (CARLOS, 1999, p.25)

As cidades turísticas, procurando atender aos anseios dos turistas ávidos por novidades e consumo, acabam por tornar-se somente objeto,

ofertando atrativos artificiais. Neste processo ocorre o *estranhamento* por parte dos que vivem nesta área turística, porque já não reconhecem mais o seu lugar de moradia que fica desconfigurado. Ocorre também a transformação de tudo em *espetáculo* para o espectador–turista, visto que, segundo Carlos (1999), tudo o que a atividade turística toca, transforma em artificial, ilusório, que o turista consome com passividade, alienado da realidade. Desta forma segundo a autora,

esses dois processos [estranhamento e espetáculo] apontam para o fato de que ao vender-se o espaço, produz-se a *não-identidade* e, com isso, o *não-lugar*, pois longe de se criar uma identidade produz-se mercadorias para serem consumidas em todos os momentos da vida, dentro e fora da fábrica, dentro e fora do ambiente de trabalho, nos momentos de trabalho e de não-trabalho (CARLOS, 1999, p.26)

Diante da artificialidade dos atrativos produzidos pelo turismo, a autora aponta o vazio, a ausência, os não-lugares, visto que não reproduzem a relação entre o espaço e a sociedade, não estabelecem vínculos de identidade entre a comunidade e o lugar, não propiciam a construção de uma rede de significados e sentidos que se produzem na história das relações e da cultura do homem e do lugar. Assim sendo,

o não-lugar não é a simples negação do lugar, mas uma outra coisa, produto de relações outras: diferencia-se do lugar pelo seu processo de constituição, é nesse caso produto da indústria turística que com sua atividade produz simulacros ou constroem simulacros de lugares, através da não-identidade, mas não pára por aí, pois também se produzem *comportamentos e modos de apropriação* desses lugares (CARLOS, 1999, p.29).

O que ocorre então é a transformação das horas de não trabalho, do tempo livre, em mercadoria. O lazer, a cultura, o turismo viram mercadorias, que se apropriam dos lugares produzindo não-lugares: “o turismo cria uma idéia de reconhecimento do lugar mas não o seu conhecimento, reconhecem-se imagens antes vinculadas **mas não se estabelece uma relação com o lugar**, não se descobre seu significado” (CARLOS, 1999, p.31, grifo da autora).

Como o mundo está globalizado, globaliza-se também a paisagem. Pode-se recriá-la, reproduzi-la em diferentes partes do mundo sem perder suas características essenciais. Florestas são montadas dentro de shopping centers e parques imitam ecossistemas completos com a intenção de suprir as necessidades dos consumidores de lazer. O mundo real é encenado e simulado. As paisagens são *clonadas* através da criação de não-lugares (SERPA, 1999).

Xavier (2005, p.11) analisa que os não-lugares são um reflexo dos tempos de pós-modernismo, no qual tudo é efêmero e volátil, podendo ser substituído rapidamente. As réplicas são feitas com perfeição e no turismo tal fato também se observa, com os não-lugares, “perfeitas imitações do real, constituindo fortes atrativos turísticos”. No outro extremo do não-lugar está o natural, que valoriza a autenticidade do lugar e a participação da comunidade nas decisões dos projetos turísticos.

Em relação a esta perda da “autenticidade” dos lugares Christofolletti (1985, p.23) faz o seguinte questionamento: “quantos lugares nos encantam pelo típico que possuem?”, e o próprio autor responde argumentando que:

com a expansão cada vez maior da tecnologia, da massificação, das facilidades de transporte e da organização do consumo, encontramos elementos idênticos em quase todas as localidades. Os mesmos cartazes de propaganda, os mesmos produtos alimentícios, os mesmos meios de transporte, os mesmos tipos de construções e edifícios, as mesmas figuras para o divertimento infantil são encontradiços de modo generalizado, nas grandes e pequenas cidades, nas mais variadas regiões e países. Isso representa o processo de universalização, o da descaracterização dos lugares.

Na construção do não-lugar os pacotes turísticos têm papel especial, visto que padronizam o comportamento, transformando o turista em mero consumidor, não propiciando a oportunidade da experiência autêntica, delimitando horários, lugares de visitação e protegendo o turista de tudo o que poderia ser verdadeiro, inclusive dos próprios percalços da viagem. Para Carlos (1999, p.34),

o olhar viaja através da paisagem sem nada efetivamente notar, sem nada observar, conhecer, lugares assépticos sem

cheiro, sem vida, imagens fugidias que se sucedem num fluxo de informações que se embaralham pelo excesso, pela diversidade, porque não são vividas, vivenciadas, vêm de fora para dentro, exteriorizam-se, pois o sujeito não se apropria – é preciso seguir os passos ao contrário, inverter o roteiro, perder-se nos lugares.

Desta forma, o *não-lugar* seria aquele ambiente desprovido de identidade, de sentimento, criado à parte da sociedade local e a *clonagem do lugar* seria um passo adiante, quando todos os elementos são copiados e “clonados” de um lugar para outro, recriando paisagens indistintamente, compondo cenários que têm como preocupação agradar ao consumidor e que fiquem “bem na foto”.

Um parque temático além de ser um não-lugar, pois se situa fora do mundo vivido, sendo um produto da indústria de consumo do lazer e do turismo, é a soma de vários lugares clonados, pois tenta reproduzir em um único ambiente situações diversas como um ambiente de uma savana africana, um faroeste americano, um reino da Idade Média, tudo isto ao lado de um zoológico, formando imagens desconexas que só se encontram (e se justificam?) na imaginação do consumidor.

Neste estudo, a praia de Armação do Itapocorói é o *lugar*, repleto de valores, experiências, memórias, vida cotidiana, significados e afetividade, enquanto o parque Beto Carrero é o *não-lugar*, um mundo criado à parte da história, da cultura e da vida local, que não representa um reflexo da comunidade ali existente em nenhum de seus aspectos (cultural, arquitetônico, entre outros), mas é uma soma de imagens, e personagens *clonados* que se transformam em mercadorias, em atrativos para os turistas-consumidores, que sempre esperam mais e estão ávidos por novidades.

#### 2.4.3. O Espaço Turístico

Atualmente o turismo é uma das atividades econômicas mais importantes do mundo, ficando atrás somente da indústria de armamentos e de petróleo. Seus impactos e desdobramentos em diferentes setores como cultura, economia, meio ambiente e sociedade, despertam o interesse cada vez maior de pesquisadores no mundo todo, que dedicam estudos científicos sérios

para uma área antes considerada elitista e frívola. A Geografia é um dos campos de conhecimento que mais se destaca nos estudos da atividade turística e uma das maiores contribuições dos geógrafos para o estudo do turismo foi a formulação do conceito de “*espaço turístico*”.

A atividade turística age sobre três territórios específicos: áreas emissoras de turistas, áreas de deslocamento e áreas receptoras. Estas últimas são os *espaços turísticos*, produzidos ou que reformularam espaços anteriormente ocupados por outras atividades. Trata-se do espaço “consumido” pelo turista e interesse desta pesquisa (RODRIGUES, 1997).

O turismo é uma atividade integrada no cotidiano de boa parte da população economicamente ativa, que encontra nas viagens uma forma de “fugir” das atividades do dia-a-dia, desligando-se do ritmo angustiante da vida urbana, do comum das tarefas diárias, buscando novas experiências e sensações. Os espaços escolhidos pelos turistas para serem seus destinos de férias são percebidos, então, como a antítese do espaço cotidiano e um dos espaços que mais atrai turistas pela sua capacidade de ser percebido como a antítese do cotidiano é o espaço litorâneo, que oferece o sol e a praia como ideais de lazer e descanso no imaginário social, justamente como a praia objeto deste estudo (TUAN, 1980).

De acordo com Cruz (2000, p.17),

nenhuma outra atividade consome, elementarmente, espaço, como faz o turismo e esse é um fator importante da diferenciação entre turismo e outras atividades produtivas. É pelo processo de consumo dos espaços pelo turismo que se gestam os territórios turísticos.

Para Rodrigues (1997, p.43), a “dificuldade para se definir o espaço turístico está basicamente em captar o peso ou a força que essa atividade exerce na produção do espaço”, isto porque existem espaços com vocação turística, que surgem espontaneamente, e outros que são produzidos pelo turismo e para o turismo, apesar de nada ao redor apontar como favorável para a produção de tal espaço.

Com a expansão do turismo no mundo multiplicaram-se estes núcleos turísticos concebidos de forma artificial desde o seu princípio, porém dotados de todos os elementos que compõem um espaço turístico, que para Rodrigues

(1997, p.45) são: “oferta turística, demanda, serviços, transportes, infraestrutura, poder de decisão e de informação, sistema de promoção e comercialização”.

Para a autora,

o espaço turístico, como todo espaço geográfico, não pode ser definido por fronteiras euclidianas, mesmo porque pelo menos um dos seus elementos básicos lhe é exterior – a demanda. Embora sem fronteiras definidas com base em alguns componentes dito abstratos porque são difíceis de serem avaliados, tais como a fluência do capital financeiro ou a influência da mídia na sua composição imagética, não se pode negar a concretude do espaço turístico expressa pelo seu território, que, todavia, não representa a totalidade espacial (RODRIGUES, 1997, p.45).

Cruz (2000, p.18) com base nos estudos de Knafou (1996) refere-se ao espaço apropriado pelo turismo como *território turístico*, visto que território “corresponde ao espaço funcionalizado, apropriado por determinados atores sociais (que lhe atribuem determinadas funções), num dado período histórico”. Dentro do território turístico a autora separa três possibilidades distintas: o território sem turismo; o turismo sem território e o território turístico.

O primeiro caso, *território sem turismo*, refere-se àqueles lugares que não fazem parte do mundo do turismo, visto que não foram valorizados pelos turistas, pelo mercado ou pelos planejadores. Como a atividade turística ocorre devido à valorização de determinados atributos que são social, econômica e socialmente cambiáveis, é possível que um território sem turismo atual mude para território turístico com o passar do tempo.

O caso do *turismo sem território* é o que os autores também denominam de enclaves (PEARCE, 1990), bolhas (URRY, 1996) ou não-lugares (AUGÉ, 1994; SERPA, 1999; CARLOS, 1996). De acordo com Cruz (2000, p.19) “esses casos não significam, na verdade, formas de turismo sem território, mas sim um tipo de turismo descolado de seu entorno, independente de atributos naturais e socioculturais dos territórios em que se insere”.

Estes territórios alheios aos seus entornos espalham-se por todas as partes do globo, confirmando-se como uma tendência da expansão da atividade turística no mundo. Este tema já foi abordado anteriormente quando foram vistos os não lugares e os lugares clonados, e o parque Beto Carrero

World insere-se neste contexto sendo um empreendimento deslocado, independente do seu entorno, atópico.

O terceiro caso, dos *territórios turísticos*, refere-se àqueles territórios criados e produzidos pelos turistas e que, após estas escolhas, recebem o devido tratamento por parte dos agentes produtores do turismo. Estes territórios caracterizam-se por abrigar o confronto entre a territorialidade sedentária dos moradores e a territorialidade nômade dos turistas, que, independente do tempo gasto no território, também se apropriam dele como o morador (CRUZ, 2000).

Penha e suas 19 praias são, por sua vez, territórios turísticos pois, como foi visto em seu histórico, trata-se de um espaço com vocação turística que surgiu espontaneamente, onde primeiro ocorreu o interesse por parte dos turistas e pouco a pouco houve a interferência dos agentes produtores do turismo, apresentando este conflito sazonal entre a sedentaridade do morador e o nomadismo do visitante e do turista.

Dentro desta relação porém, existem duas formas distintas de relação entre turistas e território nos *territórios turísticos*. Uma é o chamado *turismo de hotelaria* que “não estabelece vínculos territoriais permanentes com o espaço do ócio a que se dirige” (CRUZ, 2000, p.23), visto que é fugaz, transitório e efêmero em suas relações com o ambiente e com as pessoas ao redor. A maior preocupação do turista não é *conhecer* o lugar, mas passar pelo maior número de lugares, garantindo assim o “sucesso” de sua viagem.

A outra forma de relação com o território é a *segunda residência*, que oportuniza a criação de vínculos territoriais-psicológicos devido ao uso permanente e constante de um mesmo espaço. Para Cruz (2000, p.24),

a posse do meio de hospedagem e a reincidência da visita instigam uma relação mais duradoura e menos fugidia entre turista e território turístico, o que o turismo de hotelaria dificilmente poderia estimular.

Como ocorre um uso repetido do lugar cria-se “alguma forma de vínculo territorial e psico-sociológico” (TULIK, 1998, p.202), tema que remete aos laços afetivos com o lugar, a topofilia e que será abordado novamente no Capítulo 3,



quando for estudada a atividade turística no município de Penha e no Capítulo 4, com as análises das entrevistas.

#### 2.4.4. O Lugar, o Não-lugar e o Espaço Turístico: as múltiplas relações do homem com a praia de Armação do Itapocorói

Na seqüência do trabalho analisam-se as Figura 16 e 17 - O Lugar, os Espaços e a Percepção do Local, do Ponto de vista do Morador e do Turista, respectivamente. Trata-se de uma análise prévia realizada com base nas leituras feitas e na vivência do local. Estas figuras auxiliarão na análise das entrevistas com os moradores e turistas, uma vez que são a síntese dos tópicos abordados neste Capítulo, em relação ao homem, ao lugar e ao espaço. Ressaltam-se alguns aspectos importantes que influenciaram na confecção das figuras:

- a afetividade faz com que o lugar localize-se no centro da figura (Tuan, 1983);
- o espaço é amplo e aberto, enquanto o lugar é pequeno e fechado;
- não-lugar, espaço turístico, espaço e lugar se mesclam, visto que não representam as mesmas coisas para indivíduos ou grupos diferentes.
- adotam-se os diferentes termos *visitantes*, *turistas* e *veranistas* para representar, respectivamente, aqueles indivíduos que vão somente ao parque, aqueles que visitam o município por alguns dias durante as férias hospedando-se em hotéis ou pousadas e aqueles que possuem segunda residência.
- consideram-se nas Figuras 16 e 17 os diferentes termos atribuídos a lugar, espaço e não-lugar – Tuan (1983), Buttimer (1985), Mello (1990), Amorim (1996), Carlos (1999), Cruz (2000) e Xavier (2005);
  - **Lugar:** aconchego, sensação de paz, recortado afetivamente, fruto da experiência, enraizamento, amizade, lar, fechado, íntimo, humanizado, conforto, segurança, significância, cotidiano, mágico, paz, experiência contínua, egocêntrico, ponto de referência, simbolismo e identidade.

- **Espaço:** feio, sem vida, rejeitado, ameaça, amplidão, desconhecido, temido, desconforto, medo, repulsa, liberdade (a única palavra relacionada com espaço com conotação positiva).
- **Não-Lugar:** descolado, artificialidade, sem vínculos de identidade com o lugar, imitação do real e réplica.

- Ponto de Vista do Morador

Analisando a Figura 16 do ponto de vista do morador, a Praia de Armação do Itapocorói é o *lugar*, onde está o seu mundo vivido. É ali onde se desenrolam os fatos do cotidiano, onde se concentra sua história e da sua comunidade, é o lugar que ele chama de *lar*. O lugar é representado na figura como um círculo fechado, que representa a segurança, enquanto o espaço é aberto, livre, sendo que é tudo o que rodeia o lugar.

Dentro deste lugar o morador percebe que determinadas porções do território são eleitas por turistas e veranistas para usufruírem o seu tempo de lazer, são os *espaços turísticos*. Não se trata de qualquer trecho do município, mas apenas a praia, a faixa litorânea que, como foi visto no Capítulo 1, era o lugar de moradia e trabalho dos pescadores que aos poucos foi se transformando com as construções das segundas residências e a implantação da infra-estrutura turística.

Ressalta-se o fator de atração exercido pelo mar, já que, como foi visto, o espaço litorâneo é considerado a antítese do espaço do cotidiano no imaginário social e que, juntamente com as melhorias nos transportes e nas vias de acesso – entre outros fatores já mencionados –, consolidaram a praia de Armação do Itapocorói como local de veraneio.

Esta faixa litorânea que é do morador durante todo o ano é “emprestada” aos turistas e veranistas durante as férias ou feriados, ou seja, o mundo vivido do morador é o espaço turístico do turista, onde ele pretende realizar suas atividades de lazer. O espaço de recreação – o mar, a praia – é o mesmo para ambos os grupos.

Ocorre, assim, o confronto entre a territorialidade sedentária dos moradores e a territorialidade nômade dos turistas, que, independente do tempo gasto no local, também se apropriam dele como o morador.

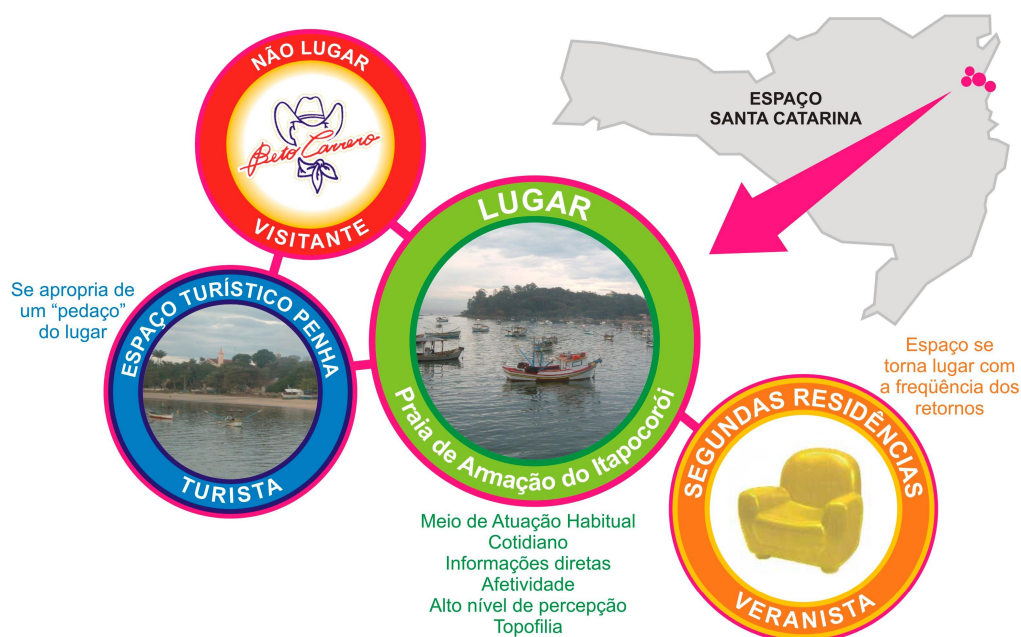


FIGURA 16 – O LUGAR, OS ESPAÇOS E A PERCEPÇÃO DO LOCAL  
– PONTO DE VISTA DO MORADOR

Fonte: Mônica Krieger Goulart, 2006.

Ainda dentro do lugar, o morador encontra um *não-lugar*, o parque Beto Carrero World, que em nada reflete os valores, a história ou a cultura da comunidade. O parque é o maior anunciante em propagandas do município, tornando-se o ponto turístico que mais atrai visitantes, mas não relaciona o não-lugar ao lugar em seus anúncios. Como se viu na Figura 5 – Croqui de localização do parque, nem mesmo o nome de Penha consta no desenho.

É um empreendimento que trabalha com a fantasia do visitante, que busca fazê-lo sonhar e tirá-lo da realidade, transportando-o para um mundo de sonhos e magia. Como esta é sua proposta e como de fato a atinge, o parque se torna, por conta de sua própria natureza e objetivo, um lugar à parte, um não-lugar, fora do contexto do lugar aqui estudado, a praia de Armação do Itapocorói.

Ou seja, o morador tem ao mesmo tempo o *não-lugar*, cheio de artificialidade e o *lugar*, natural, autêntico, do qual participa a comunidade. O não-lugar, como foi visto, não estabelece vínculos de identidade entre a comunidade e o lugar e, neste caso torna-se ainda mais claro este isolamento do empreendimento em relação ao local por conta de que muitos dos visitantes do parque utilizam-se de pacotes turísticos que padronizam o comportamento, transformando o turista em mero consumidor, não propiciando a oportunidade da experiência autêntica, delimitando horários, lugares de visita e protegendo o turista de tudo o que poderia ser verdadeiro (CARLOS, 1999).

Conforme o morador se afasta do lugar, ele observa locais diferentes que são conhecidos, mas não experimentados no dia-a-dia. Trata-se do restante do município, das demais praias, das cidades próximas como Itajaí, Navegantes e Piçarras, com as quais ele mantém um relacionamento mais ou menos constante. Afastando-se mais do seu lugar, o que o morador tem é um *espaço*, sobre o qual atua esporadicamente e com o qual não desenvolve laços afetivos.

#### - Ponto de Vista do Visitante, Turista e Veranista

Como ressalta Tuan (1980), o ponto de vista do visitante em relação ao local é facilmente enunciado por ser simples, visto que seu contato com o mesmo é superficial, pouco autêntico e que suas avaliações são baseadas na estética, na beleza e na aparência. Já o ponto de vista do morador, ao contrário, é complexo, pois se baseia no conhecimento, na tradição e nos valores em relação ao lugar. Por conta disto, a Figura 17 apresenta menos informações a respeito do espaço e do lugar.

Por parte do turista não há muita distinção entre lugar, espaço vivido, espaço turístico e não-lugar, visto que para ele o município é todo um *espaço turístico*. Para o visitante do parque a questão é ainda mais “simples”: ele sai de uma rodovia e entra diretamente em um estacionamento e, dali para a bilheteria e para o mundo de sonhos e fantasias proposto pelo parque. O visitante não tem tempo nem possibilidade de conhecer a praia de Armação do Itapocorói e muito menos o município, ficando com a imagem de que Penha é o parque Beto Carrero World.



FIGURA 17 – O LUGAR, OS ESPAÇOS E A PERCEPÇÃO DO LOCAL  
– PONTO DE VISTA DO VISITANTE, TURISTA E VERANISTA

Fonte: Mônica Krieger Goulart, 2006.

Para aquele turista que se hospeda poucos dias no município, o interesse em conhecer todas as praias da região e a possibilidade de estender suas atividades de lazer às demais cidades próximas fazem com que o espaço turístico não deixe de ser *espaço*, ou seja, ele continuará desconhecido, sua gente apenas a comunidade receptora, sua cultura apenas interessante se for exótica e consumível.

Por outro lado – como no caso do turista que possui uma segunda residência, o chamado veranista –, quando repetida mais vezes a estada, com mais tempo dedicado à praia, interagindo mais com a comunidade, estabelecendo laços afetivos com o local e desejando retornar mais vezes, é provável que para este turista, o *espaço turístico praia de Armação do Itapocorói* se transforme em *lugar*. É o início do amor pelo lugar, a topofilia. Na figura, o veranista aparece representado por uma poltrona, sinônimo de conforto e de “sentir-se em casa”.

Não se descarta que um visitante em poucos dias estabeleça laços afetivos com a praia objeto de estudo desta pesquisa, mas compreende-se que, com os sucessivos retornos e mesmo com as devidas preocupações de ordem prática que a posse de uma segunda residência acarretam na vida do veranista – como segurança, pagamentos de contas diversas, entre outros –, faz com que ele tenha uma relação de maior intensidade afetiva com o lugar.

Da mesma forma, também é possível que ocorra o contrário: mesmo freqüentando diversas vezes a mesma localidade, ou morando nela, o veranista ou o morador não desenvolva qualquer relacionamento afetivo com o lugar, sendo que este não deixa de ser apenas espaço. Ressalta-se, porém, que tal fato não foi registrado, nem com moradores nem com veranistas, como se verá no Capítulo 4, com as análises das entrevistas.

Para o veranista, turista ou visitante, voltar para casa – a primeira residência ou residência permanente – é o momento de retorno para o ambiente de atuação habitual, o que lhe garante conforto e segurança:

quando uma pessoa retorna de viagem de uma outra localidade e à medida que o lugar ou lar se aproxima, ela começa a ter a sensibilidade aguçada, em um reencontro seguro e empático consigo mesma, o que demonstra que a sensação de mudança de espaço para lugar é, evidentemente, experienciada por qualquer cidadão (MELLO, 1990, p.106).

Tal re-encontro com o lar, seu espaço cotidiano, é importante porque finaliza o ciclo das férias, de sair para se distanciar do dia-a-dia rotineiro, mas voltar para ele e para a sua estabilidade no final das férias. Nota-se, na Figura 17, o distanciamento e a falta de ligação entre o espaço turístico e o espaço cotidiano do turista, seu lar, seu lugar.

No Capítulo 4 esta síntese será retomada para auxiliar na análise das entrevistas. A seguir é apresentada a atividade turística de uma maneira geral e um recorte do turismo em Penha e em Armação do Itapocorói.

### 3. O TURISMO

Fazer turismo é viajar até muito longe  
em busca do desejo de regressar para casa  
(George Elgozy)

Já tendo estudado o município de Penha no Capítulo 1 e a Geografia Humanista, com seu aporte fenomenológico, a categoria de análise lugar e não-lugar, no Capítulo 2, pretende-se neste Capítulo 3 abordar-se, primeiramente, o turismo como uma atividade de lazer moderna e organizada e suas diferentes conceituações, procurando demonstrar toda a complexidade desta atividade.

O turismo em Penha é então analisado em seus dois principais grupos: as segundas residências e a visitação ao parque Beto Carrero World. Espera-se, ao final deste Capítulo, criar um panorama completo do turismo no município, demonstrando sua importância econômica.

#### 3.1. O TURISMO COMO ATIVIDADE DE LAZER

O lazer engloba qualquer atividade realizada pelo indivíduo durante o seu tempo livre e que contribua para o seu desenvolvimento social e pessoal. O turismo é uma das opções de lazer e se destaca por ser uma atividade desenvolvida geralmente nos fins de semana ou de férias. Dentre todas as atividades de lazer disponíveis, nenhuma envolve tantos recursos e infraestrutura como o turismo.

O tempo de lazer como é conhecido atualmente é uma conceituação recente para o homem. Começou a surgir após a Primeira Guerra Mundial, quando o homem passou a lutar por seus direitos, unindo-se em sindicatos, reivindicando mais tempo livre e pagamentos como hora-extra e férias remuneradas. As férias, conquistadas por meio destas lutas entre

trabalhadores e patrões, contribuíram em muito para o desenvolvimento do turismo.

O conceito sobre o que é lazer diferencia-se conforme a época em que é abordado. Para os gregos, na Grécia Antiga, o ócio era um privilégio das classes mais abastadas, visto que eles consideravam o trabalho braçal indigno. Nas sociedades pré-industriais o trabalho era visto como uma obrigação, uma punição pelos pecados cometidos e não existia o lazer. Mesmo as festas, jogos e cerimônias não se classificavam como tal, pois estavam atreladas a compromissos religiosos (ANSARAH, 1990).

Com as idéias da Reforma Protestante, “a busca da riqueza torna-se autêntica desde que seu gozo não provoque no indivíduo ócio e relaxamento” (SALOMÃO, 2000, p.21). A partir de então começa a formular-se a idéia de lazer como compensação dos esforços do homem, em forma de atividades que o afastem do seu universo de trabalho.

O tema ainda seria muito discutido até chegar à atualidade, com a definição de lazer como sendo “um grupo de atividades de caráter liberatório e pessoal, associadas a uma busca hedonista e desinteressada” (SALOMÃO, 2000, p.23).

O lazer é praticado dentro do tempo livre, que é uma das frações de tempo sobre as quais se organiza a vida do indivíduo. Esta divisão do tempo do indivíduo é uma decorrência da importância do trabalho na sua vida e geralmente o seu horário de trabalho determina como será gasto todo o resto do seu tempo. Este tempo pode então ser dividido em quatro momentos:

- *tempo de trabalho ou socioeconômico*: quando se exercem as atividades relacionadas à sobrevivência material;
- *tempo biológico*: no qual se cuida das necessidades vitais;
- *tempo sociocultural*: quando o indivíduo se dedica às relações com amigos, parentes e demais setores da sociedade;
- *tempo livre*: dedicado ao descanso e às atividades de lazer (ANSARAH, 1990).

O tempo livre é normalmente o mais esperado do dia, seja para ter um momento de relaxamento e ócio, seja para encontrar-se com amigos para um



*happy hour*. Dentro deste tempo livre, normalmente nos finais de semana ou férias, ocorre a prática do turismo. Krippendorf (2000) analisa que o desejo por aproveitar o tempo livre vem da necessidade de satisfazer os desejos reprimidos pelas atividades do dia-a-dia e do cotidiano. Segundo Portuguese (2001, p.9),

pode-se dizer que a apropriação do tempo livre é fruto do próprio processo de consolidação do modelo pós-moderno de vida urbana. O que é ócio para uns, é trabalho para outros. Enquanto classes mais ricas desfrutam do tempo de não-trabalho, outras buscam complementar a renda trabalhando em casa, em outras empresas e mesmo com o mercado informal, ou seja, as desigualdades sociais já podem ser percebidas até mesmo pelo direito ou não ao desfrute da preguiça.

Para todos aqueles que trabalham fica claro o ciclo de “tempos” aos quais o homem tem que se submeter e parece que fica explícito o desejo de “trabalhar e morar aqui, descansar além” (KRIPPENDORF, 2000, p.37). Isto porque, segundo o autor, os espaços urbanos oferecem poucas, ou nenhuma, condições da prática de lazer: “as cidades não se preocupam muito com o lazer nem com as necessidades de relaxamento dos seus habitantes. A maioria são cidades de trabalho, incompatíveis com uma vida plena” (KRIPPENDORF, 2000, p. 37).

Penha se enquadra dentro deste panorama da procura pelo lazer e pelo turismo por ser uma cidade que depende economicamente do turismo e que tem grande potencial para desenvolver-se turisticamente – em especial àquele ligado ao aproveitamento da natureza, do sol e do mar. Dados da *Pesquisa Mercadológica sobre o Estudo da Demanda Turística de 2005* do município, organizada pela Secretaria de Estado de Cultura, Turismo e Esporte de Santa Catarina, mostram que a motivação da viagem de 98,48% dos entrevistados abordados pela pesquisa, num universo de 3.532 entrevistados, é o turismo, restando apenas 1,52% com motivação para negócios (PENHA, 2005). Penha é o “descansar além”, proposto por Krippendorf.

### 3.2. CONCEITUAÇÕES DE TURISMO

O turismo é uma atividade multifacetada, característica da sociedade moderna. Ele ultrapassa os setores convencionais da economia, atingindo o meio ambiente, as sociedades e as culturas e é composto por algumas características mínimas das práticas sociais, entre as quais se destacam:

- como uma atividade de lazer o turismo supõe a existência do seu oposto, o trabalho regulamentado e organizado;
- o deslocamento do consumidor turístico até o local a ser “consumido”;
- este deslocamento pode ser *doméstico*, quando realizado dentro de um mesmo país, ou *internacional*;
- a motivação variada, podendo ser: lazer, negócios, estudo, etc;
- não existe a possibilidade de “estocar” o produto turístico;
- o turismo ocorre com a conexão e o trabalho integrado de diferentes setores como hotéis, agências de turismo, companhias aéreas, restaurantes, etc. que formam a infra-estrutura turística;
- é uma atividade realizada de forma espontânea pelo indivíduo durante o seu tempo de lazer, que ocorre fora do local de residência e atuação habitual, com intenção de retorno;
- não está relacionado a uma ocupação remunerada (URRY, 1996; JENKINS, 1997; CRUZ, 2000).

Para a Organização Mundial de Turismo (OMT), o turismo,

inclui tanto o deslocamento e as atividades realizadas pelas pessoas durante suas viagens e estadas bem como as relações que surgem entre eles, em lugares distintos de seu ambiente habitual, por um período de tempo consecutivo inferior a um ano e mínimo de 24 horas (pernoite no destino), principalmente com fins de lazer, negócios e outros (BALANZÁ e NADAL, 2003, p.5).

Existem diferenças entre os conceitos de “viajar” e “fazer turismo”. O primeiro é o ato de deslocar-se de um local para outro sem necessidade de pernoitar no local de destino, e o segundo é um termo mais amplo, que envolve

pelo menos um pernoite no local de destino e tem motivações como prazer e lazer (BALANZÁ e NADAL, 2003).

De acordo com Moesch (2000, p.134) o turismo é

um campo de práticas histórico-sociais, que pressupõem o deslocamento do sujeito em tempos e espaços produzidos de forma objetiva, possibilitador de afastamentos simbólicos do cotidiano, coberto de subjetividades, portanto explicitadores de uma nova estética diante da busca do prazer.

O turismo atualmente faz parte da cultura de “qualidade de vida” e fazer turismo é uma questão de *status*. Pertencentes ao setor terciário, de prestação de serviços, as empresas turísticas especializam-se cada vez mais em adequar seu produto ao interesse do consumidor (BALANZÁ e NADAL, 2003).

Segundo Rodrigues (1997), com as conquistas das classes trabalhadoras de maior tempo livre e maior ganho salarial, foi possível a fabricação de novas necessidades, dentre as quais a necessidade de se praticar turismo, que se incorpora artificialmente às necessidades básicas do homem.

Para Taschner (2000, p.44) o turismo hoje se encontra inserido na sociedade de consumo de massa e afirma que “de automóveis e cinema ao turismo, a parques temáticos e a equipamentos de lazer domésticos, a maior parte do lazer contemporâneo está mediada por produtos e serviços vendidos em um mercado de massas”.

O turismo engloba o consumo de uma série de bens e serviços que de certo modo são desnecessários. Este consumo é feito porque supostamente gera experiências prazerosas que diferem das experiências comuns do dia-a-dia, visto que se lança um olhar e encara-se “um conjunto de diferentes cenários, paisagens ou vistas de cidades que se situam fora daquilo que, para nós é comum” (URRY, 1996, p.15). Este olhar é lançado sobre aquele cenário encontrado, porém é um olhar socialmente organizado e sistematizado, dependente daquilo com que é contrastado, ou seja, com a realidade habitual do turista.

Urry (1996, p.16) ressalta que “em diferentes sociedades e, sobretudo, em diferentes grupos sociais e períodos históricos, o olhar do turista modificou-

se e desenvolveu-se”, o que vem ao encontro das teorias que afirmam que um novo turista está se desenvolvendo, mais preocupado com a natureza e com a cultura dos lugares. Este novo modelo de turismo encara o turista como uma pessoa ativa e participativa, que utiliza a imaginação, a cultura, a inteligência e o prazer no processo de conhecimento do mundo. O turista deixa de ser apenas observador para ser ator. Esta nova concepção “instala uma aliança entre o planejamento econômico-financeiro e de infra-estrutura e a percepção mais ampla, digamos assim, interessada por bens culturais e estilos de vida e que provoque a imaginação” (AVIGHI, 2000, p.104).

Esta questão do “novo modelo de turista” será retomada no próximo capítulo, analisando se tal modelo se aplica ou não ao caso dos veranistas entrevistados.

### 3.3. O TURISMO EM PENHA

As primeiras residências de veraneio instaladas em Penha foram construídas na praia de Armação, no início do século XX. Duas famílias, Konder e Müller, provenientes de Itajaí e Rio de Janeiro respectivamente, passavam suas férias em Armação e tal fato ficou registrado no artigo *Praia de Armação*, que retrata como era a temporada de verão da época, com a família reunida, o medo de bichos como cobras e aranhas e a saudade daquele tempo de infância:

As nossas famílias Regis e Konder, bem como a dos Muller (Lauro e Eugênio) eram as únicas veranistas da Praia de Armação [...]. O meu avô Xandóca, pai de minha mãe, possuía uma casa de material, estilo aportuguesado, caiada de branco, bastante confortável e, tendo ao lado um grande rancho de madeira, todo fechado, para guardar as carroças e servir de estábulo para seus cavalos [...]. Depois das festas de ano bom, em Janeiro, toda família, do lado materno (Régis) era transportada para lá em duas carroças, juntamente com os indispensáveis mantimentos e as trouxas de roupas. [...] Durante a temporada, brincávamos maravilhosamente, principalmente no banho matinal, sempre sob a vigilância dos adultos. [...] Foram tempos inesquecíveis de minha risonha infância e que lembram o romantismo do grande e sempre lembrado Machado de Assis (KONDER, 1970, p.152).

Em 1920, o empresário blumenauense Paul Hering comprou um terreno em Armação e construiu ali sua segunda residência. Além de Paul Hering, outros descendentes de alemães também começaram a se instalar em Armação. Sobrenomes como Hermann Weege, Steinbach, Altenburg, entre outros, passaram a fazer parte da lista de turistas que possuíam uma segunda residência na referida praia e isto fez com que a praia ficasse conhecida como “praia dos alemães”.

A pesca foi o principal atrativo para os primeiros turistas da Armação, que chegavam atraídos pela grande quantidade de peixes, em especial do “cação mangona”. Os peixes, após serem pescados com redes de arrastão, ficavam espalhados na areia, até serem retalhados e vendidos. Toda a ação ocorria na parte da manhã e não tardou até que alguns turistas se propusessem a participar da pescaria, alugando materiais de pesca e contando

com os pescadores locais para servirem de guia (SOUZA e SERPA, 1995). Ocorrem nesta época as hospedagens em casas de família conforme relatado por Souza (2005a).

O contato destes turistas com os moradores, referente às questões de comércio, era mínimo, pois tudo o que consumiam era trazido de suas cidades de origem. Durante a década de 1950, com os incentivos da indústria Krause, desenvolveu-se a pesca do camarão, o que atraiu mais turistas. Surge a primeira pousada, na casa da dona “Faceira”, que oferecia quartos, café da manhã, almoço e jantar aos hóspedes (CRISPIM, 2000).

Na década de 1960 importantes alterações ocorreram no turismo local: a instalação de dois hotéis, o primeiro chamado de Armação e o segundo de Itapocorói (onde hoje está abrigado o Campus V da UNIVALI) e a chegada da energia elétrica ao município, em 1962, o que proporcionou mais comodidade e conforto para todos.

Dentro do município foram abertas novas vias de acesso e de circulação interna e o acesso à BR 101, recém-implantada, proporcionou ao município contato direto com as grandes e médias cidades do Sul do país e também do Sudeste.

De acordo com Crispim (1998, p.393) um dos fatores determinantes para o desenvolvimento do turismo em Penha a partir da década de 1970 foi “a formação de uma classe média dotada de certo poder aquisitivo que, além de optar por pequenas viagens de lazer, era proprietária de carro particular”. A partir de então foi crescente a atração de turistas vindos de cidades do interior de Santa Catarina e dos Estados Paraná e São Paulo.

Como se viu no Capítulo 1, tal crescimento no interesse por Penha se deu paralelamente ao aparecimento dos novos loteamentos para construção de segundas residências, mais notadamente na praia de Armação.

O turismo em Santa Catarina começou a se desenvolver de forma organizada pelo Estado a partir de 1977 com a criação da Santur (Santa Catarina Turismo S/A). A Santur é uma empresa de economia mista que tem como objetivo “o fomento e a divulgação da política estadual de turismo”, estando vinculada à Secretaria de Estado da Organização do Lazer (SANTUR, 2005).

Uma das formas encontradas para a promoção do turismo no Estado foi a criação de roteiros temáticos, abrangendo cidades que possuem características comuns entre os atrativos turísticos oferecidos. São 8 roteiros ofertados: Grande Oeste, Vale do Contestado, Caminho dos Príncipes, Serra Catarinense, Grande Florianópolis, Encantos do Sul e Rota do Sol.

Penha se insere no roteiro da Rota do Sol, que também promove Balneário Camboriú, Itapema, Bombinhas, Porto Belo, Itajaí e Balneário Piçarras, conforme se acompanha na Figura 18, abaixo. De acordo com a Santur (2005, grifo da autora): a Rota do Sol

é um mostruário completo de suas belezas mais expressivas [do litoral do Brasil]: praias de areias brancas e águas azuis transparentes, emolduradas por morros verdejantes; balneários movimentados com agitada vida noturna e recantos bucólicos, alguns quase selvagens; enseadas abrigadas e praias de mar aberto. **As belezas naturais, as muitas praias, as variadas opções de lazer e a boa infra-estrutura fazem do turismo a principal atividade econômica da Rota do Sol.**

A Santur também destaca a localização privilegiada da Rota do Sol em relação à capital do Estado, ao aeroporto de Navegantes e a municípios como Brusque, Blumenau e Nova Trento, que compõem um roteiro conhecido como Vale Europeu e atraem turistas pelos centros religiosos, culturais e de compras. Sobre Penha fala-se apenas que “além das belas praias e da cultura açoriana, abriga o Beto Carrero World, um dos maiores parques temáticos da América Latina” (SANTUR,2005).

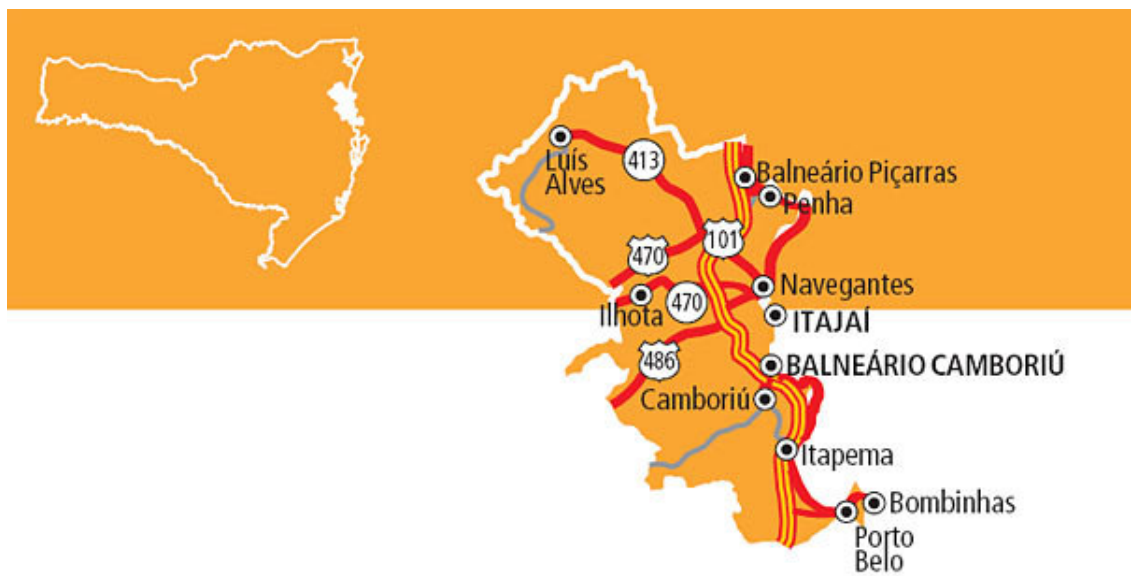


FIGURA 18 – ROTEIRO DA ROTA DO SOL

Fonte: Santur, 2005.

Até a instalação do parque Beto Carrero World, o turismo no município baseava-se no tripé beleza natural, peixe e camarão, sendo uma reprodução do modelo de turismo conhecido como binômio sol e praia. A grande desvantagem deste modelo é a sazonalidade da atividade turística, que depende muito das condições climáticas.

Em Penha, as temperaturas no verão alcançam 35°C, porém no inverno chegam à mínima de 8°C, nada atrativo para uma localidade praiana, sem muitas opções de entretenimento a não ser a areia e o mar. Ainda hoje o município não conta com um centro de compras “abrigado” das intempéries, cinema ou qualquer outro tipo de atração de lazer que possa ser desenvolvido por um grande grupo de turistas em um local fechado. Mesmo durante a temporada de verão, quando chove, os turistas programam viagens a cidades próximas, como Brusque, Blumenau e São João Batista, para visitar os centros de compras ali existentes.

Em 1991 a instalação do parque Beto Carrero World deu um novo rumo ao turismo local, diferenciando Penha das demais cidades litorâneas vizinhas justamente por sair do binômio sol e mar e ofertar como atrativo turístico um parque multitemático.



Recorre-se novamente à *Pesquisa Mercadológica da Demanda Turística 2005* de Penha, realizada entre os meses de janeiro e fevereiro de 2005. Os resultados da pesquisa apontam que o motivo principal da viagem (98,48% dos entrevistados) é o turismo, enquanto apenas 1,52% visitaram a cidade em razão de negócios.

O meio de hospedagem utilizado também é significativo para esta pesquisa. Enquanto 38,74% dos entrevistados hospedaram-se em hotéis, pousadas, hospedarias ou campings; 43,13% dos entrevistados ficaram hospedados em casa própria ou de amigos e parentes. Isto demonstra a valorização da segunda residência como opção de hospedagem no município. O meio de transporte mais utilizado pelos entrevistados é o carro, sendo a resposta de 97,13% dos entrevistados.

Os principais atrativos turísticos apontados pelos entrevistados são os naturais, 92,37%; seguidos pela visita a amigos e parentes, 4,77%; atrativos culturais, 2,10% e eventos, 0,76%. Interessante notar que: ou os turistas consideram o parque Beto Carrero World um atrativo natural; ou eles não justificam suas visitas a Penha com a vinda ao parque por alguma razão desconhecida; ou ainda, nenhum dos entrevistados veio atraído pelo parque, o que se considera improvável devido ao tamanho da amostra consultada. Estas considerações são feitas porque as outras opções de resposta ao questionamento – e que não obtiveram nenhuma porcentagem – seriam: manifestações populares (sem relação alguma com o parque), tratamento de saúde (sem relação alguma com o parque) e outros (que por falta de uma resposta mais esclarecedora poderia ser a opção de escolha dos entrevistados).

### 3.3.1. O Lugar do Veraneio nas Segundas Residências

O que se pode acompanhar em grande parte das praias de Penha<sup>4</sup> é que a faixa da beira-mar é ocupada quase que exclusivamente por segundas

---

<sup>4</sup> Infelizmente não há no município um controle em relação ao número de segundas residências, o que prejudica em muito os estudos e as perspectivas feitas para o turismo. Estes turistas que possuem segundas residências mantêm uma estrutura fixa, de pagamento de taxas municipais, de manutenção das casas, contratam faxineiras, pedreiros, pintores e etc. em

residências e que a construção de hotéis e pousadas na região é um fato recente, impulsionada pela instalação do parque Beto Carrero World.

De acordo com as informações da Associação de Hotéis de Penha a evolução da hotelaria no município se deu da seguinte forma: de 1960 a 1991 haviam sido inaugurados apenas dois hotéis no município, enquanto de 1992 até 2000 foram inaugurados 27 hotéis e pousadas de nível familiar (SILVA, 2005).

As segundas residências ou residências secundárias são alojamentos particulares destinado à prática do turismo, utilizados temporária e regularmente por pessoas que possuem sua residência permanente em outro lugar. O conceito está ligado ao imóvel e não à condição de propriedade, sendo que o mesmo pode ser próprio, alugado, emprestado, etc. A posse de uma segunda residência, além de conferir *status* ao proprietário, significa uma relação permanente entre origem e destino, com saídas e chegadas regulares. Como ocorre um uso repetido do lugar cria-se “alguma forma de vínculo territorial e psico-sociológico” (TULIK, 1998, p.202).

Tal afirmação também é apoiada por Cruz (2000), que aponta que as segundas residências oportunizam a criação de vínculos territoriais-psicológicos, devido ao retorno periódico e constante ao lugar.

Coutinho discorda do proposto por Tulik (1998) e Cruz (2000) quando analisa que

para o turista eventual ou para aquele que elege um local para fixar uma segunda residência, conhecer mais profundamente o lugar é muitas vezes considerado desnecessário. Desta forma o turista distancia-se da vida e dos valores dos habitantes locais. O que é mais importante para ele é sair do seu cotidiano. A escolha do lugar se dá principalmente pela avaliação estética da paisagem e da infra-estrutura oferecida, pela distância e acessibilidade, de acordo, obviamente, com as suas condições econômicas. O lazer e a recreação se dão sem o sentimento de responsabilidade com o lugar (COUTINHO, 1998, p.269).

Em relação ao proposto por Coutinho (1998) de que a escolha pelo lugar é feita especialmente pela avaliação estética da paisagem, em Armação do

---

resumo, proporcionam uma dinâmica econômica com o lugar importantíssima e não há registros ou estudos sobre isto no município.

Itapocorói isto é um fato inegável, visto que a praia atrai a atenção de visitantes desde que o primeiro deles registrou sua fascinação pela área. Mas a intenção de retorno, o retorno constante e por gerações de famílias demonstra que sim há algum laço territorial-psicológico por parte dos veranistas com o lugar. Os outros argumentos todos também são verdadeiros e aplicam-se à escolha da praia objeto deste estudo: infra-estrutura de acesso oferecida, distância – os veranistas são de cidades próximas como Joinville, Blumenau e Curitiba –, acessibilidade e condições econômicas.

O turismo de segunda residência “propicia a redução ou rateio de custos para a família que viaja de automóvel, faz sua própria alimentação e reduz o custo/dia sobre os itens (transporte, hospedagem, alimentação e serviços)”, já o turismo tradicional, ou comercial, utiliza-se de hotéis, restaurantes, entre outros, dependendo muito mais de ações de marketing e de oscilações de mercado (NETO, 2004).

Neto (2004) destaca a importância de separar o turismo de segunda residência, pelo menos nas estatísticas do turismo, para que se possam visualizar corretamente as ações de promoção do turismo por parte dos governos, municipal, estadual e federal, uma vez que o turismo de segunda residência independe destas ações, já que o turista detém a posse do meio de hospedagem tendo mais autonomia para decidir sobre a viagem e sua duração.

A Espanha, por exemplo, vem há anos desenvolvendo estudos direcionados para o turismo de segunda residência. Neste país, 32% dos imóveis são destinados às segundas residências tanto nas praias, como no meio rural e de montanha, com uma média de 15 a 18 dias de uso por ano (FERNÁNDEZ, 2004). Como já foi comentado anteriormente, não há estudos específicos sobre o turismo de segunda residência em Penha. Sabe-se que no município a permanência média em hotéis é de 4,54 dias e em todos os demais meios de hospedagem (incluído aí as segundas residências) é de 9,21 dias.

### 3.3.2. O Parque Beto Carrero World: Novos Rumos no Turismo Local

Ao lado das segundas residências o parque Beto Carrero World também movimenta a atividade turística em Penha, destacando não só o município mas toda a região em nível nacional.

Segundo o ex-Secretário de Turismo de Penha (2001-2004), Gentil Abílio Serpa Filho (2002)

Penha tem duas histórias a serem contadas. Antes e depois da implantação do Beto Carrero World. Os veranistas deram lugar aos turistas e a necessidade de se ajustar aos novos tempos leva o poder público e a sociedade a adaptarem a estrutura da cidade até então preparada para pouco mais de 10 mil habitantes e oferecer condições com qualidade a um fluxo turístico cada vez maior.

Ainda conforme o Secretário, "houve um choque cultural [após a instalação do parque] mas a comunidade já vinha trabalhando naturalmente com os veranistas" (SERPA, 2002). Salienta-se que os veranistas seguem freqüentando o município – não deram lugar ao turista – mas sim compartilham o mesmo espaço com o turista, com o morador e com o visitante. Vê-se a análise simplista do ex-secretário, que, por falta de dados que mostrassem o contrário, afirma que a população “aceita” e “trabalha” com o veranista naturalmente.

O turismo que ocorre no caso do parque pode ser considerado um turismo de massa, no qual o turista passeia abrigado em um ambiente acolhedor, longe das pessoas locais, com grupos guiados, sendo que os participantes encontram prazer “em atrações inventadas com pouca autenticidade, gozam com credulidade de ‘pseudo-acontecimentos’ e não levam em consideração o mundo ‘real’ em torno deles” (URRY, 1996, p.23).

O isolamento do turista destacado por Urry encontra eco em um parque temático, pois, “são áreas amplas para diversão e entretenimento com infraestrutura adequada, segurança, alimentação, venda de lembrancinhas para visitantes e transporte fácil” (A NOTÍCIA, 2002, p.E3).

Talvez seja pelo fato do “isolamento” do turista – reproduzido aqui na rotina do visitante chegando cedo ao parque e saindo somente à noite, diretamente para o hotel, ou para outro destino –, mas o que ocorre é que não há muito contato entre o visitante<sup>5</sup> do parque e a população local.

---

<sup>5</sup> Existe, segundo a OMT diferença de conceituação entre turista e visitante. Turista é aquele que permanece mais do que 24 horas em uma localidade, pernoitando na mesma e visitante apenas está de passagem, não permanece mais de 24 horas em uma localidade e não pernoita na mesma. Assim, a maior parte das pessoas que vão ao parque Beto Carrero World

Conseqüentemente não há muita influência do parque para a cultura do bairro. Este isolamento do visitante torna-se mais evidente se a visita for feita com excursão, quando não há a liberdade de interagir com os moradores do município, uma vez que existem horários pré-estabelecidos de chegadas e saídas do parque que precisam ser cumpridos.

Jenkins e Lickorish (1997, p.100) ressaltam que, “o turismo tende a estar localizado em zonas concretas e portanto suas repercussões tendem a estar limitadas a estas áreas inicialmente”. Mas, mesmo o parque estando localizado no Bairro da Armação, as mais tradicionais Festas do município continuam a ser realizadas aí, da mesma forma como eram realizadas antes da instalação do parque. Tal fato, além de demonstrar que não houve muita troca cultural entre autóctones e visitantes, faz ver a força da cultura local e de suas representações, mantidas por uma comunidade.

Como atenta a OMT (1997, p.13),

em um mundo que agora se descreve como uma ‘aldeia global’, muitas mudanças sociais estão sendo influenciadas pelo desenvolvimento e pela difusão dos meios de comunicação e é importante definir que problemas se podem atribuir ao desenvolvimento turístico, frente aos que são de caráter mais geral.

Assim, principalmente no que diz respeito às manifestações culturais, seria difícil relacioná-las somente com a instalação do parque no município de Penha, já que também esse município está sujeito a todas as transformações culturais da sociedade moderna.

Entre veranistas, turistas e visitantes vê-se que a atividade turística em Penha assume diferentes relações com o lugar e com seus habitantes. Algumas relações são fugidias e superficiais, como a dos turistas e visitantes, outras, com a dos veranistas que têm segunda residência, são mais profundas, visto que se estreitam os laços entre “os de fora” e “os daqui”.

De acordo com o que foi visto até o momento, Armação do Itapocorói é o lugar, onde reside uma comunidade culturalmente ativa e unida. Neste lugar se desenvolve a atividade turística para veranistas e turistas. Neste espaço

---

são consideradas visitantes. Mas, não se descarta o uso do termo turista porque alguns visitantes acabam pernoitando no município.

vivido também se encontra instalado um não-lugar, o parque Beto Carrero World.

As atitudes em relação a este mesmo espaço geográfico são diferenciadas: para o morador é o lar; para o veranista e turista, é o cenário, um espaço turístico litorâneo, visto por eles como a antítese do seu espaço cotidiano; para o visitante do parque, é apenas a cidade onde está instalado o parque, não representando mais do que isto.

No próximo capítulo tem-se a análise das entrevistas realizadas em campo, fazendo-se a conexão entre o que foi estudado teoricamente e o que foi visto e vivido em Armação do Itapocorói, com moradores e veranistas, a fim de se compreender quais são e como se dão as relações entre estes dois grupos sociais heterogêneos e o ambiente.

#### 4. A PERCEPÇÃO AMBIENTAL NA PRAIA DE ARMAÇÃO DO ITAPOCORÓI

Ai querida Armação do Itapocorói,  
longe de ti a saudade dói  
(Picucho Santos)

Realizando-se um apanhado geral do que foi visto até o presente capítulo tem-se, num primeiro momento, aspectos da geografia, economia e da cultura da praia de Armação do Itapocorói. Viu-se na seqüência o embasamento teórico da Geografia Humanística, com destaque para os conceitos de lugar, não-lugar e espaço turístico, categorias de análise desta pesquisa. O turismo como atividade de lazer moderna e organizada foi visto no capítulo anterior, no qual também se abordou o turismo em Penha com suas duas atividades distintas: a visitação ao parque Beto Carrero World e as segundas residências.

Com esta apresentação da área de estudo e das bases conceituais utilizadas vê-se, a seguir, o resultado do trabalho realizado em campo, juntamente com a análise das entrevistas.

A metodologia aplicada nesta pesquisa tem como base a abordagem humanística em sua vertente fenomenológica, em direção aos conceitos de percepção ambiental, lugar, espaço, espaço vivido, espaço turístico e não-lugar. Em se tratando de um estudo sobre a percepção ambiental, a abordagem fenomenológica é pertinente ao focar o homem como sujeito, dotado não só de razão, mas de sentimentos, crenças e valores.

Ao atribuir-se sentido ao espaço, redefinem-se os conceitos de lugar, não-lugar, espaço turístico e espaço vivido, tornando a análise espacial mais abrangente, rumo às análises da percepção do local por dois grupos sociais heterogêneos, os veranistas e os moradores da praia de Armação do Itapocorói. Assim, diante dessa perspectiva, organizou-se a pesquisa empírica na tentativa de perceber como as pessoas pertencentes aos grupos

selecionados percebem e se relacionam com o ambiente diante de um determinado contexto.

A metodologia deste trabalho é qualitativa, visto que apanha o lado subjetivo dos fenômenos, buscando depoimentos que se transformam em dados relevantes, também oriundos de pessoas simples. Neste caso foram realizadas entrevistas gravadas com moradores e com veranistas na praia de Armação do Itapocorói. As entrevistas gravadas ofereceram a oportunidade de se trabalhar com um conteúdo mais dinâmico e subjetivo que, quando formalizado, permitiram mais flexibilidade e intensidade na interpretação dos fatos. Além disto, a entrevista pessoal oportunizou a percepção mais profunda dos sentimentos do entrevistado (KOZEL, 2001; FLICK, 2004) .

Recorda-se o problema proposto por esta pesquisa: Como moradores e veranistas, dois grupos humanos heterogêneos, percebem, interpretam e se relacionam com a praia de Armação do Itapocorói?

As hipóteses de trabalho desta pesquisa que são as respostas ao problema proposto são:

1. ambos os grupos percebem e se relacionam com o ambiente da mesma forma;
2. o morador percebe nuances mais fortes do ambiente, valorizando-o mais por conta da tofília, enquanto para o veranista, o ambiente se trata apenas de um cenário para suas férias.



#### 4.1. ORGANIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO EMPÍRICO

O trabalho empírico e metodológico realizado em campo foi desenvolvido pela própria pesquisadora num período de um mês durante o verão 2004/2005 e durante dois meses no verão 2005/2006. Optou-se pela temporada de verão por ser a ocasião das férias de final de ano, quando o município apresenta seu maior crescimento (passando de aproximadamente 20 mil habitantes para mais de 100 mil) e quando a população vê o “*seu*” local “*dividido*” com os visitantes e turistas. Em ambos períodos houve contato direto com os indivíduos entrevistados.

O grupo pesquisado integra um universo total de 18 indivíduos de diferentes faixas etárias, gênero e situação econômica. Em direção à análise dos elementos provenientes da pesquisa ressaltam-se algumas características dos grupos:

- Durante as temporadas de verão 2004/2005 e 2005/2006 foram realizadas entrevistas informais dialógicas gravadas em fita cassete com moradores e turistas que possuem segunda residência em Armação do Itapocorói.
- A escolha dos entrevistados se deu de maneira não aleatória no caso dos veranistas e de alguns moradores, pois foram escolhidas famílias que já estivessem no bairro há alguns anos.
- Os moradores entrevistados foram: Ana Leonor, Renato, Lucia, Hilário, Francisco e Cláudio.
- Entre os moradores houve dois casos de escolha aleatória: Solange, comerciante cuja barraca estava instalada na calçada da beira-mar, e Maria Rita, administradora de um camping que está instalado também na beira-mar.
- Entre os turistas entrevistados encontram-se: Ubiratã, Caio, Liese, Nicole, Fabiana, Lia, Daisy, Mayra, Raquel e Fernanda, cujas residências permanentes são em Curitiba, Blumenau e Joinville.

## 4.2. ANÁLISE DO MATERIAL PESQUISADO

O instrumento de pesquisa utilizado foi um questionário com 22 perguntas, respondidas abertamente pelos entrevistados. Os veranistas foram indagados quanto ao tempo que freqüentam Armação do Itapocorói, se a casa é própria ou alugada, se consideram a possibilidade de alugar a casa, quantas vezes ao ano freqüentam a casa, se vão ao mar, se indicam a praia para amigos, se mudariam de praia por alguma razão, quanto ao que falta de infraestrutura, quais alterações notaram na praia nos últimos anos, se conhecem algo do histórico e da cultura local, o lugar que mais gostam em Penha, como descrevem a paisagem, o que sentem quando estão na praia/casa, o que é Armação do Itapocorói para eles em uma palavra/frase e quais palavras que relacionam, pensando na praia, com visão, olfato, tato e audição.

Os moradores responderam às mesmas perguntas alterando-se somente as primeiras para: há quanto tempo moram em Armação do Itapocorói, onde passam as férias e se vão à praia durante o ano.

Interessante ressaltar que na maioria das entrevistas feitas nas residências a pesquisadora foi recebida na varanda, por sugestão dos entrevistados, por se tratar, segundos eles, do ambiente mais fresco e agradável da casa.

### - RESULTADOS E DISCUSSÕES DAS PERGUNTAS FEITAS SOMENTE PARA OS VERANISTAS

#### *Há quanto tempo freqüenta a praia de Armação do Itapocorói?*

Dentre os turistas entrevistados a média do tempo que freqüentam a praia ultrapassa 28 anos, primeiro hospedando-se em casas de amigos e parentes e depois já com a casa própria. Entre as razões apontadas para instalarem a segunda residência em Armação do Itapocorói figuram, principalmente, a presença de amigos e parentes:

A minha avó fez a terceira casa de veraneio em Camboriú, ela vendeu uma vaca e comprou um terreno enorme pelo preço de uma vaca. Então eu tenho isso de vir para a praia sempre, feriados, fim de ano. E Camboriú ficou muito movimentado e

meu marido e filhos gostavam de pescar. Grande parte dos amigos já tinha casa aqui e viemos pelo sossego e pela pesca. Além é claro da presença destes amigos (Liese, aposentada, 78 anos, mora em Joinville).

Eu venho para a Armação há 20 anos. Antes a gente não tinha a casa, daí ficávamos na casa de uns tios, depois uns anos em camping e depois com a casa própria. A gente teve a oportunidade de ter casa em Caiobá, Paraná, mas nós nunca quisemos. Mesmo sendo mais longe a gente sempre preferiu vir pra cá (Mayra, turismóloga, 27 anos, mora em Curitiba).

Eu tenho a casa há 31 anos, mas freqüento a Armação há 35 anos, pois antes eu ficava na casa de um tio. Daí comecei a gostar e comprei um terreno. Depois que construí a casa vim todos os anos (Caio, aposentado, 61 anos, mora em Curitiba).

Em Armação do Itapocorói ocorre ainda que as segundas residências pertencem a tanto tempo às mesmas famílias que os laços de amizade se estreitaram ao longo dos anos, resultando em atividades que unem todos os amigos veranistas. Um exemplo é “Regata da Armação”, que em 2006 chegou à sua 15ª edição, premiando os melhores competidores com medalhas e troféus e presenteando os convidados com uma feijoada. Na Figura 19, abaixo, vê-se o calendário oferecido aos participantes da regata como lembrança do acontecimento.



FIGURA 19 – CALENDÁRIO DA 15ª EDIÇÃO DA REGATA DA ARMAÇÃO

Fonte: Calendário da 15ª Edição da Regata de Armação.

*A casa é alugada / própria / amigos?*

*Considera a possibilidade de alugar a casa? Por qual razão?*

Todos possuíam casa própria e não a alugariam em nenhuma hipótese, alegando ser aquela a casa dos sonhos de toda a família e uma oportunidade de uni-la, interrompendo meses de afastamento familiar.

A gente nunca pensou em alugar a casa porque Blumenau é muito quente no verão e a nossa família já tem tradição de passar o Natal e todo o verão aqui, reunindo minha mãe, que mora em Itajaí e nós, que somos cinco irmãos. É uma forma de unir a família (Raquel, professora, 41 anos, mora em Blumenau).

Uma entrevistada, quando questionada sobre a possibilidade de alugar sua casa apontou para a propriedade e disse:

Você alugaria uma casa destas? Não né. Graças a Deus a gente não precisa fazer grana, mas acho que mesmo que precisasse, não alugaríamos (Fernanda, publicitária, 31 anos, mora em Curitiba).

O fato de ser uma casa construída para o uso exclusivo da família pesa na decisão de não alugar:

A gente não considera a possibilidade de alugar a casa em nenhuma hipótese, pois foi a casa que meus pais construíram para passar as férias com a família. Tudo foi pensado para a nossa família, cada um deu a sua opinião, montou um pouco da casa. Não tem como outra família vir (Mayra).

Nenhuma vez eu quis alugar a casa. Nunca me passou pela cabeça, nem pra fazer dinheiro. Tudo o que tem aqui dentro está aqui por alguma razão e não ia ser certo um estranho usar nossas coisas, nossa casa. A nossa casa aqui é muito pessoal pra gente deixar ela alugada (Caio).

Não considero a possibilidade de alugar a casa por conta de não querer ninguém usando minhas coisas, sabe, a cama, o banheiro, etc. (Daisy, do lar, 46 anos, mora em Curitiba).

A posse de uma segunda residência não significa apenas a garantia de alojamento, mas também uma oportunidade de investimento, sendo um patrimônio que alcança diversas gerações, garantindo *status* ao proprietário. Além disto, é um investimento afetivo, o que faz com que muitas segundas residências nunca sejam alugadas, devido ao valor sentimental que lhe atribuem (TULIK, 1998).

Acompanha-se na fala dos entrevistados um forte sentimento de posse, do “meu”, do direito que os veranistas têm em ir, freqüentar a praia, pois construíram sua casa baseados em seus sonhos e esforços e, por conta disto, não há a possibilidade de dividir a residência com estranhos.

*Quantas vezes vêm por ano?*

A freqüência de idas à Armação do Itapocorói é maior entre os jovens, de 15 em 15 dias, por conta do interesse por esportes; já entre os adultos o interesse maior é pela própria conservação da casa e o período de ausência não ultrapassa dois meses. Aqueles que moram em cidades próximas têm uma freqüência maior:

Se estou em Joinville e não tenho compromisso, estou aqui. Em relação a dias, posso dizer que  $\frac{3}{4}$  do ano estou aqui, independente de ser feriado. Fins de semana estou sempre aqui. Sempre cuido do jardim, da casa (Liese).

Vimos sempre nos fins de semana, nos feriados e em Julho, quando são as férias das crianças (Raquel).

A gente vem quase todo final de semana. Mesmo no inverno. Daí a gente traz dvd, um monte de filme e fica entocado dentro de casa (Fernanda).

Venho a Armação no mínimo de dois em 2 meses agora que o meu marido está aposentado, e sempre fico um ou dois dias e também nas férias (Daisy).

Geralmente a casa é freqüentada mais nos fins de semana e feriados, mas a minha mãe aproveita mais, ficando uma temporada maior, geralmente chega antes, no começo de dezembro e fica até março (Mayra).

Como foi visto, para Tuan (1983), para sentir um lugar, afeiçoando-se a ele, é necessário ter experiências repetidas, não fugazes, dia após dia, através dos anos com este lugar. Somente assim o espaço indiferente pode tornar-se lugar, repleto de significado e sentimentos, com vínculos emocionais estabelecidos. Este tipo de experiência mais duradoura é possibilitada pela posse da segunda residência, já que os proprietários podem freqüentá-la diversas vezes ao ano, passando longas temporadas que podem ser prolongadas conforme a necessidade ou a vontade dos mesmos. Desta forma as segundas residências oportunizam a criação de vínculos territoriais-psicológicos, devido ao retorno periódico e constante ao lugar (TULIK, 1998; CRUZ, 2000).

Buttimer (1985), ressaltando a importância do lar na construção do lugar, também encaminha os olhares da segunda residência para uma análise em direção ao *lugar*. Isto porque, de acordo com a autora, o lar tem papel fundamental na formação do lugar, já que é um diálogo diário com o meio ambiente ecológico e social da pessoa – e também de sua família. Esta construção do lar ocorre tanto para a residência primária como para a segunda residência e é comum ver-se que as famílias transferem para a segunda residência todo o cotidiano da residência permanente.

*Vai à praia? De manhã / tarde? Entra no mar?*

Esta pergunta realizada com os veranistas e com os moradores (*Vai à praia durante o ano?*, na seqüência do trabalho), visava conhecer as atitudes destes dois grupos em relação ao mar, espaço recreativo de ambos grupos.

A maioria dos veranistas entrevistados vai ao mar, com destaque para o entrevistado que pratica esportes náuticos e o aproveita com este fim. Apenas uma entrevistada não vai à praia por ser alérgica à água salgada e aproveita a piscina de sua casa – o que resulta em que muitas vezes todos da família lhe façam companhia e também se ausentem da praia.

Sempre. Só se estiver congelando, daí não entro (Nicole, empresária, 32 anos, mora em Joinville).

Sim, vou à praia de manhã, mas não tomo mais tanto banho no mar. Eu já gostei mais do banho de mar, agora não gosto tanto (Lia, empresária, 54 anos, mora em Joinville).

Ah sim e nado toda manhã (Liese).

Vou à praia sempre, de manhã e de tarde, inclusive em outras praias. Como eu surfo, procuro praias como melhores ondas, tipo o Quilombo, a Grande e a praia Vermelha. Em Armação vou mais no final de tarde, para praticar esportes na areia, tipo o frescobol (Ubiratã, dentista, 31 anos, mora em Florianópolis).

Sempre vou à praia com as crianças de manhã e a tardinha. Cuidamos na hora de entrar no mar, mas elas respeitam e brincam na água com bóias e pranchas (Raquel).

Eu gosto de ir à praia sim, vou sempre de manhã e entro no mar, mas não nado, tenho preguiça, tem as correntes e prefiro ficar mergulhando e pegando jacaré (Caio).

Normalmente não vou à praia, fico em casa curtindo os cuidados com a mesma: faço jardinagem, pequenos consertos, pinturas, bordando, cozinhando, etc. Mas gosto de andar na areia e raramente entro na água, é que nunca fui de entrar (Daisy).

A praia não é vista somente como um cenário, ela é vivida, sentida, experimentada, seja entrando no mar, seja praticando esportes ou caminhadas na areia. É um espaço recreativo que começa com os jardins das casas e os cuidados com as mesmas, visto que muitos entrevistados se dedicam pessoalmente aos cuidados com as residências, relacionando-se diretamente com o meio. A paisagem é valorizada porque recebe o olhar humano que a seleciona, ordena e valoriza.

#### - RESULTADOS E DISCUSSÕES DAS PERGUNTAS SOMENTE PARA MORADORES

##### *Há quanto tempo mora em Armação?*

Entre os moradores, quatro são de cidades próximas e decidiram mudar-se para Armação do Itapocorói por questões de possibilidades de trabalho no setor de serviços turísticos e o fizeram há mais de 10 anos.

Sou de Blumenau e estou há 12 anos em Armação, com a banca. Primeiro eu vinha como casa de veraneio, há mais de 20 anos e então adotamos Armação como residência fixa quando vimos a possibilidade de um negócio como este dar

certo aqui (Hilário, 52 anos, comerciante, dono da Banca de serviços Armação).

Eu moro em Penha faz 15 anos, mas já venho pra cá há 20 anos. Quando eu fazia faculdade já vivia meio a meio entre aqui e Itajaí, minha cidade natal (Renato, dono do hotel Açoriano, escritor e entusiasta da cultura local, já tendo sido convidado pelo Governo Autônomo dos Açores para visitar o Arquipélago em reconhecimento aos seus trabalhos na região, também é Presidente da Associação dos Hotéis e Pousadas de Penha, 39 anos).

Sou de Itajaí, mas moro em Penha há 23 anos e tenho a barraca há 7. Sempre monto a barraca no verão e sempre aqui em Armação, na frente do trapiche. Fora da temporada trabalho descascando marisco lá encima (Solange, comerciante durante a temporada de verão e maricultora, 47 anos).

### *Onde passa as férias de verão?*

As férias dos moradores entrevistados são passadas em cidades próximas, em casa de parentes e amigos ainda que alguns, por se dedicarem ao ramo de serviços ligados à atividade turística (como hotéis, loja de artigos de praia, entre outros), tenham que se dedicar ao trabalho especialmente no verão.

Olha, férias eu não tenho, porque eu resido aqui. Eu era funcionário público do Estado e me aposentei faz dois anos e meio, e mesmo quando eu trabalhava eu tirava férias e ficava em casa trabalhando, porque nós temos a lojinha que tem mais movimento no verão, então tem que ficar (Francisco, comerciante, Imperador do Divino de 2006, 66 anos).

A banca atende 365 dias por ano, então nossas férias ocorrem de preferência em Santa Catarina, porque não podemos ficar muito tempo afastados dos negócios (Hilário).

Como minha atividade econômica é propiciar boas férias para todos, as férias de verão eu passo aqui. Quando dá tempo eu vou pra Florianópolis, na casa de parentes e amigos (Renato).

Em uma localidade turística é muito comum que a população residente encontre-se trabalhando durante os períodos tradicionais de férias (janeiro e julho). Os moradores trabalham para que os turistas possam curtir suas férias. O que é sinônimo de ócio para uns é sinônimo de trabalho para outros. Os moradores, sedentários, servem aos turistas, nômades e, segundo Knafou (2001), esta situação pode incomodar a sociedade local, chegando a extremos



de comportamento contra o turismo e contra os turistas – isto se os conceitos e benefícios do turismo não forem esclarecidos junto à população local, questão levantada por um dos entrevistados, como se verá na seqüência da análise.

Em relação ao questionamento feito há, ainda, quem não troque Armação do Itapocorói nem nas férias:

Eu amo esta Armação. Pra mim existem tantos lugares para passear mas quando chega a hora de ir embora parece que nunca chega aqui e a alegria é sempre maior. Eu nunca me dou na minha vida a morar em outro lugar. Posso ir, mas não vivo contente (Ana, dona de peixaria. Foi uma das moradoras mais atuantes na comunidade católica de Armação do Itapocorói. Contribuía ativamente para as atividades da cultura local e participava das festas, como a do Mastro de São Sebastião, sendo a ex-capelã da Capela de São João Batista. Por conta do desgosto com a reforma da Capela e posteriormente, com o incêndio que a atingiu, Ana converteu-se a outra religião no final de 2005, chocando a comunidade, 48 anos).

Esta alegria ao retornar para casa é o sentimento de segurança a que se refere Mello (1990), quando diz que uma pessoa que volta de viagem tem sua sensibilidade aguçada à medida que se aproxima do lar, sentindo-se mais segura consigo mesma. Ela sai do espaço e entra no lugar, no ambiente conhecido, vivido e de atuação habitual. Para o morador, Armação do Itapocorói é o lugar, sinônimo de conforto e segurança.

*Vai à praia durante o ano?*

Alguns moradores entrevistados aproveitam a praia para caminhadas, mergulhos e prática de esportes:

Eu sou turista 365 dias por ano. Vou ao mar, caminho todos os dias na areia (Cláudio, marítimo aposentado e historiador do município de Penha, tendo lançado livros que retratam a história local e suas personagens. Entre eles, “Penha em nova era e sua história fundamental” e “Penha, uma história para todos”. Sua casa, onde foi feita a entrevista, está instalada em um dos poucos terrenos da Armação que se manteve com o tamanho original, 71 anos).

Sim, eu vou à praia o ano todo. Vou pra surfar, pra levar minha filha pra passear. E vou a praias diferentes também (Renato).

Nós freqüentamos a praia durante o ano todo, vamos ao mar e tudo o mais. Se está frio, ficamos só caminhando (Ana).

Outros entrevistados não freqüentam a praia nem mesmo no verão, por conta do horário de trabalho:

Nós vamos pouco à praia por conta da banca (Hilário).

Eu não vou à praia e os meus netos também não. Se vão é lá na praia Grande (Maria Rita, administradora do camping Flamboyant Amarelo, em Armação, 60 anos).

Na praia eu sempre venho, por conta da barraca que monto no verão, mas não entro no mar nem no verão nem no inverno (Solange).

Com alguns entrevistados a pergunta sobre a praia levou-os à recordações de sua infância em Itapocorói:

Eu amava nadar. Íamos na praia sempre. Tomávamos banho de mar e nadávamos muito. Antes de construírem o muro (*que existe junto ao restaurante Alírio*) tinha muita areia, lá longe, mas agora está esta lagoa, sem areia, com a água batendo na rua. Agora faz tempo que não vou pra praia. Fico naquela de amanhã eu vou amanhã eu vou e não vou nunca! (Lucia, moradora das mais atuantes na comunidade de Armação do Itapocorói. Além de contribuir ativamente para as atividades da cultura local, participa das festas como a do Mastro de São Sebastião, tendo sido a pagadora de promessa da festa de 2005, 71 anos).

Lembro que a gente era muito amedrontado. Quando se dizia “vou tomar banho de mar” nem sempre os pais deixavam os filhos irem e éramos cercados de cuidado, com medo de que alguém fosse mordido por uma moréia. E acontecia muito. Eu conheci pessoas que tinham sido mordidas por moréia, porque aqui tem muita pedra e elas vivem perto de pedras. E também tinha o medo de alguém ter algum mal súbito. Logo após o almoço nem pensar. Era com medo e respeito que se ia ao mar e os que vinham de fora assimilavam estes sentimentos (Cláudio).

As recordações da infância e do tempo passado em Armação, dos costumes e dos hábitos de antigamente, figuram no contexto da topofilia. O vínculo com o lugar é maior porque a acomodação é maior, a vivência é mais profunda e as experiências já fizeram com que a identidade do morador se

confundisse com a identidade do lugar. A praia para os moradores não é apenas um espaço recreativo, mas também é sinônimo de trabalho, de fonte de alimentos e renda.

*O que pensa da praia / poluída / limpa?*

Alguns moradores entrevistados apontam que a praia de Armação do Itapocorói está poluída, relacionando o problema com a maricultura:

A parte de cá ta mais suja (*Armação do Itapocorói*), mas a parte de lá (*Armação e Quilombo*) ta mais limpa. É por conta do marisco né. Ela amanhece cheia de limo. Antes da criação do marisco não tinha isso, de amanhecer cheia de limo, a água toda parada. É assim, quando amanhece ta cheio e depois, lá pelo meio dia, começa a feder. Eles (*prefeitura*) recolhem mas não dão conta, é todo dia (Francisco).

Ana comenta o problema ocasionado pelo marisco, mas ressalta a importância da maricultura para a economia local gerando empregos para a comunidade:

O que eu acho que ta dando muito cheiro é esta parte do marisco que ta trazendo muita coisa pra cá. Mas o marisco foi uma coisa boa que trouxeram pra cá. Dá gancho pra mulher, pros meninos, pros homens. Como nós somos aqui da Armação, nós temos que cheirar e achar tudo bonito e dizer que é um cheiro bom. Toda noite eu e o Arno (*seu marido*) descemos lá na praia para dar uma volta e vamos até o Alírio (*restaurante*) e vem aquele mau-cheiro, aquela barbaridade e a gente sabe que é do marisco que pega muita coisa lá de fora que o mar traz e tem muita descarga de fossa ali. Mas a gente passa por cima e finge que não vê porque a gente precisa do marisco, do camarão e do peixe para sobreviver e do povo pra comprar tudo isto (Ana).

O aspecto econômico da maricultura é de fato muito importante, visto que, de acordo com fontes oficiais, para cada maricultor empregado diretamente, existem pelo menos mais três pessoas envolvidas com a atividade (ALÉCIO, 2005). Por outro lado, há os resíduos sólidos (conforme Figura 9), que não tem uma destinação apropriada, poluindo diversas praias e estradas do município, além do mau-cheiro, apontado pelos entrevistados.

Ana segue contando como é feito todo o processo de limpeza do camarão, que teve seu auge na economia local por volta dos anos 1950 e 1960, mas que ainda é realizado. Pode-se notar em sua fala a distinção entre praia de tomar banho e praia de pescador. Armação sempre foi considerada praia de pescador e por conta disto via-se como natural todo o resíduo da atividade pesqueira ter um determinado fim: o mar. Nota-se também o que Ferreira (1998) destacava dizendo que não havia prestígio no mar e que durante muito tempo ele foi o grande depósito de todo tipo de lixo. Acompanha-se em sua fala a alteração de atitude em relação ao mar, inclusive com o pensamento de conservação do meio ambiente:

Eu penso assim, nós vamos passar a não poder mais trabalhar do jeito que nós trabalhamos, porque daí não pode mais jogar a casca do camarão no mar. Eu também gosto da praia limpa. Nós temos que pensar nos nossos filhos e netos porque senão daqui a alguns dias não tem mais nada que preste, as águas poluídas, sem turista e a gente não sabe nem o que fazer porque a nossa praia toda vida foi praia de pesca e nunca de turista. O tomar banho era mais pra Piçarras, Camboriú, Barra Velha. Aqui era bem poquinha gente. E a gente tem medo de que a alguns dias a gente não possa mais trabalhar. Não é a gente da peixaria que suja, mas o pescador que às vezes tá chegando na praia com a batera e a rede vai na areia e já cai aquele lismo e aquelas coisas. Não é que aquilo polua, mas a areia já não fica branquinha. A prefeitura limpa de manhã, mas se chega alguma rede e sacode lá já fica tudo sujo. E ainda tem os esgotos. Bem lá no canto. Isto é horrível.

Eu me criei aqui e de primeiro a praia era mais suja, poluída, porque quando eu me entendi por gente, nós cozinhava o camarão e a água era descarregada na praia, lavava o camarão no mar e depois de feito tudo nós ainda ia tomar banho de mar, no meio daquilo tudo, mas nunca ficamos doente, sem problema.

Novinha eu não gostava de trabalhar de empregada na casa dos outros, então eu pegava a salga para trabalhar e eu cozinhava mil quilos de camarão. Era cozido, era tirada a casca, era lavado no mar e depois salgado no mar pra firma que tinha lá na Penha, a Krause. Eu fazia isto tudo e como fazia muito calor depois do serviço nós tomava banho de mar. Agora tá tudo tão lindo, tão bonito. Não era assim antes (Ana).

Outros entrevistados corroboram a fala de Ana em relação ao cultivo de marisco, sua importância econômica, seus impactos para o ambiente e, também, em relação aos maiores cuidados com a natureza:

Olha, é uma fonte de renda pra muita gente, emprego. Por uma parte gerou isto, por outra parte poluiu a praia, todo mundo reclama, diz que é por causa da criação de marisco que a praia está deste jeito. Dá muita bombona (*onde eles amarram os mariscos no mar*) e limo na areia. Enfim, mas todas as praias que tem criação de marisco estão assim, não é só aqui (Francisco).

A praia da Armação é a mais antiga e a exploração desordenada ocorreu mais cedo. Antigamente não existia nem 10% da preocupação ambiental que existe hoje. O lema era “ao mar tudo o que é lixo”. Agora não, tem mais consciência, o pessoal se preocupa mais (Renato).

Pensava se nas coisas como infinitas. Hoje há o lado comercial também, somado ao consumo, o meio ambiente preservado vale dinheiro. Na pesca, não havia o defeso como há hoje. O camarão por exemplo. O mais importante na época era quando o tempo permitia ir ao mar. A chuva e o vento forte eram as únicas coisas que impediam a atividade e o defeso era este, era natural. Era desta forma que o povo sobrevivia (Cláudio).

A valorização da natureza pela sociedade em geral é fato recente, a partir dos anos de 1960 e juntamente com os ideais de conservação dos recursos naturais e de minimização de impactos nocivos ao meio ambiente, desenvolveram-se as bases do turismo sustentável – que permite o uso do meio ambiente com qualidade para esta e futuras gerações.

Para Swarbrooke (2000), o turismo sustentável nasceu a partir dos piores excessos tidos com o turismo litorâneo, visto que o mar não gozava, a princípio, de muito *status* junto à sociedade e não havia porque se preocupar com ele. Com o passar dos anos e o agravamento de problemas ambientais, atitudes foram tomadas em todo o planeta a fim de minimizar os danos causados ao meio ambiente litorâneo. Começou a perceber-se que a natureza preservada gera lucro e que a sua valorização deve prevalecer para que exista uma continuidade no processo da existência humana.

Tais atitudes em favor da natureza também repercutiram em Armação do Itapocorói, como se vê na fala de Ana, com as alterações no modo de

limpeza do camarão, por exemplo. Ainda assim, o antigo problema das saídas de esgoto na areia não foi solucionado e “novos” problemas aparecem com a cultura do marisco, trazendo preocupações para a comunidade local e veranistas.

Alguns veranistas também se pronunciaram a respeito do tema:

Eu no começo fiquei empolgadíssima, porque pensei, que bom que os nossos pescadores vão ter uma alternativa de renda. Mas agora eu acho que expandiu demais e está poluindo a praia. Até o ano passado não chegava o plantio do marisco até aqui em casa... (Lia).

Eu não gosto do cultivo do marisco que, não sei se você viu, mas já está em frente à minha casa, mas entendo que é para o bem da população local, que não tem muita opção de trabalho (Daisy).

Para estes veranistas a partir do momento em que o cultivo do marisco entra em seu campo de visão deixa de apresentar fatores positivos e passa a ser um incômodo, uma atividade indesejada, que polui o visual do “seu” espaço turístico. Trata-se de uma demonstração de que aquele espaço que agora a maricultura ocupa é “seu”, do veranista e que, a princípio, não poderia ser ocupado por nada que interrompesse a sua vista do mar, ou que não se enquadre nos conceitos de esteticamente aceitável para a “sua” praia.

#### - PERGUNTAS PARA MORADORES E VERANISTAS

##### *Indica a praia para amigos?*

Todos os veranistas indicam a praia para amigos e aconselham também a visita às demais praias do município:

Sim, mas mais no sentido de convidar para virem passar um final de semana conosco (Lia).

Sim. Indicamos principalmente para aqueles que tem filhos pequenos, como nós. Aqui a praia é tranqüila e gostosa e o mar é calmo (Raquel).

Nossa, já faz tempo que já indico esta praia e as demais para os meus amigos. Pros inimigos eu indico Balneário Camboriú (risos)... (Caio).

Indico sempre a praia para amigos e sempre convido amigos para passar o dia e mostro as praias da região. Ontem mesmo veio um amigo e fizemos um *tour* pelas praias. Ele adorou aqui (Ubiratã).

Indico mais a praia do Quilombo para os amigos, inclusive para aqueles que querem alugar casa para a temporada, porque a Armação não é tão bonita quanto o Quilombo (Daisy).

Em tom de desabafo, uma entrevistada comentou:

Pra dizer a verdade, pra quem quer conhecer a praia de Armação eu acho a praia mais feia de Santa Catarina, porque o lixo não é bem recolhido nem na praia nem na rua, os buracos da rua ficam meses, não tem calçamento direito, não tem calçada. Então tudo tem pra fazer e nada é feito. Adoro a praia, gosto da minha casa, mas a parte urbana eu acho péssima (Liese).

O sentimento inverso à topofilia é a topofobia, que se relaciona com o medo ou a aversão a um determinado lugar. Fatos como o lixo, a falta de infraestrutura urbana, as saídas de esgoto na praia, entre outros, podem se encaminhar para reclamações e indignações maiores e mais freqüentes, o que podem levar a um sentimento de topofobia. Obviamente tal sentimento é pessoal, mas a administração pública deve atentar-se para cuidados básicos com o município, a fim de solucionar problemas que podem ocasionar o sentimento topofóbico em seus moradores e visitantes.

Entre os moradores, todos também indicam a praia:

Sim, indicamos a praia e somos grandes incentivadores para que a região cresça (Hilário).

Eu indico as praias melhores para os amigos, como a Grande, a Vermelha, o Quilombo. Para clientes com crianças indico a praia do Trapiche (*Armação*) (Renato).

Indico a praia por causa da natureza mas tem que ter uma infraestrutura melhor pra receber os turistas, **também não tem divulgação, tem gente que vem aqui para o Beto Carrero World e não sabe que as praias existem**, tem gente que não sabe que tem que preservar a grama, põe a cadeira encima, joga lixo, deixa tudo feio (Solange, grifo da autora).

Outros moradores também comentaram sobre o fato de muitos turistas desconhecerem que o Parque Beto Carrero World está instalado em um município litorâneo:

Bem, nós já fazemos uso do nome Balneário de Penha de forma indevida, na verdade não é, é só Penha. Pra ser Balneário tem que passar por uma votação popular pra saber se querem ou não mudar o nome. **Mas nós usamos este artifício pra dar a impressão verdadeira ao visitante de que aqui tem praia.** Já ocorreu de chegar turista que vem visitar o parque, se hospeda no hotel e desconhece a existência de praias em Penha. O pessoal que chega direto no balcão do hotel sem reserva geralmente não sabe que aqui tem praia. Para os que ligam fazendo reserva nós avisamos que estamos a 400 metros da praia mais próxima. Falta sinalização turística pra Penha ser reconhecida como balneário, mesmo sem precisar trocar de nome. O parque está fazendo 13 anos e faz 13 anos que o parque se instalou no município de forma compulsória, sem volta e a cidade não tem sinalização turística. Não se divulga nem interna nem externamente (Renato, grifo da autora).

O parque trouxe benefício para alguns, mas para poucos. **Ele não se relaciona com Penha, mas com Balneário Camboriú e os turistas não sabem que aqui tem praia.** Ele não trouxe benefício pra praia e agora com o novo acesso os turistas nem vêem o que tem na Armação. Eu acredito que os hotéis da região do parque sempre têm turista, mas eles não vêm pra cá *(beira-mar)* (Ana, grifo da autora).

Mesmo destacando a importância do parque para a economia do município, Cláudio concorda que o parque não se relaciona, nas suas propagandas, com um município litorâneo:

O município cresceu bastante, principalmente depois do Beto Carrero, que eu acredito seja uma dívida ter um empreendimento destes aqui no município. Até foi criado um termo “Balneário de Penha” para situar o município (Cláudio).

Nota-se uma inversão de papéis: não é o parque que precisa ser localizado e situado dentro de Penha, mas sim o município que tem que ser situado como a cidade onde está instalado o parque. Relembra-se aqui a Figura 5 – Croqui de Localização do Parque Beto Carrero World –, no Capítulo 1, na qual o nome do município de Penha não é citado.



O parque é um não-lugar dentro de um lugar. Ele não estabelece vínculos de identidade com o lugar ou com a comunidade. Ele não se relaciona com Penha, nem com Armação do Itapocorói. Os moradores são apenas funcionários do parque, mas não há uma relação estabelecida entre eles. A cultura local não é valorizada no parque, não há atrações que remetam à cultura portuguesa-açoriana ou negra. Não se aproveita o tema da antiga armação baleeira – aliás, dentro do parque há uma vila chamada “Açoriana” na qual se encontra uma estátua de tubarão; mais apropriado seria uma estátua de baleia.

As paisagens do interior do parque são clones de paisagens, mas não são clones de paisagens relacionadas à cultura ou à história da região. São clones de paisagens outras, de outras culturas, de outras partes do globo, que em nada se encaixam naquele ambiente litorâneo catarinense. São cenários que combinam com a fantasia dos empresários do setor e dos turistas, mas que não se encaixam com o mundo-vivido ao redor.

Armação distancia-se da universalização das paisagens impulsionada pela atividade turística por tudo o que apresenta de típico, singular, autêntico e natural. Tem a praia – ambiente natural repleto de história –, tem a cultura – herdada dos antepassados –, tem o povo – que mantêm as tradições e os saberes do passado. Em contrapartida, instalado em Armação está o parque, o não-lugar, sem vínculos, que se afasta de tudo o que é natural e típico ao bairro.

#### *Mudaria de praia? Por qual razão?*

Entre os veranistas houve uma divisão em relação à mudança de praia. Para os que não mudariam, diferentes razões foram apontadas, como a calma do município, sua localização privilegiada, a turma de amigos, a proximidade com demais membros da família, entre outros:

Não, porque esta praia é a melhor (Fabiana, 27 anos, Fisioterapeuta, mora em Curitiba).

Não. Porque eu gosto disto aqui, desta calma, da família toda tem casa aqui e fica todo mundo junto (Lia).

Eu tenho minha casa, tive oportunidade de ter apartamento em Camboriú (*Balneário Camboriú*), onde foi construído um prédio onde eu tinha a minha casa antes. Eu não trocaria de praia (Liese).

Eu não mudaria. Só se eu mesma construísse a minha casa aqui perto. Mas não mudaria de cidade porque aqui é calmo. Claro que às vezes um povo barulhento aluga a casa ali da frente daí já viu... mas geralmente é entre o Natal e o Ano Novo e nesta época nós também estamos fora. Mas aqui tem tudo né, panificadora, mercado, pizzaria, restaurante. Mas também não é como aquelas praias que têm tanto movimento que você não consegue sair, pra tudo tem fila, tem que esperar meia hora pra ir de um lugar pra outro. Aqui não. Se tem um ou dois dias assim é só perto do Ano Novo, mas daí já passa (Fernanda).

Eu não mudaria de praia, vendendo a casa, mas temos outra casa na praia (*apartamento dos pais em Florianópolis*). Por enquanto tá dando pra manter as duas. Assim é o ideal. Mas se tivesse que escolher, eu ficava com esta, tem mais cara de praia... tem os amigos... A de Floripa é apê. Só que meus pais gostam mais de lá (Ubiratã).

Eu não mudaria de praia nunca porque considero que a praia tem uma posição privilegiada, perto de “baladas” como Bali-Hai e Balneário Camboriú, mas também é uma praia tranquila. Tem os dois (Mayra).

Para dois veranistas a razão da mudança de praia são a poluição da água pelo marisco e pelo esgoto e a melhor infra-estrutura apresentada por outra cidade onde a entrevistada possui segunda residência:

Pode ser, poderia mudar. Eu gosto muito da Praia Grande, do Poá e seria por um único motivo, pela água suja do esgoto. Mas continuaria em Penha, porque é perto de Joinville também (Nicole).

Eu mudaria de praia por conta de que já tenho um outro apartamento em Florianópolis e aí me sinto melhor, sabe, lá tem mais infra-estrutura (Daisy).

Para alguns moradores a razão que levaria a uma mudança de cidade seria a falta de emprego, indicado por todos como um problema social do município. Para os pais a preocupação é maior porque também não há faculdade para seus filhos e todos que querem seguir estudando têm que sair de Penha. Mesmo assim, asseguram que não mudariam:

Não me mudaria não. Aqui é muito calmo, muito bom, a gente ta acostumado com isto aqui, conhece todo mundo, sabe o nome de todo mundo e se tiver que ir pra outro lugar vai ter que começar tudo de novo (Francisco).

Não mudaríamos porque encontramos aqui qualidade de vida, segurança e torcemos par que alguém venha fazer um trabalho de preservação da nossa praia (Hilário).

Mudaria de Penha por emprego pois o lugar é sossegado, sem violência, não tem faculdade, não tem emprego, só a prefeitura e o BCW. Estou com dois filhos e agora? Tem que sair daqui os dois. O de 24 anos trabalha com esporte na prefeitura. Aqui não tem indústria. O Beto Carrero só traz pessoal de fora, daqui põe pouco e só nestes três meses de verão e daí bota na rua, é só ilusão (Solange).

### *O que você acha que poderia mudar na infra-estrutura?*

Em relação ao que falta de infra-estrutura os turistas entrevistados apontaram a falta de saneamento, o recolhimento irregular do lixo tanto domiciliar como nas praias e a falta de cuidados com o asfalto e o calçamento.

Os esgotos, acho que é a primeira coisa que deveria não haver são os esgotos na areia. Os acessos, as ruas, a sinalização, eu acho que tem muita placa é poluído visualmente. A praia aqui Armação é bonita, mas eu acho que toda a infra-estrutura atrás é muito feia. É tudo muito precário. Hoje os serviços estão melhores, como as panificadoras e farmácias (Nicole).

O que poderia melhorar era o esgoto e o saneamento básico, tirando as saídas de esgoto da praia. Também poderia ser melhorada a questão da limpeza das praias, porque o povo suja muito a areia com seu lixo. Tem de tudo, pacotes de salgadinho, latas de refrigerante – estas nem tanto que sempre tem gente catando – cocos, etc (Mayra).

Primeiramente o acesso, tanto a Av. Itapocorói, quanto a outra... falta tubulação para esgoto, quando chove fica tudo alagado, as calçadas são horríveis, tem lixo nas ruas, a infra-estrutura eu acho péssima, péssima (Lia).

Aqui pode melhorar o saneamento básico, tirando os esgotos e as tubulações que saem na praia, porque eles dizem que é só água da chuva, mas nós sabemos que têm ligação clandestina de esgoto. E também sou contra o cultivo do marisco, que tira a vista da praia e a cada ano vem mais pra cá (*da praia de Armação do Itapocorói em direção a praia do Quilombo*) e não sei até que ponto faz bem para os banhistas, se filtra ou não a água (Raquel).

Aqui as ruas poderiam melhorar, por asfalto, ou melhorar o calçamento mesmo. E tem também o lance da polícia. Nós só vemos a polícia quando estão fazendo as blitz (Fernanda).

O que pode melhorar na infra-estrutura da Armação é em relação ao saneamento (*tem uma saída de esgoto bem na frente da sua rua, Figuras 20 e 21*), visto que a questão do recolhimento do lixo está melhorando (Daisy).

Apenas uma veranista afirmou que a situação estava boa, porque assim a praia não atrairia muitos visitantes:

Acho que não muita coisa para não virem muitas pessoas para cá (Fabiana).

Entre os moradores a preocupação com a infra-estrutura é refletida nas próprias condições de trabalho, como no caso da entrevistada que é dona de uma barraca de coco e milho verde na beira-mar. Não existe banheiro, instalação de luz ou de água para que ela – ou os turistas – possam se acomodar corretamente.

Eu colocaria na praia uns quiosques bem bonitinhos e tentaria mudar esta história de que é praia de pescador. O prefeito deu um ótimo terreno na praia para eles, aqui mesmo em Armação. Mas eles não querem, querem puxar as embarcações aqui na areia. Estas embarcações atrapalham os turistas (Solange).

Há, também, preocupações relacionadas com o dia-a-dia, como saúde, trabalho e educação:

Podia melhorar as estradas né. A área da saúde também tá meio precária. Não sei, uma melhora geral no município né, porque precisa muita coisa. Até pra quem mora aqui não sente tanto, mas para quem vem repara muito. Porque todo mundo fala, de buraco, estrada, tudo isto (Francisco).

Pode melhorar o tratamento de esgoto e a preservação do verde e da cultura (Hilário).

Seria bom que a Armação crescesse, com serviço para os jovens porque não tem. Aqui estudam os filhos para ir embora, longe do pai e da mãe. A gente precisava de um prefeito que olhasse por nós e pensasse nisto. Também falta estrutura aqui. Falta uma ciclovía pra gente andar. A gente sempre tem que andar na contramão com a bicicleta. Aqui também não tem

banheiro na praia, pros turistas usarem e isto preocupa os moradores porque eles acabam usando os muros, invadindo os terrenos pra ir no banheiro (Ana).

Aqui não tem emprego, quem quer trabalhar aqui perto tem que ir pra Piçarras, senão vai pra Itajaí (Maria Rita).

Vê-se que, enquanto os veranistas preocupam-se mais com as questões que lhes atingem diretamente – como o esgoto que é solto na areia ou a falta de recolhimento de lixo –, as preocupações dos moradores abrangem não somente o meio ambiente, mas também a saúde, as vias públicas e a educação.

O turismo não é uma atividade urbana, mas uma atividade que exige algumas urbanidades. Mesmo em contato com a natureza o turista quer ter acesso aos hábitos de prazer, conforto e consumo ao qual está habituado. Segundo Krippendorf (2000) a maior parte dos turistas não escolhe o lugar de suas férias em função das pessoas da comunidade ali existente, mas em função do meio ambiente, do clima e das atrações oferecidas no lugar. Sendo assim é natural que o turista queira que o local escolhido para suas férias corresponda aos seus anseios de conforto, comodidade e infra-estrutura, além, é claro, de apresentar beleza cênica e outros atrativos.

A Figura 20, na seqüência, ilustra o fato apontado pelos entrevistados, das saídas de esgoto sendo lançadas diretamente na areia da praia:



**FIGURA 20 – SAÍDA DE ESGOTO NA AREIA NA PRAIA DE ARMAÇÃO DO ITAPOCORÓI**

Fonte: Mônica Krieger Goulart, 2005.

Renato aponta para a falta de conscientização política dos moradores, um problema que ele vivencia por conta de sua profissão – hoteleiro – e que crê ser uma falha no desenvolvimento do município:

Bem, tem o problema geral de saneamento básico e a falta de conscientização turística dos moradores, na qual o município poderia contribuir com a introdução da disciplina de Turismo nos currículos escolares. Como não há a valorização do turismo a cidade deixa de ganhar e fica feia, porque ninguém embeleza as casas, ninguém cuida, capina, faz calçada, e tem também a criminalidade (Renato).

Como destaca Xavier (2005), quando uma comunidade desconhece a atividade turística instalada em seu município ou região, ela não é capaz de aproveitar as oportunidades que daí surgem para melhorar a sua qualidade de vida e assim não lhe atribui valor. Muitas vezes, frente aos mais diferentes problemas de uma sociedade (ambientais, econômicos, sociais), responsabiliza-se o turismo e o turista, pois não se compreende a atividade, seus impactos ou benefícios.

De fato, a conscientização da população sobre a atividade turística é um dos caminhos mais seguros para o melhor aproveitamento dos atrativos de uma localidade e da mão de obra local. Penha é um município totalmente inserido no contexto da atividade turística tanto pelos seus atrativos naturais, de sol e mar, como pela presença do parque Beto Carrero World. Os atrativos naturais já atraem turistas desde o início do século XX e o parque já está em funcionamento há mais de 10 anos. Ou seja, não se pode falar em “desconhecimento” por parte da população acerca da atividade turística. Seria mais uma falta de interesse, uma incompreensão sobre os benefícios e as oportunidades que a atividade turística bem planejada e executada podem trazer para a comunidade.

*Que alterações boas e ruins você detectou em Armação nos últimos anos?*

Entre as alterações percebidas pelos veranistas nos últimos anos foram citados de forma positiva: o aumento do conforto em geral e das facilidades urbanas, o crescimento do número de mercados e farmácias, o problema de

falta de água que foi sanado e a inauguração do novo acesso a Armação através da rodovia SC 414 – que liga o km 105 da BR 101 até o Bairro de Armação, passando em frente ao parque Beto Carrero World. Entre as alterações negativas encontram-se: a vinda crescente de turistas para passar o dia (farofeiros), o aumento da poluição sonora, visual e do meio ambiente, o aumento do número de locais impróprios para banho, a diminuição do número de peixes e o crescimento desordenado nas vizinhanças do parque Beto Carrero World.

As alterações que mais notei nos últimos anos foram que não falta tanta água como antigamente, que era comum faltar; tem mais “farofeiro” na praia; tem mais poluição sonora e visual; o cheiro da fábrica de farinha de peixe está cada vez pior; tem o aumento do lixo na areia vindo de banhistas, como palitos de picolés, cocos, etc; aumento do número de locais impróprios para banho e a água da torneira está mais clara. Sinto também que ocorre uma ilusão em relação ao emprego, por conta do parque, o povo acreditou que ia ter emprego pra todo mundo e não era bem assim. Agora está ocorrendo uma “favelização” ao redor do parque. Isto pode ficar perigoso, como em qualquer cidade grande. Como ponto positivo vejo o novo acesso e a avenida asfaltada, sendo que esta é boa porque tirou muito do movimento do calçamento. Como alteração ruim tem ainda a “tentativa” de asfaltarem o calçamento no centro de Penha, que ficou ruim e cheio de buracos, só atrapalhando o trânsito (Ubiratã).

A parte de iluminação, o calçamento da praia. Mas acho que já é suficiente. De parte ruim, tem muita gente (Fabiana).

No último ano a coleta de lixo tem sido mais eficiente, estão limpando a praia, o que eu acho muito positivo. Mas eu acho que poderia ser bem melhor. E se você me pergunta o que eu acho que poderia melhorar, eu acho que em primeiro lugar o acesso. As duas (*Rua Eugênio Krause e Av. Itapocorói*). A de trás tem uma poluição visual terrível, todo mundo coloca uma placa maior que a outra e ela não comporta tanta informação. Dá a impressão de uma praia subdesenvolvida. Até tu chegar neste paraíso aqui ... (*mostra sua casa*). Mas para mim o principal são os acessos são terríveis. A água também melhorou, quase não lembrava (Lia).

As alterações que notei nos últimos anos dizem respeito ao aumento do barulho no geral, sabe, de carros, de som de música, de pessoas conversando na rua. Tem também o mato que foi sumindo, alguns bichos também não aparecem mais, tem mais poluição. Em compensação, agora tem mais conforto, mais mercados, opções de compra. O acesso agora é melhor, com o asfalto novo (Daisy).

Entre as coisas boas teve o grande crescimento e a água que não falta mais, além da coleta de lixo que agora tem todo dia. Agora tem mais movimento e o Beto Carrero teve um lado bom também, com a nova rodovia que tirou o movimento do asfalto (*av. Eugenio Krause*) aqui atrás de casa e ficou mais calmo. De ruim teve o marisco que não deixou a praia bonita (Raquel).

Entre as alterações boas que ocorreram nos últimos anos tem o crescimento dos mercados, de maior infra-estrutura de saúde, com farmácias e postos de atendimento, e maior infra-estrutura em geral, porque antigamente algo mais elaborado só em Piçarras ou Itajaí. Tem também o fato de que há menos esgoto sendo lançado na praia. Outra coisa que melhorou foi a segurança, porque antigamente tinha muito assalto e a praia era muito violenta de ocorrer mortes e tudo o mais. Hoje em dia o máximo que tem é roubo das casas. Agora de negativo teve o aumento do ruído e o fato de não ter mais peixe. E também coisa de uns anos pra cá existe muita gente pedindo, coisa que não existia no passado (*o passado pode ser interpretado como há 13 anos, antes da instalação do parque Beto Carrero*) (Caio).

Entre as alterações que notei nos últimos anos teve o aumento do movimento por conta do Parque Beto Carrero e que a praia não tem capacidade para receber tudo isto de gente, visto que cresceu sem planejamento. Falta uma ciclovia e calçadas, além de melhorias para a própria população (Mayra).

Pode-se perceber entre os turistas entrevistados que há um desejo de que o lugar escolhido para o relaxamento tenha as vantagens da vida junto à natureza, mas também as comodidades que só o ambiente urbanizado pode oferecer. Mesmo de férias, querendo se afastar do dia-a-dia da cidade, o turista busca em Armação o conforto que ele tem em sua cidade de origem e por isto comemora o novo acesso pela SC 414, o maior número de mercados com mais oferta de produtos e a qualidade da água que tem em casa.

É um fato natural e recorrente na atividade turística no qual o turista tenta “levar a casa nas costas” e passa a tentar reproduzir no seu local de férias o seu cotidiano citadino. É interessante notar como nenhum dos turistas entrevistados demonstra qualquer preocupação com o morador nem com o fato de que todas estas alterações também ocorreram para o residente fixo do município.

Por outro lado, conforme afirma Tuan (1980), muitas vezes o visitante tem uma opinião ainda não influenciada pelo dia-a-dia e consegue enumerar mais facilmente as alterações daquele lugar, visto que não está totalmente



imerso em seu cotidiano, ao contrário do morador, que já absorveu as mudanças e não é capaz de enumerá-las tão facilmente.

Por parte dos moradores não foram citadas muitas alterações, talvez pelo fato da assimilação dos mais diferentes fatos de forma mais gradual, sendo absorvidos com mais naturalidade:

O município cresceu como todo o país, mas em relação à Armação, em parte até se lamenta porque sendo a Armação a célula mater da região, hoje é a que está mais relegada e deixa a desejar em termos de urbanização, limpeza e tudo o mais. Penha cresceu, mas a Armação está estacionada. E olha que a Armação foi o berço da colonização de toda a região do Vale do Itajaí. Todas as cidades do Vale são mais novas do que a Armação do Itapocorói. O que aconteceu aqui é uma coisa que existe ainda hoje. **Existe um bairrismo entre Armação e Penha, assim como existia entre Penha e Piçarras, até Piçarras se emancipar de Penha e dar um salto para o futuro. Agora ainda existe este bairrismo**, embora consideramos que 60% da população do município não é penhense de nascimento. Este bairrismo tem prejudicado muito o bairro. Às vezes a vinda de algum estabelecimento ou empresa para a cidade não tem o apoio administrativo e político total e vê-se que aqui o bairro está abandonado. A praia Grande também está abandonada (Cláudio, grifo da autora).

Uma alteração boa que ocorreu foi a iluminação que aumentou na beira-mar, o que por outro lado tirou o lado romântico. De alteração ruim acredito eu que pro futuro, foi a compra de dois grandes terrenos, de frente pro mar, e que terão alterações paisagísticas grandes pois são de dois grandes empreendedores (Renato).

Aumentou o número de turistas, é gente de Blumenau, Joinville, etc; o que eu não gosto é que vem turista de tão longe aqui que guardou seu dinheirinho pra gastar na nossa praia e vem a polícia e lasca o povo de multa. Eles judiam do pessoal que vem de fora. Não devia ser assim, é deles que vem o dinheiro que a gente vive (Ana).

Assim que eu vim pra cá só tinha gente, turista, lá naquela pontinha. Isto aqui cresceu de uns 10 anos pra cá com a construção do trapiche, porque aqui não dava ninguém não (Solange).

Nota-se que não há uma unanimidade entre os moradores quanto estes comentam as alterações do bairro dos últimos anos. São apontados o aumento do número de turistas, a iluminação à beira-mar e a falta de desenvolvimento

do bairro, mas não são comentários com tantos itens como os foram os dos veranistas.

*O que conhece do passado da Armação?*

Quanto ao histórico, os veranistas conheciam “alguma coisa”, e indicaram a fonte como sendo o Restaurante Pirão d’Água – restaurante de comida típica açoriana que divulga a cultura da região. Muitos não relacionavam o nome Armação com a antiga atividade de caça à baleia e nenhum deles declarou conhecer o fato da região já ter sido habitada por índios. Muitos não conhecem nada:

Xiii...não conheço quase nada do passado da Armação (Caio).

Não muita coisa. Na verdade nada. Nem o porquê do nome (Fabiana).

Alguns conhecem detalhes da história:

Eu sei que era um lugar que matavam baleias. Quando eu era pequena a gente levava os ossos de baleias para as aulas de ciências (Nicole).

A história que a gente conhece é que era a baía onde eles transformavam a baleia em óleo, então por isto, de vez em quando, agora não, mas há uns anos atrás a gente achava na areia os ossos, quando dava uma maré muito baixa a gente catava na areia os ossos da baleia, que ainda é uma herança daquela época (Lia).

Conheço do passado que era uma armação baleeira. E só! (Mayra).

O que eu conheço do passado da Armação diz respeito à presença de índios, do próprio nome da Armação, das baleias, da ponta da Vigia. Conheci através do Pirão d’água, tem um pouco da história da Penha no cardápio deles (Ubiratã).

Conheço do passado que construíram a igreja (Capela de São João Batista) com o óleo da baleia e tenho um livro do seu Cláudio (Bersi de Souza) que conta isto. Sei também que foi uma grande colônia de pescadores e só (Raquel).

Eu não conheço muita coisa do passado daqui. Quando eu casei (em setembro de 2004) foi que eu conheci alguma coisa da Capelinha (de São João Batista, onde foi realizada a

*cerimônia religiosa*). E também aprendi alguma coisa lá no Pirão d'Água (*restaurante de comida típica*) (Fernanda).

Do passado da Armação conheço algumas informações através de idas ao Restaurante Pirão d'Água. Sei que era uma antiga armação baleeira e que em Florianópolis também tem alguma (Daisy).

Como afirmam Coutinho (1998) e Krippendorf (2000), conhecer a história local não é tão importante quanto conhecer as distâncias a serem percorridas, os custos que a segunda residência acarretam, os atrativos que a região oferece para o lazer. É desanimador para a cultura local que os veranistas que freqüentam a Armação já há tantos anos tenham que conhecer sobre a cultura local por meio de um cardápio de restaurante.

Não existe uma Casa da Cultura responsável por divulgar a cultura local, da mesma forma como não existe o interesse, por parte do veranista, em se informar e conhecer as festas e tradições. Enquanto em diferentes partes do mundo a cultura é utilizada como atrativo turístico – vide exemplos da França, Itália – em Penha (e no Brasil de modo geral), tais representações são ignoradas pelos planejadores turísticos e pela própria comunidade, que não vê a possibilidade de desenvolver um produto turístico de sucesso baseado em suas festas e tradições.

A diferenciação entre Penha e as demais praias da região não necessitava ficar apenas no fato de sediar o parque Beto Carrero World. Penha poderia explorar a sua cultura, os fatos do passado – como a história da armação baleeira e do importante porto que foi para a região no século XVIII.

Uma das entrevistadas mistura a história de Armação com sua própria história:

Bom, era uma praia muito piscosa. Nós pescamos muito robalo aqui enfrente de casa. Daqui da areia. Nós vínhamos de Camboriú para passar o dia aqui para pescar. Por exemplo lá no Alírio (*restaurante próximo ao trapiche*), nós acampávamos lá por dia com as crianças pequenas, os maridos pescando e pescava-se um robalo atrás do outro. E se acabou. Mas isto deve ter acabado em todas as praias. Não é defeito de Armação não. Faz parte da história de todas as praias (Liese).

Entre os moradores esta forma de referir-se ao passado de Armação relacionando-o com suas vidas apareceu em várias entrevistas. Isto se deve ao fato de que os entrevistados sentem que as histórias se cruzam (sua e de Armação) e não fazem sentido uma sem a outra. A história de Armação fica completa com suas memórias e sua própria história só se completa com as lembranças de Armação. Notam-se nestas falas os costumes, o dia-a-dia das famílias, a alimentação e o modo de vida do passado.

Eu me lembro do tempo que a gente era pequeno e vinha na festa de Bom Jesus (*Igreja próxima ao Beto Carrero*) e aqui tudo era caminho, não era nem rua, nem estrada, era chamado de caminho, de terra batida. Era tudo muito diferente. Armação perdeu muito do que era. Era uma época boa. A gente andava um pedaço daqui até a Santa Lídia sem achar ninguém e não tinha medo, sem encontrar casa, nem nada. Não tinha viajante como hoje em dia, aquela turma de bêbado que vem tentar emprego no Beto Carrero e fica por aí, pela praia. Ano passado tinha uma turma lá na praia, ganhavam peixe e camarão e ficavam lá, dava pena. A gente não é acostumado com estas coisas e quando vê fica assustado (Francisco).

Um fato inusitado é que eu nasci no chão que eu moro. Sabe, eram muitos pescadores em Penha. Eram mais de cem famílias espalhadas por toda beira-mar, cada uma com 6 a 7 pessoas. A comunidade de Armação era muito maior do que agora. Os lotes eram grandes, desde a beira-mar até a rua e os pescadores começaram a vender porque não precisavam de todo o terreno e também porque o dinheiro era bom, já que a pesca não dava pra muita coisa. Começaram a vender pela parte da beira-mar. Ficou melhor para viver ali a partir de 1962 quando foi instalada a luz elétrica (Cláudio).

Eu tenho ao longo da minha vida muitas lembranças da Armação, mas o que mais me marcou foi na época da minha mocidade, quando eu era embarcado e aportava com o barco e via o porto da Armação, a chegada para as pranchas de São João, o povo atirando foguetes... (*pausa*). Era maravilhoso aquilo, porque a população local era muito maior do que hoje. Hoje aqui você conta meia dúzia de famílias na orla e na época se contava mais de cem famílias de pescadores desde a Fortaleza até a Ponta da Cruz. Famílias grandes de até 10 membros e a praia era muito alegre, muito divertida e fora da temporada também, durante o ano todo. E quando chegava um barco no porto, daí é que aquela gente ia nas canoas e nos batelões receber o barco e tudo isto são coisas que marcam e agora se eu quiser ver uma Armação diferente tenho que me concentrar e ver a Armação de antigamente porque era tudo diferente de hoje. Não tinha a criação de marisco que tem hoje e não tinha nada que te interrompesse a vista até o horizonte, a água era azul e não ficavam as embarcações ancoradas, elas

eram arrastadas e ficavam na areia. A paisagem era limpa (Cláudio).

Cláudio recorda como ocorreram as primeiras visitas turistas a Armação, por volta de 1940, 50:

Os turistas vinham de charrete ou de cavalo de Itajaí e Blumenau e passavam o final de semana. Meu pai, dono de pescaria – é diferente de ser pescador, porque dava acolhida às redes e embarcações dos demais–, acolheu muitos destes visitantes. Eles vinham de charrete e se hospedavam lá em casa. Não havia um preço estabelecido pela acolhida, era uma contribuição espontânea. Depois veio o primeiro hotel, que era da dona Faceira, que se chamava Teotônia da Costa. O hotel era feito de madeira e se chamava Armação e era onde hoje é a casa do Paulo Hering. No dia de muito calor eles tomavam banho de mar e diziam “vamos tomar um banho”, mas nada de muito tempo. As mulheres usavam um maiô comprido, quase no joelho, sem esta exposição como tem hoje. Os homens já usavam a sunga, que eles chamavam de calção de banho. Os que moravam aqui íamos sempre. Eu passei a minha infância brincando no mar, pescando caniça na canoa, aprendi a nadar, pescava siri.

Lucia relata encantada como eram os costumes da época. Em sua descrição vê-se como era a vida do pescador, das famílias numerosas, a educação e a religião:

Era muito grande a ligação entre Penha e Itajaí. Ia-se a pé para Itajaí, a viagem durava 4 horas. Levava-se o sapato numa bolsa e ia-se descalça. Seguia-se o mesmo caminho de hoje – por Navegantes. Não havia balsa, era com um barco que se fazia a travessia do rio (*Itajaí*). Chegava-se no lugar da travessia – muito próximo de onde hoje se situa a balsa e lá se limpava o pé para por o sapato. Às vezes ocorria de nós irmos em carroça, primeiro nós íamos com a nossa própria carroça, depois, quando a gente ficou sem, íamos com uma emprestada. Muitas mulheres reuniam-se para irem juntas. Eram mães de 14, 15 filhos que tinham que ajudar na casa, vinham da Praia Grande, levando suas cestas com ovos, galinhas, frutas e hortaliças para vender ou trocar por roupa em Itajaí. Era muito bonito todo o esforço que faziam. O marido era pescador e era preciso trabalhar. Quando não havia carroça iam a pé. O nosso centro comercial era em Itajaí e ainda hoje continua.

Na nossa casa papai era pescador e não havia banco na sala, só rede e eu perguntava pra mamãe “onde nós vamos namorar, se não tem lugar pro moço sentar?” e ela dizia “senta

na rede”, daí eu dizia que eles iam pensar que nós éramos pobres. A rede não era rede de deitar, era de pesca mesmo.

Meu pai, pescador, faleceu com 80 anos. Mas nós tínhamos muita fartura, porque papai pescava, nós tínhamos uma vaca que dava muito leite, tínhamos muita banana, roça com aipim, café, batata doce. Nós tínhamos o melhor peixe do mar, porque o papai sempre deixava o melhor pra família. Cozinhávamos com banha, comprada em lata. Com o leite que a mamãe tirava da vaca mais a banana a mamãe fazia uma polenta doce e daí ela botava a polenta, banana e manteiga. Nossa morada ira desde a praia, perto do trapiche até as costas do Baiano. Mas as outras famílias passavam muita necessidade. Tive uma tia que passou muita necessidade e minha mãe chegou a trocar uma porca com toda sua cria por uma vaca pra minha tia ter leite pra amamentar dois filhos gêmeos que tinham nascido. Era comum ter muitos filhos, não tinham televisão. Teve uma senhora que teve 18 filhos. Todos com diferença de 1 ano, 1 ano e meio.

A minha mãe tinha que acordar às 4 da manhã pra fazer comida pros pescadores. Tinha que remendar as velas dos barcos, as roupas dos pescadores. Eles estragavam muita roupa no mar e ela remendava tudo. Ela era analfabeta, mas uma mulher muito inteligente. Ia na loja e comprava chita, ficava em Itajaí olhando as vitrines e fazia igual, costurando na máquina de pedal.

Eu fiz até o quarto ano. Na época não existia colégio municipal, só estadual. Ginásio só em Florianópolis. Os homens na sua maioria acabavam trabalhando com algo relacionado à pesca. As mulheres, quando tinham a oportunidade de seguir estudando, eram normalistas.

Quando éramos moças não havia luz elétrica e quando havia luz brincávamos de chamarrita, amarelinha, pula corda e ratoeira. A ratoeira tinha que cantar e era assim “Ratoeira bem cantada faz chorar, faz chorar” (*e ela cantou uma melodia triste*) e cada uma cantava um verso. Era muito lindo, sem maldade. Rezava-se também muito terço, tudo cantado! Durava muito tempo. Aos domingos não tinha padre pra rezar missa. Nós pertencíamos à Itajaí e os padres vinham de lá de 2 em 2 meses e ficavam lá na casa da mamãe. Ela tinha uma felicidade muito grande em receber todos! Eles ficavam uns 3 dias. Nós tínhamos muita fé para agüentar tanto tempo sem eles, e quando eles vinham, a missa era em latim e eles rezavam de costas. Todos eram católicos por aqui.

Não havia negros, nós não nos misturávamos. Tinha na outra praia (*Grande*) uma domingueira, nós íamos com nossas mães e ficávamos lá dançando. Numa noite entrou um negro que tinha desembarcado de um barco recém-chegado e todas nós fugimos do salão. Era um racismo muito grande naquele tempo! Foi um escândalo muito grande, as mães gritando “corre minha filha, corre” e nós todas correndo pela areia da

praia... coitado! Tinha uma família negra no Gravatá que trabalhava com o pessoal da família Konder, era uma gente muito honesta, muito querida. Mas eles não iam onde tava o branco, não se misturavam. Pra lá de Armação (*em direção ao centro*) tinha umas famílias de cor, pra lá sempre, mas não se misturavam. Hoje em dia a gente vê uma pretinha já beija e abraça mas naquela época o preto era preto e o branco era branco e não havia jeito de misturar, a nossa criação foi assim (Lucia).

Os moradores que se instalaram mais recentemente no município não têm tantos argumentos para falar sobre o passado de Armação, ainda que uma das entrevistadas relate como era feita a salga do peixe para conservá-lo, procedimento muito similar ao feito com o bacalhau em Portugal:

Do passado conheço os carijós, as baleias, a invasão dos espanhóis ao Desterro e que daqui participaram muitos para a colonização da região (Hilário).

Eu conheço o passado daqui no geral, na a fundo. Antigamente, assim que eu vim pra cá eu lembro que tinha mais coisa guardada. Essas coisas de cultura... tinha aquele negócio de conservar peixe, secar e guardar com farinha. Salgavam o peixe, depois botavam farinha e agüentava sem geladeira, sem nada, durante um mês. Hoje em dia ninguém mais faz isto. Mas para você conhecer o passado daqui da para ler o livro do seu Cláudio (*Cláudio Bersi de Souza*), lá tem tudo (Solange).

*O que conhece da cultura local?*

*Que festas conhece / freqüenta? Do que se trata?*

Os turistas pouco conhecem a história e a cultura local. Da cultura local foram citadas as seguintes representações culturais: Festa do Divino Espírito Santo, a Farra do Boi (proibida desde 1997), o Boi de Mamão, o Terno de Reis (citado pelos entrevistados Caio e Raquel que disseram se lembrar dos cantadores do Terno que já não passam mais na época do Natal) e a Festa do Marisco, a mais atual, realizada anualmente para divulgar a produção de marisco do município. Mesmo conhecendo o nome das representações, nenhum dos turistas soube explicar sobre o que se tratava cada uma delas.

Conheço só a festa do Marisco (Fabiana).

Bem, eu não conheço nenhuma festa além da do marisco (Fernanda).

Não. Conheço só a festa do Marisco (Nicole).

Da cultura local conheço a Festa do Marisco e na Praia Grande já vi uma apresentação de Boi-de-mamão. Fora isto não conheço mais nada, mas já ouvi falar que tem um monte de folclore aqui, não? (Ubiratã).

Conheço que é de cultura açoriana e que por isto o povo é acomodado e preguiçoso. Tem lá seu fundo de verdade nisto, não? Das festas conheço a do marisco, a do Divino por conta das faixas na entrada da cidade que saúdam o Imperador e a farra do boi. (Mayra).

Da cultura local conheço a Farra do boi, a Festa do Marisco e o Terno de Reis que antigamente passava nas casas na época do Natal, mas não sei do que se trata ou porque o faziam (Caio).

Conheço a parte que a tua mãe escreve (*historiadora Maria do Carmo Ramos Krieger*), da festa do Divino, estas coisas (Liese).

Ah, da cultura local conheço a Farra-do-boi, a Festa do Marisco e a Festa do Divino, mas não sei dizer do que se trata. Sei que tem muita festa lá na igreja (Capela de São João Batista) (Daisy).

Da cultura eu lembro que anos atrás os pescadores faziam o Terno de Reis e hoje em dia não se encontra mais. Me lembro que na época do Natal eram de 2 a 3 noites com cantoria. Conheço a festa do Divino e o Boi de mamão que eles fazem em **Penha**, com a coroação do Rei e da Rainha, mas não tenho certeza se era da festa do Divino (Raquel, grifo da autora).

Conheço muito poucas. Esta do Divino, porque às vezes quando a gente passa tem a faixa **lá na Penha** ou coisa assim, mas nunca me envolvi.. A do Marisco eu já fui, mas estas de tradição não (Lia, grifo da autora).

Como foi visto anteriormente, a cultura pode ser utilizada como um atrativo turístico, mas no caso de Armação ela é desconhecida pelos veranistas. E se ela o é pelos veranistas, que passam mais tempo na praia, pode-se imaginar que a situação é a mesma para os turistas e para os visitantes.

Entre os moradores há um contato maior com a cultura e a história local. Um dos entrevistados é historiador com diversos livros publicados sobre Penha –Cláudio – e pelo menos quatro dos entrevistados têm uma atuação constante



na comunidade no que se refere à manutenção da cultura de Armação – Francisco, Lucia e Renato.

Eu sou muito de igreja sabe, já fui coroinha, trabalhava na sacristia. E aqui freqüento a festa do Mastro a do Divino. Eu sou empregado do Divino há 35 anos. Ajudei a fundar o coral lá no Morro do Ouro (Francisco).

Tem a festa de São João que é uma festa boa. **Tem a da Penha** (*Festa do Divino*), a do Marisco. Mas eu não vou em nenhuma. É longe pra mim (Solange, grifo da autora).

Francisco tem destaque especial nesta análise sobre a cultura local pelos entrevistados. Ele é o Imperador da Festa do Divino Espírito Santo número 170, a ser realizada em Penha, em maio de 2006. Ser Imperador do Divino em sua família já é tradição:

Meu avô, em 1933, depois por duas vezes o avô da minha esposa, lá de Penha. O Alírio, que é meu cunhado duas vezes, um vizinho meu também foi e agora eu (Francisco).

Ele detalha os preparativos da festa e a emoção de ser Imperador:

Não se descreve esta emoção. Desde aquele dia que foi dado meu nome como imperador deste ano a nossa vida melhorou muito. As bênçãos apareceram. A doença desapareceu. Nossa vida é só graças e bênçãos. Mudou tudo, não dá pra descrever. Cada vez eu me sinto com mais vontade, mais ânimo. Ando por todos os lados pra resolver tudo porque a gente quer, não uma festa grande, mas uma festa bonita. Começaremos a visita das bandeiras dia 4 de março por Itajaí, depois Navegantes, Santo Antônio em Piçarras, depois **Penha**, Santa Lúcia e encerra aqui em Armação. Serão 3 meses de visita. Vou visitar mais ou menos 1100 casas (Francisco, grifo da autora).

É interessante notar nestas falas a diferença feita pelos entrevistados entre *Penha* e *Armação*, como se fossem localidades distintas e com o mesmo nível hierárquico administrativo. Francisco, no dia da entrevista, disse: “pode vir que já estou em casa, acabei de chegar de Penha”. Esta questão é citada por um dos entrevistados como um “bairrismo”:

Existe um bairrismo entre Armação e Penha, assim como existia entre Penha e Piçarras, até Piçarras se emancipar de

Penha e dar um salto para o futuro. Agora ainda existe este bairrismo (Cláudio).

Acredita-se que tais diferenciações sejam herança dos tempos da antiga armação baleeira, quando a comunidade de Itapocorói gozava de grande prestígio. Como Penha posteriormente assumiu como sede do município ficou a divisão: *Penha* (centro), tem a parte administrativa, e *Armação* tem a cultura, a alma do município:

A alma de Penha está em Armação. É ali onde se preservam as raízes da culinária, da religiosidade, o *modus vivendi* da comunidade. Sou otimista quanto à preservação da herança histórica não só da Penha, mas da região (Renato).

Tal costume entre os moradores faz com que também os turistas e veranistas se refiram a Penha e Armação como cidades distintas e não como cidade e bairro, respectivamente – como nas falas de Lia e Raquel. Armação se torna um lugar à parte dentro do município, um lugar que merece destaque especial e recebe um tratamento mais importante do que o de um bairro. Para os moradores Armação é diferente dos demais bairros de Penha.

*Qual o lugar que mais gosta aqui em Penha? Por quê?*

Quanto ao lugar que mais gostam em toda Penha as respostas foram diferenciadas e retratam os gostos pessoais. Alguns entrevistados preferem a própria Armação e relacionam-na com sua própria casa:

Da Armação mesmo (Nicole).

Depois deste meu cantinho aqui... então é ele, porque aqui tem amor e família. Mas eu adoro também daquele cantinho lá do restaurante Peixe na Telha (*próximo ao trapiche*). Eu acho aquela vista maravilhosa, com o mar e os barcos pesqueiros, um por do sol, acho lindo, especial (Lia).

A minha casa. Porque eu tenho o jardim, eu gosto de trabalhar no jardim, pra mim isto é um hobby que me faz muito bem. E nós fizemos a jardinagem (*trata-se de um jardim bellissimo de uma das mais bonitas e tradicionais propriedades de veraneio da praia*) e tudo aqui como nós gostamos (Liese).

De todas as praias daqui eu tenho preferência pela minha mesmo. Antigamente eu saía pra tomar banho em cada uma

delas, mas agora com as meninas me acomodei e não saio mais (Raquel).

Outros, justificando suas respostas, preferem praias vizinhas e que têm em comum o fato de terem menos infra-estrutura e não serem tão conhecidas:

Os lugares que eu gosto mais em Penha são o Quilombo e São Roque, porque acho as praias mais bonitas, parece de cidade pequena, tem mais natureza (Daisy).

Da Ponta da Vigia. Porque tem uma vista muito bonita (Fabiana).

Gosto muito da praia da Paciência, apesar de que faz uns anos ela tem estado muito cheia. E lá é muito pequeno, então já viu, fica tudo sujo e todo mundo apertado (Fernanda).

O lugar que mais gosto é da Praia de São Roque para ir pescar e caminhar (Caio).

O lugar que eu mais gosto é a praia da Paciência, porque é calma, de difícil acesso, quase privativo e a água é clara. Além disto sempre fui lá com amigos e sempre relaciono ela com alegria e bagunça (Mayra).

O lugar que mais gosto de Penha é a Ponta do Vigia, porque se pode ver tudo, Penha e também Piçarras. A gente fica lá, dá pra imaginar as baleias, na época que elas vinham até aqui, devia ser lindo. E tem todos estes recortes das praias, é uma visão diferente (*a Ponta do Vigia recebe este nome justamente por ser o local onde o vigia esperava o aparecimento das baleias que seriam caçadas*) (Ubiratã).

Para alguns moradores, unir Armação com suas vidas e residências é natural:

O lugar que eu mais gosto é este onde eu estou, a minha casa. E é interessante, porque sempre vem gente querendo comprá-la. Parece que eles sentem o quanto eu gosto daqui (Cláudio).

É da farmácia pra cá, tudo o que tem pra cá (*parte que começa o bairro de Armação*) (Ana).

Armação né, a gente mora aqui, considero até minha terra, assim como a Santa Lídia (*um dos bairros de Penha*) (Francisco).

Alguns moradores têm outras preferências:

Gosto mais da Grande e da Paciência (Hilário).

O lugar que eu mais gosto é a praia Grande (Renato).

Se eu pudesse, eu moraria na pontinha do Gravatá. É o lugar que eu mais gosto, tem mais movimento, é mais alegre. Aqui é tudo muito parado, parece que não se desenvolve (Solange).

Esta última entrevistada levanta uma questão importante, o atraso no desenvolvimento de Armação sentido pelos moradores e comentada por outros dois entrevistados:

Às vezes dá uma decepção porque Penha não acompanhou o desenvolvimento das outras cidades da região e a vocação turística com o próprio Beto Carrero não é aproveitada (Renato).

Armação a célula mater da região é a que está mais relegada e deixa a desejar em termos de urbanização, limpeza e tudo o mais. Penha cresceu, mas a Armação está estacionada. E olha que a Armação foi o berço da colonização de toda a região do Vale do Itajaí. Todas as cidades do Vale são mais novas do que a Armação do Itapocorói (Cláudio).

### *Como descreve a paisagem de Armação?*

A descrição da paisagem, aqui interpretada como o cenário sobre o qual se desenvolvem os momentos de lazer do turista e da vida cotidiana do morador, foi descrita por eles com ternura, sendo uma soma de elementos naturais e da cultura tradicional local: verde da grama e das árvores, o brilho da água, as embarcações ancoradas na água (conforme Figura 3) e as ondas calmas.

Duas turistas entrevistadas sugeriram que o cultivo do marisco está “tirando a beleza” do mar e uma citou o fato de que a paisagem é “colorida” pelos amigos e conhecidos:

Paradisíaca (Fabiana).

Linda maravilhosa (Nicole).

Paradisíaca. É linda demais (Lia).

Lindíssima, incomparável (Liese).

Minha paisagem é assim: as areias são boas, sem sujeira, o mar é limpo, não tem muito bueiro, o que tem não é fedido, temos muitos conhecidos, é muita amizade, é bonito porque vemos as ilhas e para lá tem os mariscos (Raquel).

A praia é linda, com a vista das ilhas, mas o que incomoda ultimamente é o cultivo do marisco (Fernanda).

É uma praia bonita com a água bonita e de um azul que brilha (Mayra).

É um pouco triste falar da paisagem, pois hoje tá muito diferente do que era há 30 anos, quando eu comecei a vir. Era mais selvagem, mais bonito. O cultivo do marisco tira um pouco a beleza de antes e agora tem muita gente na praia e pouca areia já que a faixa de areia diminuiu... *(pausa)* também falta peixe. Antigamente a gente pescava aqui na beira, aqui na frente e agora não vem nada de peixe se a gente quiser pescar ali (Caio).

Ela é muito bela e privilegiada. Gosto muito de ver a Ilha Feia. Agora tem o cultivo do marisco que é feio, fica atrapalhando a vista da praia que antes ia da areia até o horizonte (Ubiratã).

Verde, água, embarcações, onda, ondas calmas, morro (Daisy).

As palavras ditas pelos veranistas são, em sua maioria, elogios que ressaltam as qualidades da praia, demonstrando o carinho que sentem pelo lugar.

Para os moradores, expressar os sentimentos foi ainda mais profundo. De acordo com Tuan (1980) o nativo tem uma atitude complexa em relação ao meio derivada de sua imersão na totalidade deste ambiente e a expressão dos seus sentimentos ocorre também através do comportamento, do gestual e de suas atitudes. O que se pôde notar nas entrevistas foi a intensidade do sentimento de afetividade pela Armação, expresso tanto nos momentos de descrever a paisagem, tecendo elogios, como nos momentos de identificar os problemas locais.

Ah.. não tem como descrever... a baía de Itapocorói é uma coisa rara. A gente olha pra ela e fica encantado. No fim da tarde tem o por do sol aqui ó, no mar. Tem vezes que dá aqueles raios de sol, as nuvens rosas, é lindo (Francisco).

A paisagem daqui é uma maravilha do mundo. É uma benção de Deus. Deus quando fez o mundo jogou por aqui um bocado

de tudo, mas sobre a Armação ele jogou muito mais, um punhado de bênçãos. Sabe, eu não tenho palavras pra descrever aqui. A gente perde a noção...(pausa) Aqui parece que eu tenho mais saúde, mais disposição (Ana).

Praia da Armação... (pausa) vou procurar ser breve porque senão a fita vai acabar... Faço minhas as palavras do Visconde de Taunay (*refere-se à citação de Taunay "De quantas, porém, na pitoresca e hospitaleira província de Santa Catarina merecem menção mais especial, nenhuma há – nenhuma, por sem dúvida – que em magnificência, serenidade e amplidão, sobrepuje aquela que se goza do alto de uma antiga feitoria destinada à pesca das baleias e conhecida por Armação de Itapocorói". TAUNAY, Visconde de. Armação de Itapocorói. In: ALMEIDA, Napoleão Mendes de. Antologia Remissiva. São Paulo: Editora Saraiva, 1964, p.184*). É muito lindo porque é assim: primeiro dá muita tranquilidade por ser uma enseada, a parte da natureza é o que mais me encanta. É um dos poucos lugares onde vemos o pôr-do-sol sobre o mar e isto para mim tem uma importância enorme e o que mais me agrada é toda a beleza que a natureza deu de presente para nós, com formas geográficas especiais somadas com toda a história da baleação que nasceu ali (Renato).

Não canso de descrever minha paisagem. Eu que nasci à beira-mar, vejo esta paisagem todo dia e não me canso de admirá-la. Imagine quem vem pela primeira vez! Isto aqui é encantador. A natureza aqui foi muito privilegiada porque eu acho que quando Deus fez o esboço disto aqui ele deu o colorido que este pedaço da terra merecia (Cláudio).

### *O que sente neste lugar, Armação?*

Os sentimentos expressos como resposta à pergunta sobre o que sentem quando estão em Armação do Itapocorói refletem o sentimento topofílico dos entrevistados, conforme se acompanha nos seguintes depoimentos:

Muita paz, alegria, bem estar (Fabiana).

É um lugar muito familiar, que lembra a minha infância. É um lugar que eu gosto muito, me lembra família, amigos, a minha vó. É uma coisa muito emocional, não é a praia em si, mas a família toda (Nicole Thum).

Sinto paz, tranquilidade... (Lia).

Eu me sinto bem. Feliz (Liese).

Quando eu venho pra cá eu sinto tranquilidade, aqui a gente esquece o mundo e tem paz e sossego (Raquel).

Aqui eu sinto sossego e relaxamento (Fernanda).

Armação pra mim representa tranquilidade (Mayra).

O que sinto em Armação é relaxamento. Aqui eu fico calmo e consigo dormir bem. Durante a temporada as coisas mudam, há mais barulho. Mas independente disto eu gosto muito do fato de ter o quintal da casa para eu trabalhar e acho engraçado o fato de que todos que passam pela rua fiquem olhando para ver o que eu estou fazendo, sabe? O povo fica como que “acompanhando” o serviço. Tem gente que pára pra perguntar ou fazem comentários. A vizinhança participa da obra! (Caio).

Sinto aconchego... paz (Ubiratã).

O que sinto quando estou em Armação é satisfação, felicidade, paz... *(pausa)* sabe, sinto que sou aqui a pessoa que não posso ser em Curitiba (Daisy Gesser Krüger).

A sensação de paz é citada e considera-se que ela existe para os entrevistados, assim como a sensação de tranquilidade e de felicidade, pelo fato de que os veranistas consideram aquela a sua residência, não importando se é a secundária ou a permanente. É sua residência e transmite todos os sentimentos de segurança que a residência permanente também transmite, somado aos sentimentos de relaxamento e sossego, conseguidos por se tratar de uma residência destinada ao tempo de lazer e ócio.

Os sentimentos expressos de satisfação, felicidade, paz, aconchego, tranquilidade e relaxamento remetem à categoria de *lugar*, conforme visto no Capítulo 2. O sentimento dos veranistas em relação ao lugar é a *topofilia*, que, de acordo com Tuan é “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico” (1980, p.5).

Para os moradores entrevistados expressarem o que sentem por Armação foram utilizadas expressões que também demonstram o sentimento de *topofilia*:

Muita paz, muita fé em Deus. E este ano, como imperador da Festa do Divino Espírito Santo tenho recebido muitas bênçãos e graças. Estou renovado (Francisco).

Sempre quando chego em Armação eu o faço vindo da Praia Grande e venho pela porta dos fundos, pela ponta dos cascalhos. Quando chego ali é uma paz de espírito (Renato).

Bem, eu gosto de pescar, catar marisco nas pedras, tudo o que eu fazia quando era criança (Ana).

Quando chega o verão a gente fica feliz. Conversa com um, conversa com outro. Revê os amigos, os turistas... (Solange).

O bairro da Armação é onde os moradores entrevistados se sentem em casa. O bairro representa um estilo de vida, tem uma identidade própria, ligada à cultura e ao passado.

*Pensando em Armação, relacione uma palavra para visão, audição, tato e olfato.*

De todas as perguntas feitas durante as entrevistas esta foi a que mais necessitou de explicações. Muitos entrevistados não tinham certeza de como relacionar ou com o que relacionar a praia de Armação do Itapocorói. Alguns entrevistados preferiram não opinar por “não saber”.

Quanto às palavras que, pensando em Armação do Itapocorói, os turistas e os moradores entrevistados relacionaram principalmente tem-se: a visão com o mar; o olfato com a maresia; o tato com a areia e a audição com o barulho das ondas, ainda que alguns tenham suas casa longe da praia e admitam que não ouvem o barulho do mar em suas casas.

Entre as imagens que os veranistas relacionam com Armação encontram-se mar – citado cinco vezes –, cultura de marisco – citada três vezes –, sol e Ilha Feia. Ainda que tenha sido pedida para dizer em “uma palavra” a imagem que vem à cabeça quando se fala em Armação, duas entrevistadas explicaram o conteúdo da imagem, sendo que uma relaciona Armação à sua própria família:

Este jardim aqui na frente, o mar, e o formato da praia, que é uma baía. Diferente de Navegantes que é reto, eu gosto deste formato daqui (Nicole).

De imagem vem, por exemplo, está vendo aqui, esta mesa (*onde estávamos sentadas para a entrevista*), toda manhã a família toma café. Então este café vai das 8 até às vezes 11 horas e sempre admiramos a paisagem, olhando como ela é bonita daqui (Liese).



Para designar o olfato apareceram as palavras – por ordem de mais citadas: maresia, cheiro da fábrica de farinha de peixe (relacionado a um cheiro desagradável), natureza, água do mar, flores e grama (do quintal do entrevistado).

Para tato foram utilizadas as palavras – também por ordem das mais citadas: areia, pedra, grama, água, frescor e o “grudento” maresia. Uma entrevistada relacionou o tato com sua própria residência:

Eu sinto um bem estar geral. Bem estar. Quando eu abro o portão e entro aqui, você viu como é né, já dá uma alegria, são os jardins floridos... (Liese).

Em relação à audição foram citados: o barulho do mar e o silêncio – este sempre comparado com o ruído das residências primárias, em cidades maiores e com mais movimento.

Por fim, os veranistas que opinaram, as palavras relacionadas ao paladar foram: peixe e gosto de coisa doce. Para uma das entrevistadas o paladar em Armação relaciona-se com recordações familiares:

A comida da minha vó (Nicole).

Entre os moradores as opiniões em relação à imagem que eles têm sobre a Armação são:

O que vem à minha cabeça é a imagem que a gente tem lá da Praia da Paciência, do Morro, da Igreja de São João. É a imagem que a gente vê lá desde Barra Velha. Quando eu viajo e vejo aqui sinto como se tivesse entrando no paraíso (Francisco).

Em Armação eu vejo a minha vida, minha própria história (Ana).

Quando estou triste, em depressão, essas coisas, no inverno, venho aqui, vejo o por do sol entrar, fico meditando, relaxando, e isso me dá uma paz (Solange).

Uma entrevistada não relaciona a imagem de Armação com sentimentos positivos, refletindo o seu desagrado com a situação atual do bairro:

Nada de bom, estrada ruim, muita sujeira, muita desigualdade, poucos tem muito e muitos tem pouco (Maria Rita).

Quanto ao olfato, foi citada a maresia e duas entrevistadas deram depoimento relacionando o cheiro a sentimentos positivos:

Eu fico até 10 meses sem vir aqui e quando venho sinto o cheiro do mar. É bom (Solange).

De cheiro tem cheiro de coisa boa, adoro a minha Igreja e a Capela (*de São João Batista, em Armação*) (Ana).

As demais palavras relacionadas ao olfato destacam o cheiro ruim das saídas de esgoto e da maricultura:

Só o mau cheiro, nós fechamos a porta e a janela e procuramos esquecer (Maria Rita).

O odor não é muito agradável, pois tem muita saída de esgoto (Renato).

Em relação ao tato, dois entrevistados comentaram:

O tato é das árvores, da areia, da água, enfim, elementos da natureza com os quais eu sempre tive muita empatia (Renato).

É a minha lida, a areia, o milho, o coco (Solange).

Quanto ao paladar, os gostos mais citados pelos moradores foram peixe e camarão.

O silêncio foi o termo mais comentado para relacionar Armação com algum som. Uma entrevistada fez um interessante resumo que representa bem a sazonalidade da atividade turística:

No inverno é o silêncio e no verão é o barulho do som alto (Maria Rita).

Estas sensações são diferentes de indivíduo para indivíduo e afetam a percepção ambiental, modificando inclusive a compreensão que se tem do ambiente.

*O que é Armação para você?*

Alguns veranistas utilizaram apenas uma palavra para designar o que é Armação para eles, enquanto outros se expressaram de forma mais completa, inclusive criticando a praia:

Armação é mais que uma praia é parte da minha história, da minha infância, da minha vida. Porque eu venho pra cá desde que eu nasci e como eu venho todo final de semana, muita coisa aconteceu aqui, tem muita história. Então em uma palavra, eu acho que é lembranças ou coisa boa (Nicole).

Em uma palavra? Ah, pra mim Armação é um refúgio (Daisy).

É o lugar onde venho descansar com a minha família (Fernanda).

Bem, Armação já foi o lugar ideal para passar o verão. Deixou de ser a partir de 1985.... *(pausa)* acredito que até aquele ano as coisas eram melhores, não tinha tanta gente, tanta movimentação. Era tudo mais familiar (Caio).

Armação representa descanso, aconchego (Mayra).

Para mim a Armação é um recanto (Ubiratã).

Tranquilidade (Fabiana).

Relax (Lia).

Felicidade (Liese).

Armação é tranquilidade (Raquel).

Novamente as palavras utilizadas pelos veranistas demonstram que Armação é um lugar, onde eles encontram tranquilidade e paz.

Para os moradores as palavras utilizadas foram:

Armação pra mim é romantismo, lirismo. É uma paisagem lúdica... o mar calmo, a enseada, as árvores à beira mar, os barquinhos boiando silenciosamente, os pescadores na sua lida, levando esta vida mais lenta... é bucólico (Renato).

Armação é uma praia boa pra relaxar sem medo. As famílias podem vir aqui passar o dia porque aqui não tem buraco *(no mar)*, como lá no Quilombo... Eu gosto muito do final de tarde... eu gosto muito da luz que vem depois do pôr do sol (Solange).

Para os moradores Armação também é sinônimo de tranquilidade e de relaxamento, de um lugar calmo, como que parado no tempo, longe da correria e dos compromissos do dia-a-dia. Armação e suas embarcações funcionam, também para os moradores, como afastamentos simbólicos do cotidiano.

*O que pensa do futuro da Armação?*

Os veranistas todos se mostram preocupados com o futuro da praia, principalmente no que diz respeito à conservação do meio ambiente:

Não acredito que vai se desenvolver muito mais do que isto. Um pouco mais sim, mas não chegará a ser um Balneário Camboriú (Fabiana).

Se não forem tomadas providências logo em relação ao saneamento básico, eu tenho um pouco de medo. De que vire uma praia muito poluída, sem controle. Marisco, esgoto, a quantidade de gente que vem e constrói sem nem por fossa. Enfim, eu tenho medo por conta da poluição (Nicole).

Eu me preocupo. Eu sinto assim uma decadência de Armação. Talvez por esta proliferação de muita gente, a praia é pequena, ninguém faz nada. Então eu temo por Armação, temo mesmo. Até eu vejo outras praias, os terrenos são muito mais valorizados do que Armação e você vê que não é um sonho de ninguém de fora ter uma casa em Armação. Existe um lado bom que é não trazer tanta gente pra cá e o lado ruim é que não existe um cuidado com amor aqui. Enquanto todos os municípios ao redor foram adiante, Armação ficou. Então eu me preocupo com o futuro de Armação. Tanto com a poluição dos próprios mariscos, como a poluição do nosso mar e a infraestrutura toda (Lia).

Não sei (*pausa*). Eu espero que um dia eles acordem e façam o mínimo possível e façam coisas que não vão custar muito dinheiro para a prefeitura nem nada. É só ter um pouco mais de escolaridade. Eu acredito que uma pessoa um pouco mais esclarecida deveria ver ou copiar o que fazem em Piçarras de bonito. Em Piçarras você está no primeiro mundo, vem para Armação você está no terceiro mundo. Parece que estamos esquecidos. Agora se você está no mar e olha para a praia, você vê sossego, porque quase não tem casas, elas estão escondidas atrás das árvores. Então isto é uma coisa muito boa (Liese).

O futuro daqui depende do que fizerem do saneamento e das estradas. Se ficar do jeito que está vai ficar ruim. A prefeitura tem que se importar e cuidar mais, se importar com o futuro. A água por exemplo, melhorou bastante. No passado ela vinha preta, barrenta, agora não, vem boa. Mas enquanto não tiver

uma meta de melhorar o esgoto, a Armação vai se perder (Raquel).

Acho que se não cuidarem da Armação vai ter degradação do meio ambiente e pouco turista, mas se conseguirem cuidar, vai crescer como todas as outras praias do Estado (Fernanda).

O futuro da Armação se tiver planejamento vai ser sem poluição, preservando a praia e as belezas naturais. É o que eu espero, porque ainda pretendo vir muito pra cá e ter esta mesma qualidade pros meus filhos e pros filhos deles (Mayra).

Quanto ao futuro eu acredito que a Armação vai crescer demais e que os problemas só vão aumentar. E isto é uma tristeza, porque a gente viu isto aqui crescer e dá uma dó danada de ver esta natureza toda, tudo se acabando. O que vale a pena agora é a vizinhança, que é muito boa, com famílias de Blumenau, Ibirama, Itajaí e Curitiba. Aqui fica todo mundo em família (Caio).

Do futuro da Armação? Eu acredito que se não for cuidada a praia vai ser suja, poluída e desagradável, ainda mais se não houver o interesse por parte de algum órgão de preservação do meio ambiente que cuide mais atentamente do local. Se seguir neste ritmo que se encontra atualmente, acredito que o fim está próximo (Ubiratã).

O que eu penso do futuro da Armação? Bem, é que o morador precisa cuidar do que é seu, se preocupando mais com as questões do município durante todo o ano, não esperando o verão para cuidar das questões de lixo, esgoto, etc. A impressão que dá é que todo mundo espera dezembro chegar para resolver os problemas dos meses anteriores, inclusive quem mora aqui. Porque nós cuidamos, mas como a gente vem pouco, não dá pra ficar sempre “encima” de tudo (Daisy).

Notam-se preocupações principalmente com o meio ambiente, com a poluição do mar pelas saídas de esgoto, pelo marisco e pelo lixo. Quanto ao futuro, o fato dos veranistas não quererem que mais turistas se instalem na praia é fruto do mesmo sentimento de posse do lugar encontrado nas respostas que diziam que não alugariam a casa. Pensasse a praia como “sua”.

Vê-se uma urgência em relação à cobrança por medidas que solucionariam os problemas mas, como ilustra a última fala, nenhum dos veranistas entrevistados assume a responsabilidade de realizar a sua parte para que a praia melhore. A culpa inclusive é lançada para o morador, que não toma providências o ano todo, abandonando Armação à espera dos veranistas.

Interessante perceber como os veranistas afastam Balneário Camboriú do seu ideal de praia. A infra-estrutura oferecida e o grande número de turistas talvez sejam a razão da não aceitação daquela praia como um espaço litorâneo desejável.

A praia de Armação, de acordo com o relatório do FATMA (Fundação Catarinense do Meio Ambiente), tinha três pontos impróprios para banho em 2005 (FARIAS, 2005). A Figura 21, abaixo, mostra uma destas placas, que representam a poluição da praia:



FIGURA 21 – PONTO DE IMPRÓPRIO PARA BANHO NA PRAIA DE ARMAÇÃO DO ITAPOCORÓI

Fonte: Mônica Krieger Goulart, 2005.

Para os moradores, o futuro também é repleto de dúvidas:

O nosso município está se tornando totalmente urbano, sem zona rural. Está se fechando, tudo está se interligando e vai ser tudo urbano (Cláudio).

O futuro seria bom com fábrica, com emprego pra manter os filhos e os netos aqui. Seria bom que entrasse um candidato novo que olhasse para nós sem deixar o povo daqui sofrer e que receba o povo de fora bem, com limpeza e sem relaxo (Ana).

Um futuro bom pra mim seria com mais quiosque, iluminação direita, banheiro e chuveiro pros turistas. É uma praia bem movimentada que tem turismo adoidado e vem gente de tudo o que é lugar. Eles chegam aqui acham linda a natureza, mas não tem estrutura (Solange).

Nota-se, na fala dos entrevistados, a preocupação com a atividade turística e com os turistas, para que eles tenham mais conforto e opções de lazer. São preocupações que se relacionam com o dia-a-dia da comunidade que necessita de mais infra-estrutura para trabalhar.

A Figura 22, na seqüência, localiza os principais pontos analisados neste trabalho, chamando a atenção para a proximidade entre eles:



FIGURA 22 – PRAIA DE ARMAÇÃO DO ITAPOCORÓI: O LUGAR, OS ESPAÇOS E A PERCEPÇÃO AMBIENTAL

Fonte: Mônica Krieger Goulart.

O cultivo do marisco aparece mais acima, localizando-se em frente à praia de Armação do Itapocorói e estendendo-se até a praia de Armação (à esquerda). A faixa litorânea ocupada pelas segundas residências – aqui representadas novamente pela poltrona que é sinônimo de conforto, de estar em casa – é caracterizada pelas grandes propriedades à beira-mar, as quais são “protegidas” por árvores sombrieros. A Capela de São João Batista, à direita, engloba a cultura e a história da região, sendo o seu bem arquitetônico mais antigo. O parque Beto Carrero World, o não-lugar instalado no lugar

localiza-se à esquerda. Por fim, tem-se a praia de Armação do Itapocorói, que é o lugar onde se desenrolam estes múltiplos relacionamentos estudados até este momento.



## REFLEXÕES FINAIS

Ao iniciar este estudo sobre a percepção ambiental na praia de Armação do Itapocorói tinha-se em mente um objetivo: compreender as diferentes relações que dois grupos distintos estabelecem com este ambiente. Os dois grupos eram os moradores e os veranistas e haviam sido escolhidos por entender-se que somente estes dois poderiam desenvolver o sentimento topofílico com o lugar. Assim, turistas e visitantes do parque Beto Carrero World foram excluídos da seleção da pesquisa, apesar de terem sido utilizados como grupos comparativos quando realizada a análise das relações do homem com o ambiente.

Como seu viu no histórico da praia, a alteração da atitude em relação ao ambiente, fruto de uma nova postura social e cultural, foi essencial para a alteração das imagens e das funções da praia de Armação do Itapocorói de praia de pesca a espaço turístico. Tais alterações nas atitudes em relação ao ambiente modificaram as ações dos moradores com o mar. Os detritos já não eram mais jogados ao mar indiscriminadamente e, aos poucos, até mesmo as construções passaram a refletir tais alterações: as varandas tinham agora a vista para o mar e não mais para a rua.

A preferência social e a valorização do mar refletiu também na escolha dos turistas: o espaço litorâneo começou a ser visto como a antítese do espaço cotidiano e, para o turista, estar na praia era a oportunidade de afastamento do cotidiano. Significava também a oportunidade de conviver com a natureza, levando uma vida longe das correrias do dia-a-dia, em uma praia que tinha uma imagem bucólica relacionada à pesca artesanal e de arrastão.

Viu-se durante o trabalho como se deu a instalação das segundas residências e como elas modificaram a configuração espacial do ambiente litorâneo, paralelamente ao movimento de afastamento das residências dos pescadores do mar em direção ao interior do município.

As atividades culturais do bairro ganharam destaque especial neste estudo por demonstrarem a riqueza da cultura local, que resiste ao tempo e às influências externas. Ainda assim, viu-se que estas manifestações culturais –

mesmo sendo amplamente conhecidas pelos moradores – são praticamente desconhecidas pelos veranistas. Ou elas não são devidamente divulgadas por parte do município ou há uma falta de interesse por parte dos veranistas em conhecê-las. Acredita-se que ambas opções aplicam-se ao caso da Armação.

As festas e demais atividades culturais não são aproveitadas como atrativos turísticos. A festa não precisa virar espetáculo – ela precisa ser divulgada, ter sua infra-estrutura preparada para receber o público, ter um trabalho de informação no qual se explicaria sua história, seu porquê e personagens, tudo isto em um trabalho sério que vise o aumento no número de turistas e maior geração de renda para a população local, cuidando sempre para não descaracterizar a festa, respeitando os foliões e suas decisões.

Até mesmo uma casa da cultura poderia ser criada para reunir e organizar informações sobre a história e a cultura de Penha, deixando estas informações disponíveis tanto para os turistas – que poderiam aí encontrar também as lembrancinhas de sua viagem –, como para os moradores – que poderiam conhecer mais sobre a sua própria história, valorizando ainda mais sua região.

Por parte dos veranistas, ainda que se fale que está se desenvolvendo um novo modelo de turista mais preocupado com a cultura dos lugares, isto não se aplica aos veranistas entrevistados para esta pesquisa. Todos têm casa há mais de dez anos em Armação do Itapocorói e nenhuma das festas locais é mais nova do que isto. Existe uma falta de interesse pelo tema. Os veranistas não relacionam Armação do Itapocorói à cultura. A praia é sinônimo de lazer, de descanso, não há a necessidade de agregar mais sentimentos a ela. A cultura, a história, as festas, as tradições ficam “de lado”, pois não são importantes. Importante é o ambiente conservado, acessos perfeitos, a praia limpa e o mar não poluído. A cultura local é desconhecida e por isto ignorada pelos veranistas.

Viu-se durante o trabalho que Penha se diferenciou das demais praias da região com a instalação do parque Beto Carrero World, no início dos anos 1990. A praia, até então conhecida somente pelos seus méritos naturais, passou a ter um atrativo turístico produzido e artificial. Tal atrativo, como que caído de pára-quedas, divulga sua localização e esquece-se do principal: localizar a cidade onde está instalado. Esquece?

Para os moradores, a indignação existe. O parque não relaciona sua imagem à Penha. Quem visita o parque muitas vezes não sabe que ele está a 500 metros da praia mais próxima. Perde o município, que deixa de hospedar o turista por mais dias, perde o turista, que deixa de conhecer a região.

Neste processo, a imagem do município se desgasta, se desconstrói: já não é mais relacionada a um ambiente litorâneo, é apenas “a cidade do Beto”. Às vezes nem isto. O não-lugar não se relaciona com o lugar, nem mesmo no seu croqui de localização.

De dentro dos automóveis e ônibus de turismo que atravessam a zona rural do município pela SC 414, diretamente para o estacionamento do parque, o visitante não tem a oportunidade de visualizar Penha, nem Armação do Itapocorói, nem o mar. Como ter contato com o lugar desta forma? E dentro do parque, qual a possibilidade de conhecer algo do município? Qual dos atrativos clonados mostra a cultura de Armação do Itapocorói, sua história, sua gente?

Mesmo com estes questionamentos há que se considerar que se trata de um parque temático, que trabalha com o imaginário e com a fantasia do visitante. Mas isto não impediria o parque de, pelo menos, citar Penha no seu croqui de localização. A fantasia também não acabaria se o visitante pudesse conhecer Penha dentro do parque. Uma das atrações poderia ser uma exposição permanente sobre o município, com fotos e maquetes que informassem sobre o lugar e sua história. Assim, o não-lugar se relacionaria com o lugar.

Como o turismo por si só não sustenta a economia local, a prefeitura, com o apoio de uma Universidade e da comunidade desenvolveu a criação de marisco. Solução para uns – com a criação de empregos e geração de renda –, problema para outros – com a poluição visual do mar, mau cheiro da água e poluição da areia.

Para o morador é mais uma forma de sustento que vem do mar. Para o veranista, uma atividade que cresceu mais do que ele esperava, que avança sobre seu campo de visão, atrapalhando a sua vista do “cenário do mar”.

Ainda assim, a fala dos veranistas entrevistados reflete o sentimento topofílico tanto quando se referem ao que sentem quando estão em Armação do Itapocorói, como quando justificam o porque de não alugarem a casa. Não a

alugariam por ser deles: o sentimento de posse enraizado no relacionamento com aquele segundo lar.

Já as falas dos moradores demonstram um relacionamento mais prático e, ao mesmo tempo, mais profundo com o ambiente. Para eles é necessário trabalhar e sustentar a família, mas também é importante conservar o ambiente. Por conta do trabalho muitas vezes não se pode aproveitar a praia e, por conta da necessidade de se sustentar, as atividades econômicas locais, como a maricultura, são plenamente apoiadas.

Diante destes fatos principais destacados, tem-se um panorama de diferentes relações: moradores e veranistas percebem, interpretam e agem de formas diferenciadas em relação ao ambiente.

Percebem: para o veranista a praia de Armação do Itapocorói é percebida como um espaço antítese do seu espaço cotidiano, ao mesmo tempo em que a considera seu segundo lar, também repleto de sentimentos e significados. Para o morador ela é percebida como o espaço de atuação habitual, repleto de informações, sentimentos e sentidos.

Interpretam: mesmo considerando a praia um lugar, para o veranista ela não deixa de ser interpretada como um cenário no qual se desenrolam suas férias e, sendo assim, este cenário tem que ser belo e não poluído. O morador interpreta a praia não apenas como bairro, casa e lar, mas também como fonte de sustento – relacionado ao mar – e de cultura – por meio das festas.

Agem: os veranistas têm ações contraditórias em relação ao ambiente; ao mesmo tempo em que se preocupam com a conservação ambiental, não tomam providências para solucionar os problemas apontados, não têm atitudes práticas para a alteração da situação. A culpa dos problemas – e as suas soluções – são deixadas a cargo da prefeitura e dos moradores. Não há comprometimento com a solução dos mesmos. Os moradores, por sua vez, não apontam tantos problemas – muitos já estão acomodados à situação e aceitam-na. Mas ainda assim, sentem que mudanças devem ocorrer para melhorar a praia para eles e para os turistas. Enquanto os veranistas são capazes de apontar todos os defeitos da praia e não se mobilizam para resolvê-los, os moradores não têm mais tanta sensibilidade para perceber estes pontos negativos e por isto não desenvolvem o desejo de alterar a situação.

Finalizando, acredita-se que da mesma forma que existe uma consciência ambiental, deverão desenvolver-se consciências cultural, social e comunitária, que farão ver aos veranistas e moradores que eles são grupos que compartilham um mesmo lugar, a praia de Armação do Itapocorói.

Conhecer a história e a cultura do outro contribuiria para um melhor relacionamento e, desenvolvendo os aspectos de comunidade, com os veranistas inseridos neste contexto, seria possível a união de forças em prol de um bem comum: cuidar de Armação do Itapocorói, que para todos eles é um *lugar*.

## REFERÊNCIAS

- A NOTÍCIA. Caderno Especial: AN TURISMO. **Brasil descobre os parques temáticos**. E3. Joinville, 6 de Abril de 2002.
- ALÉCIO, Fernando. **Entrevista com Gilberto Manzoni**: cultivo de mariscos. Revista da pesca, navegação e lazer. Itajaí: Ano 1. N<sup>o</sup> 3. Agosto de 2005.
- AMORIM Filho, Oswaldo Bueno. **O Contexto Teórico do Desenvolvimento dos Estudos Humanísticos e Perceptivos na Geografia**. In: AMORIM Filho, Oswaldo Bueno; CARTER, Harold e HOHLSDORF, Maria Elaine. **Percepção Ambiental**: contexto teórico e aplicações ao tema urbano. Universidade Federal de Minas Gerais. Departamento de Geografia. Belo Horizonte: 1987.
- \_\_\_\_\_. Filho, Oswaldo Bueno. **Topofilia, Topofobia e Topocídio em MG**. IN: OLIVEIRA, Livia de; Del Rio, Vicente. **Percepção Ambiental**: a experiência brasileira. São Carlos: Editora da UFSCar, 1996.
- \_\_\_\_\_. Filho, Oswaldo Bueno. **Os Estudos da Percepção como a Última Fronteira da Gestão Ambiental**. Disponível em: <http://sites.uol.com.br/ivairr/percepcaoambi.htm>. Publicado em: 01 fevereiro 2003.
- ANSARAH, Maria Gomes dos Reis. **Tempo livre e as atividades de lazer**. In: Turismo em análise. V.1, N.2. Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo. São Paulo: Editora da USP, 1990.
- AUGÉ, Marc. **Não Lugares**: Introdução ao uma Antropologia da Supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994.
- AVIGHI, Carlos Marcos. **Turismo, Globalização e Cultura**. in: LAGE, Beatriz Helena Gelas. MILONE, Paulo César (org). **Turismo: teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2000.
- BALANZÁ, Isabel Mílio e NADAL, Mônica Cabo. **Marketing e Comercialização de Produtos Turísticos**. São Paulo: Pioneira, Thomson Learning, 2003.
- BERSI, Pedro. **Franklin Bento**: Causos, Bruxas – Antigas e novas histórias. Itajaí: Ed. Berger, 2001.
- BETO CARRERO WORLD. Disponível em: [www.betocarrero.com.br](http://www.betocarrero.com.br). Acessado em: 24 outubro 2005.

BETO CARRERO WORLD. Disponível em: [www.betocarrero.com.br](http://www.betocarrero.com.br). Acessado em: 10 fevereiro 2006.

BUTTNER, Anne. **Apreendendo o Dinamismo do Mundo Vivido**. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio. (org.). **Perspectivas da Geografia**. Rio de Janeiro: Difel, 1985.

CAPEL, Horacio. **Percepción del Medio y Comportamiento Geográfico**. In: Revista de Geografia. Volumen VII, nºs. 1-2, enero-diciembre. Departamento de Geografia, Universidad de Barcelona. Barcelona: 1973.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Lugar no/do Mundo**. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

\_\_\_\_\_, Ana Fani Alessandri. **O turismo e a produção do não-lugar**. In: YAZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani; CRUZ, Rita de Cássia. (org.). **Turismo: Espaço, Paisagem e Cultura**. São Paulo: Hucitec, 1999.

CHRISTOFOLETTI, Antônio. **As Perspectivas dos Estudos Geográficos**. In: **Perspectivas da Geografia**. Rio de Janeiro: Difel, 1985.

CORDEIRO, Francisco dos Santos. **Percepção do meio ambiente em Armação**. Penha, 2006. Entrevista concedida a Mônica Krieger Goulart em 04 jan. 2006.

COUTINHO, Solange Fernandes Soares. **Influências do turismo de segunda residência na vida da população local**. O caso do município de Gravatá, Pernambuco. In: LIMA, Luiz Cruz (org.). **Da cidade ao campo: a diversidade do saber-fazer turístico**. Fortaleza: EUCE, 1998.

CRISPIM, Lizete de Oliveira. **O parque temático Beto Carrero World no contexto do turismo com base local**. In: CORIOLANO, Luzia Neide M.T. (org.). **Turismo com ética**. Fortaleza: UECE, 1998.

\_\_\_\_\_, Lizete de Oliveira. **Transformação sócio-espacial da Praia de Armação do Itapocorói, município de Penha (SC): da colônia de pescadores à implantação do Parque Beto Carrero World: um estudo de caso**. Dissertação de Conclusão do Curso de Mestrado em Turismo. UNIVALI – Universidade do Vale do Itajaí. Balneário Camboriú, 2000.

CRUZ, Rita de Cássia. **Política de turismo e território**. São Paulo: Editora Contexto, 2000.

EPAGRI – Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina S.A. Boletim com informações sobre a atividade de maricultura de Penha. Penha, dezembro 2002.

EPAGRI – Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina S.A. Fotos da maricultura em Penha, Penha, 2005.

ESQUELBEK, Fernanda. **Percepção do meio ambiente em Armação do Itapocorói**. Entrevista concedida a Mônica Krieger Goulart. Penha, 13 janeiro 2005. 1 fita cassete (30min).

ESQUELBEK, Mayra. **Percepção do meio ambiente em Armação do Itapocorói**. Entrevista concedida a Mônica Krieger Goulart. Penha, 27 janeiro 2005. 1 fita cassete (30min).

FARIA, Felipe. **Condição para banho piora em Santa Catarina**. Diário Catarinense: Geral, 29 janeiro de 2005.

FARIAS, Vilson Francisco de. **Dos Açores ao Brasil Meridional**. Florianópolis: Ed. do Autor, 2000.

FERREIRA, Sérgio Luiz. **O Banho de Mar na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Editora das Águas, 1998.

FERNÁNDEZ, Mercè Gili i. **Las Viviendas de Segunda Residencia. ¿Ocio o Negocio?** V Coloquio Internacional de Geocrítica. La vivienda y la construcción del espacio social de la ciudad. Barcelona, 26 a 30 maio 2003. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn/vmgili.htm>. Acesso em: 15 maio 2004.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Editora Bookman, 2004.

FREITAG, Lia. **Percepção do meio ambiente em Armação**. Penha, 2006. Entrevista concedida a Mônica Krieger Goulart em 04 jan. 2006.

FREITAG, Liese Notting. **Percepção do meio ambiente em Armação**. Penha, 2006. Entrevista concedida a Mônica Krieger Goulart em 04 jan. 2006.

GOULART, Maria do Carmo Ramos Krieger. **Rosário, Moçambique, Natal dos Pretos: Tem Festa na Penha!** Florianópolis: Edição da Autora, 1990.

GOULART, Mônica Krieger. **Estudo de impactos socioculturais de um parque temático em Penha, Santa Catarina**. Monografia de conclusão do Curso de Bacharel em Turismo. Universidade Tuiuti do Paraná. Curitiba, 2002.

\_\_\_\_\_, Mônica Krieger. **Festa do Mastro de São Sebastião**. Jornal da Diocese de Blumenau, Março de 2004.



- HOLZER, Werther. **A Geografia Humanista** – Sua trajetória de 1950 a 1990. Dissertação de Conclusão de Curso de Mestrado em Geografia. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1992.
- IBGE. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 07 setembro 2005.
- IDATI, Raquel Idolani. **Percepção do meio ambiente em Armação do Itapocorói**. Entrevista concedida a Mônica Krieger Goulart. Penha, 13 jan. 2005. 1 fita cassete (30min).
- JENKINS, Carson L.; LICKORISH, Leonard J. **Una intruducción al turismo**. Madrid: Editorial Síntesis, 1997.
- JORNAL DO COMÉRCIO. **Cerimônia**: Inaugurado dia 6 novo acesso a Penha. Geral, p.17. Penha, 10 abril 2004.
- KNAFOU, Remy. **Turismo e território**: Por uma abordagem científica do turismo. In: RODRIGUES, Adyr A. B. (org.). **Turismo e geografia**: reflexões teóricas e enfoques regionais. São Paulo: Editora Hucitec, 2001.
- KONDER, Gustavo. **Praia de Armação**. Blumenau em Cadernos.Blumenau: Tomo III, agosto 1970.
- KOZEL TEIXEIRA, Salete. **Das imagens às linguagens do geográfico**: Curitiba a capital ecológica. 2001. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de São Paulo, USP, Orientador: Maria Elena Ramos Simielli.
- KRIEGER, Maria do Carmo. **Nosso boi está nas ruas**: histórico do Grupo de Boi de Mamão Mirim da Escola de Educação Básica Manoel Henrique de Assis. Penha: Ed. da Autora, 2003a.
- \_\_\_\_\_, Maria do Carmo. **Penha, SC**: O Relicário do Divino. Monografia de conclusão de curso de Especialização em Metodologia de Ensino Básico. Univel, Cascavel, 2003b.
- KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo**. São Paulo: ALEPH, 2000.
- KRÜGER, Caio. **Percepção do meio ambiente em Armação do Itapocorói**. Entrevista concedida a Mônica Krieger Goulart. Penha, 29 dez. 2004. 1 fita cassete (30min).
- KRÜGER, Daisy Kruger. **Percepção do meio ambiente em Armação do Itapocorói**. Entrevista concedida a Mônica Krieger Goulart. Penha, 29 dez. 2004. 1 fita cassete (30min).

KRÜGER, Ubiratã. **Percepção do meio ambiente em Armação do Itapocorói**. Entrevista concedida a Mônica Krieger Goulart. Penha, 29 dez. 2004. 1 fita cassete (30min).

LAVINA, Rodrigo. **Indígenas em Santa Catarina**: história de povos invisíveis. In: BRANCHER, Ana (Org.). **História de Santa Catarina**: estudos contemporâneos. Florianópolis: Editora Obra Jurídica, 1999.

LEI Nº1.658/99. Prefeitura Municipal de Penha. Estado de Santa Catarina. 6 julho 1999.

LEITE, Maria Rita. **Percepção do meio ambiente em Armação do Itapocorói**. Entrevista concedida a Mônica Krieger Goulart. Penha, 15 jan. 2005. 1 fita cassete (30min).

LOWENTHAL, David. **Geografia, experiência e imaginação**: Em direção a uma epistemologia geográfica. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio. (org.). **Perspectivas da Geografia**. Rio de Janeiro: Difel, 1985.

MACHADO, Lucy Marion C.P. **Paisagem Valorizada**: a Serra do Mar como Espaço e como Lugar. IN: OLIVEIRA, Livia de; Del Rio, Vicente. **Percepção Ambiental**: a experiência brasileira. São Carlos: Editora da UFSCar, 1996.

MAPA REGIÃO SUL do Brasil, ITAJAÍ, SC - Escala 1:50 000. Ministério da Economia, Fazenda e Planejamento, IBGE, 1991.

MELLO, João Baptista Ferreira de. **Geografia Humanística**: a perspectiva da experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo. In: Revista Brasileira de Geografia. nº. 52, out/dez. Rio de Janeiro: 1990.

\_\_\_\_\_, João Baptista Ferreira de. **Espaços da Escuridão e Lugares de Luminosidade na Perspectiva Humanística em Geografia**. Disponível em: [http://www.igeo.uerj.br/VICBG-2004/Eixo3/E3\\_048.htm](http://www.igeo.uerj.br/VICBG-2004/Eixo3/E3_048.htm). Acesso em: 20 setembro 2005.

MOESCH, Marutschka Martini . **Turismo e lazer**: conteúdos de uma única questão. In: Nelson Carvalho Marcelino. (Org.). **Formação e desenvolvimento de pessoal em lazer e esportes**. Campinas: 2003, v. 1, p. 19-30.

MOSIMANN, João Carlos. **Ilha de Santa Catarina, 1777-1778**: A invasão espanhola. Florianópolis: Edição do Autor, 2003.

NETO, Ernesto Brand. **O Turismo de Segunda Casa**. Disponível em: [www.estudosturisticos.com.br/](http://www.estudosturisticos.com.br/). Publicado em 14 março 2004. Acesso em: 18 março 2004.

OMT. **Reunión de líderes del turismo mundial sobre los efectos sociales del turismo.** Manila, Filipinas, 22 maio 1997. Madrid: Organización Mundial del Turismo, 1997.

PAIVA, Solange. **Percepção do meio ambiente em Armação do Itapocorói.** Entrevista concedida a Mônica Krieger Goulart. Penha, 8 jan. 2005. 1 fita cassete (30min).

PENHA. **Pesquisa Mercadológica sobre o Estudo da Demanda Turística de 2005.** Penha: Secretaria de Estado de Cultura, Turismo e Esporte de Santa Catarina, 2005.

PENHA / EPAGRI. **Plano Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável: 2005/2008.** Penha: Epagri e Prefeitura Municipal de Penha, 2005.

PEREIRA, Nereu do Vale. Contributo açoriano para a construção do mosaico cultural catarinense. Florianópolis: Papa-Livro, 2003.

PETRELLI, Rodolfo. **Fenomenologia:** teoria, método e prática. Goiânia: Editora da UCG, 2004.

PORTUGUEZ, Anderson P. **Consumo e espaço: turismo, lazer e outros temas.** São Paulo: Roca, 2001.

PRATES, Arlene M. Maykot (org.) **Geografia Física de Santa Catarina.** Florianópolis: Editora Lunardeli, 1989

RADAELLI, Ivo Seno. **Maricultura em Penha.** Entrevista concedida a Mônica Krieger Goulart. Penha, 22 setembro 2005. 1 fita cassete (20min).

LEITE, Maria Rita. **Percepção do meio ambiente em Armação do Itapocorói.** Entrevista concedida a Mônica Krieger Goulart. Penha, 15 jan. 2005. 1 fita cassete (30min).

RODRIGUES, Arlete Moysés. **Desenvolvimento sustentável e atividade turística.** In: **Turismo e desenvolvimento local.** São Paulo: HUCITEC, 1997.

SALOMÃO, Marcelo. **Parques de diversões no Brasil:** indústria do entretenimento, lazer e negócios. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2000.

SANTOS, Silvio Coelho dos. **Índios e brancos no Sul do Brasil:** a dramática experiência dos Xokleng. Florianópolis: Edeme, 1973.

SANTUR. Disponível em [www.santur.com.br](http://www.santur.com.br). Acessado em 30 set. 2005.

SCHEIDDER, Hilário. **Percepção do meio ambiente em Armação do Itapocorói.** Entrevista concedida a Mônica Krieger Goulart. Penha, 15 jan. 2005. 1 fita cassete (30min).

SERPA Filho, Gentil Abílio. Estudo de Impactos Sociais e Culturais em Penha, SC. Entrevista concedida a Mônica Krieger Goulart. Março, 2002. In: GOULART, Mônica Krieger. Estudo de impactos socioculturais de um parque temático em Penha, Santa Catarina. Monografia de conclusão do Curso de Bacharel em Turismo. Universidade Tuiuti do Paraná. Curitiba, 2002.

SERPA, Ângelo. **Clonagem de paisagens:** como alguns projetos de intervenção transformam as paisagens urbanas em não-lugares. Paisagem e Ambiente - Ensaios, São Paulo-SP, FAUUSP, v. 12, 1999.

SERRICCHIO, Fabiana. **Percepção do meio ambiente em Armação.** Penha, 2006. Entrevista concedida a Mônica Krieger Goulart em 12 jan. 2006.

SILVA, José Ferreira da. **História do município de Penha.** Curitiba: Gráfica e Editora "A Imprensa", 1971.

SILVA, Renato Amorim. **Percepção do meio ambiente em Armação do Itapocorói.** Entrevista concedida a Mônica Krieger Goulart. Penha, 13 jan. 2005. 1 fita cassete (30min).

\_\_\_\_\_, Renato Amorim. **Dados da Associação de Hotéis, Pousadas e Restaurantes de Penha.** Penha, 2005.

SILVEIRA, Janete Jane Cardozo da. **Em busca da identidade perdida:** subsídios para uma política integrada de comunicação em turismo cultural nos municípios de Piçarras e Penha. Dissertação de Conclusão do Curso de Mestrado em Turismo. UNIVALI – Universidade do Vale do Itajaí. Balneário Camboriú, 2002.

SOUZA, Cláudio Bersi de e SERPA Filho, Gentil Abílio. **Penha:** A historia para todos. Florianópolis: Editora Paralelo 27, 1995.

SOUZA, Cláudio Bersi de. **Penha em nova era e sua história fundamental.** Itajaí: Editora e Gráfica Berger, 2003a.

SOUZA, Cláudio Bersi de. **Percepção do meio ambiente em Armação do Itapocorói.** Entrevista concedida a Mônica Krieger Goulart. Penha, 18 jan. 2005a. 1 fita cassete (30min).

SOUZA, Adriano de. **Penha Ganha título de Capital Catarinense do Turismo Temático.** Página Popular. Caderno Geral, p.4. Penha, 19 de dezembro 2003b.

SOUZA, Ana Leonor de. **Percepção do meio ambiente em Armação do Itapocorói.** Entrevista concedida a Mônica Krieger Goulart. Penha, 8 jan. 2005b. 1 fita cassete (30min).

SOUZA, Lucia da Costa. **Percepção do meio ambiente em Armação do Itapocorói**. Entrevista concedida a Mônica Krieger Goulart. Penha, 27 jan. 2005c. 1 fita cassete (30min).

SWARBROOKE, John. **Turismo sustentável: setor público e cenários geográficos**. São Paulo: Editora ALEPH, 2000.

TASCHNER, Gisela B. **Lazer, cultura e turismo**. Revista ERA v.40, n.4. São Paulo, Out. Dez, 2000.

THUM, Nicole. **Percepção do meio ambiente em Armação**. Penha, 2006. Entrevista concedida a Mônica Krieger Goulart em 04 jan. 2006. 1 fita cassete (30min).

TRIBUNA CATARINENSE. **Incêndio em Penha foi criminoso**. Edição nº 753 de 14 março de 2005. Polícia. Disponível em: [http://www.jornaltribuna.com.br/policial.php?id\\_materia=2628](http://www.jornaltribuna.com.br/policial.php?id_materia=2628). Acessado em 10 janeiro 2006.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.

\_\_\_\_\_, Yi-Fu. **Espaço e lugar**. São Paulo: Difel, 1983.

\_\_\_\_\_, Yu-Fu. **Geografia Humanística**. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio. (org.). **Perspectivas da Geografia**. Rio de Janeiro: Difel, 1985.

TULIK, Olga. **O espaço rural aberto à segunda residência**. In: LIMA, Luiz Cruz (org.). **Da cidade ao campo: a diversidade do saber-fazer turístico**. Fortaleza: EUCE, 1998.

\_\_\_\_\_, Olga. **Residências secundárias no Estado de São Paulo – Identificação de Centros Emissores de Demanda**. In: LAGE, Beatriz e MILONE, Paulo (orgs). **Turismo: teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2000.

URRY, John. **O Olhar do Turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: Editora Studio Nobel, 1996.

VAZ, Gil Nuno. **Marketing Turístico: receptivo e emissivo: um roteiro estratégico para projetos mercadológicos públicos e privados**. São Paulo: Pioneira, 1999.

WAGNER, Philip L; MIKESELL, Marvin W. **Os Temas da Geografia Cultural**. In: CORREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Org). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

XAVIER, Herbe. **Contribuição de Livia de Oliveira para a percepção geográfica do turismo.** In: Anais do Simpósio Nacional sobre Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente. Universidade Estadual de Londrina. Departamento de Geociências. Meio Digital. Londrina: 2005.

## REFERÊNCIAS CONSULTADAS

- A BALEIA. Disponível em: [http://www.baleiafranca.org.br/o\\_projeto.html](http://www.baleiafranca.org.br/o_projeto.html). Acesso em: 20 julho 2004.
- ALTHOFF, Fátima Regina. **Aspectos urbano-arquitetônicos dos principais núcleos luso-brasileiros do litoral catarinense**. Disponível em: [http://www.nea.ufsc.br/artigos\\_fatima.php](http://www.nea.ufsc.br/artigos_fatima.php). Acesso em: 22 setembro 2004.
- BARRETO, Margarita. **Manual de Iniciação ao Estudo do Turismo**. Campinas: Papirus, 2001.
- BARROSO, Gustavo. **Segredos e revelações da história do Brasil**. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1958.
- BASTIDE, Roger. **Brasil, terra de contrastes**. São Paulo: Difel, 1976.
- BOITEUX, Lucas Alexandre. **Pequena história de Santa Catharina**. Florianópolis: 1919.
- BRASIL descobre os parques temáticos. Jornal A Notícia. AN Turismo, E3. Joinville, 6 abril 2002.
- BRUNO, Ernani Silva. **História do Brasil**. São Paulo: Editora Cultrix, 1967.
- CABRAL, Oswaldo R. **História de Santa Catarina**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1968.
- CAÇA às baleias. Disponível em: [http://www.projetoatlantis.com.br.caca\\_as\\_baleias.html](http://www.projetoatlantis.com.br.caca_as_baleias.html). Acesso em: 16 setembro 2004.
- CALDEIRA, Jorge et al. **Viagem pela história do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- CALÓGERAS, J. Pandiá. **Formação histórica do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966.
- CARUSO, Mariléa M. Leal. **Índios, baleeiros e imigrantes: a aventura histórica catarinense**. Tubarão: Ed. Unisul, 2000.
- CASTELLI, Geraldo. **Turismo: atividade marcante do século XX**. Caxias do Sul: EDUNI-SUL, 1986.
- CLARKE, Robert. **Baleação em botes de boca aberta nos Mares do Açores: história e métodos actuais de uma indústria-reliquia**. Ponta Delgada, Açores: Nova Gráfica Ltda., 2001.
- CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.

- COELHO, José Augusto Bittencourt. **Os Açores**. Lisboa: Sociedade Industrial Gráfica Talles da Silva, 1974.
- COOPERATIVA litorânea de reciclagem e beneficiamento. Jornal O Progresso, p.7. Penha, 18 março 2004.
- DEL RIO, Vicente. **Cidade da Mente, Cidade Real**. IN: OLIVEIRA, Livia de; Del Rio, Vicente. **Percepção Ambiental: a experiência brasileira**. São Carlos: Editora da UFSCar, 1996.
- DE MASI, Domenico. **O ócio criativo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.
- DEMARQUET, Silvia. **A terra indígena no Brasil**. Coleção Cocar – Vol I. Brasília: Ministério do Interior, Funai, 1988.
- DEMANGEON, Albert. **Uma Definição da Geografia Humana**. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio. (org.). **Perspectivas da Geografia**. Rio de Janeiro: Difel, 1985.
- DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. São Paulo: Editora Futura, 1998.
- DIRKSEN, Valberto. **Presença e missão Denhoniana no Sul do Brasil (1903 – 1913): os pioneiros**. Florianópolis: Lagoa Editora, 2004.
- DREW, David. **Processos interativos homem-meio ambiente**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.
- ESPÉCIES em risco: baleia franca. Disponível em: <http://www.ecosolidariedade.com.br/por/franca.htm>. Acesso em: 20 julho 2004.
- EVANGELISTA, Helio de Araújo. **Geografias moderna e pós-moderna: os debates recentes**. Disponível em: <http://www.feth.ggf.br/POSMODERNO.htm>. Acesso em: 14 setembro 2005.
- FARIAS, Vilson Francisco de. **O povoamento e a cultura de base açoriana no litoral de Santa Catarina**. Palestra ministrada na 5ª Semana de Estudos Açorianos. NEA / UFSC. Florianópolis, UFSC, 02 dezembro 2004.
- FERRARA, Lucrécia D'Alessio. **As Cidades Ilegíveis: percepção ambiental e cidadania**. IN: OLIVEIRA, Livia de; Del Rio, Vicente. **Percepção Ambiental: a experiência brasileira**. São Carlos: Editora da UFSCar, 1996.
- \_\_\_\_\_, Lucrécia D'Alessio. **O Turismo dos Deslocamentos Virtuais**. In: Yazigi, Eduardo; CARLOS, Ana Fani e CRUZ, Rita de Cássia. (Orgs). **Turismo: Espaço, Paisagem e Cultura**. São Paulo: Editora Hucitec, 1999.



- FRANZEN, Beatriz Vasconcelos. **As primeiras expedições jesuíticas portuguesas no litoral de Santa Catarina – Séc. XVII (1605 – 1640)**. In: Anais do Congresso de História e Geografia de Santa Catarina 4 a 7 de setembro de 1996. Florianópolis: CAPES / MEC, 1997.
- FREITAS, Aiana. **Ainda dá tempo de admirar baleias**. Jornal A Notícia. AN Turismo, E4. Joinville: 23 setembro 2002.
- FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.
- GONÇALVES, Teresinha Maria. **O processo de apropriação do espaço através dos modos de morar e habitar o lugar** (uma abordagem psico-sócio-ambiental do Bairro Renascer/mina Quatro de criciúma-SC. 2002. Tese (Doutorado em Curso de Doutorado Em Meio Ambiente e Desenvolvimento) - Universidade Federal do Paraná.
- GOVERNO do Estado de Santa Catarina. Disponível em: <http://www.sc.gov.br/municipios/framesetmunicipios.htm>. Acesso em: 15 outubro 2003.
- HOUAISS, Antônio. **Pequeno dicionário enciclopédico Koogan Larousse**. Rio de Janeiro: Editora Larousse do Brasil, 1979.
- IBAMA concede licença a maricultores. Disponível em: <http://www.epagri.rct-sc.br/>. Acesso em: 12 julho 2004.
- IBF: Instituto Baleia Franca. Material Informativo, 2004.
- IGREJAS de pretos e pardos. Curitiba: CineBrasilTV, Programa de TV. 30 setembro 2004.
- JORNAL DO COMÉRCIO. **Gerenciamento costeiro é tema de audiência pública**. Recursos Naturais, p.3. Piçarras: 03 abril 2004.
- JORNAL O PROGRESSO. **Informativo da Câmara Municipal de Vereadores de Penha**, 26 fevereiro 2004., p.14. Penha: 18 março 2004.
- JORNAL VISÃO. **Penha recebe título de capital estadual do marisco**. Política, p.7. Penha: 29 novembro 2005.
- KASHIWAGI, Helena Midori. **O processo de percepção e apropriação do espaço nas comunidades marginais urbanas: o caso da favela Parolin em Curitiba-PR**. 2004. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Paraná, Orientador: Salete Kozel Teixeira.

- KLEIN, Antonio H.F.; et.al. O litoral de Santa Catarina e a ocupação desordenada de **suas praias**. Disponível em: [www.gci.cttmar.univali.br/02-litoral\\_sc\\_ocup\\_desor\\_praias.pdf](http://www.gci.cttmar.univali.br/02-litoral_sc_ocup_desor_praias.pdf). Acesso em: 15 outubro 2003.
- KLUEGER, Urda Alice. **As armações de baleia**. Diário Catarinense, Variedades, p.8. Florianópolis: 17 maio 2004.
- KOZEL, Salete. **As representações no geográfico**. In: MENDONÇA, Francisco e KOZEL, Salete. (Org.). **Elementos de Epistemologia da Geografia contemporânea**. 20 ed. Curitiba, 2002, v. 1, p. 215-232.
- KRIPPENDORF, Jost e HORNER, Susan. **O comportamento do consumidor no turismo**. São Paulo: ALEPH, 2002.
- LAGO, Paulo Fernando. **Santa Catarina: a terra, o homem, a economia**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1968.
- LEITE, Ilka Boaventura. **Descendentes de africanos em Santa Catarina: invisibilidade histórica e segregação**. In: LEITE, Ilka Boaventura (Org). **Negros no Sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996.
- LUNA, Gloria Alejandra Guarnizo. **Memórias sobre a caça da baleia em Barra Velha, Santa Catarina, Brasil** – Contribuições para a construção de uma história para o município. Revista Alcance. Universidade do Vale do Itajaí. Itajaí: UNIVALI, ano VIII, n.6, nov. 2001.
- LUZ, Aujor Ávila da. **Santa Catarina, quatro séculos de história**. Florianópolis: Insular, 2000.
- MAMIGONIAN, Armen. **As conquistas marítimas portuguesas e a incorporação do litoral de Santa Catarina**. Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br/docs/indoc/cehib/armen.html>. Acesso em: 23 setembro 2004.
- MAPA BASE para fins de cadastramento – Escala 1:10 000. Prefeitura Municipal de Penha, Período junho 1994 a fevereiro 1995.
- MARCON, Rodrigo. **Povoadores da fronteira: os casais açorianos rumo ao Sul do Brasil**. In: UNIPLAC – Revista de Divulgação Científica Cultural. v. 4, nº 1 e 2 – 2001 – Ed. Especial – Lages: UNIPLAC, 2002.
- MENESES, Avelino. **Os Açores na construção do Brasil: o caso da colonização de Santa Catarina em meados do século XVIII**. Palestra ministrada

na 5ª Semana de Estudos Açorianos. NEA / UFSC. Florianópolis, UFSC: 03 dezembro 2004.

MINISTÉRIO da Saúde. Caderno de Informações de Saúde. Disponível em: <http://portalweb02.saude.gov.br/saude/aplicacoes/tabfusion.cfm>. Acesso em: 29 julho 2003.

MORAN, Emilio F. **A ecologia humana das populações da Amazônia**. Petrópolis: Editora Vozes, 1990.

OLIVEIRA, Livia. **Um lugar para viver, um lugar para visitar**: preferências de estudantes rioclareses. IN: Boletim de Geografia Teorética. Vol 21, nº 41. Rio Claro: AGETEO, 1991.

PARKER, Stanley. **A sociologia do lazer**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PELLEGRINI FILHO, Américo. **Ecologia, cultura e turismo**. Campinas: Papirus, 1993.

PENNA, Antonio Gomes. **Percepção e realidade**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1993.

PEREIRA, Mário. **A construção histórica da identidade catarinense**. Diário Catarinense, Cultura, p.7. Florianópolis: 25 novembro 2003.

PEREIRA, Marilúcia. **Fiscais apreendem mais de oito toneladas de sementes**. Jornal do Comércio. Caderno Economia, p.5. Piçarras: 12 junho 2004.

PIAZZA, Walter F. **A epopéia Açórico-Madeirense, 1747-1756**. Florianópolis: Editora da UFSC, Editora Lunardelli, 1992.

PIRES, Antonio Machado. **Traços da identidade do povo açoriano**. Palestra ministrada na 5ª Semana de Estudos Açorianos. NEA / UFSC. Florianópolis, UFSC: 29 novembro 2004.

RÉGNIER, Erna Martha. **Educação ambiental: ponte para o amanhã**. Boletim técnico do SENAC, v.22, n.3, set/dez., 1996.

RIBAS Junior, Salomão. **Retratos de Santa Catarina**. Florianópolis: Edição do Autor, 1998.

RUGENDAS, Johan Moritz. **Viagem pitoresca através do Brasil**. São Paulo: Círculo do Livro, 1940.

SACHET, Celestino ; SACHET, Sérgio. **Santa Catarina : cem anos de história**. Florianópolis : Século Catarinense, 1997.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem a Curitiba e Província de Santa Catarina**. São Paulo: Editora Itatiaia, 1978.

SANTOS, Silvio Coelho dos. **Índios e brancos no Sul do Brasil**: a dramática experiência dos Xokleng. Florianópolis: Edeme, 1973.

SANTOS, Sarita. **Querida Armação de Itapocorói**: originais de Picucho Santos. Blumenau: Editora e Gráfica Odorizzi, 1999.

SEBASTIÃO, Rafael Sizimo. **O rosto afro da Penha**. Itajaí: Edição do Autor, 2000.

SERPA Filho, Gentil Abílio. **Penha**: nossa história... aspectos econômicos, turísticos, culturais, religiosos, políticos e folclóricos. Penha: Prefeitura Municipal, 1993.

SILVA, José Bento Rosa da. **Negras memórias**. Itajaí: Edição da Prefeitura Municipal de Itajaí, 1996.

SILVA, Zedar Perfeito. **O Vale do Itajaí**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 1954.

SILVEIRA, Janete Jane Cardozo da. **Em busca da identidade perdida**: subsídios para uma política integrada de comunicação em turismo cultural nos municípios de Piçarras e Penha. Dissertação de Conclusão do Curso de Mestrado em Turismo. UNIVALI – Universidade do Vale do Itajaí. Balneário Camboriú, 2002.

SWARBROOKE, John. **Turismo Sustentável**: meio ambiente e economia. São Paulo: Editora ALEPH, 2000.

VICENTE, Ana Tereza Tessari. **Tramas de uma complexa relação**: a comunidade de Penha – SC e o Parque Beto Carrero World – impactos econômicos e sócio-culturais. Dissertação de Conclusão do Curso de Mestrado em Turismo. UNIVALI – Universidade do Vale do Itajaí. Balneário Camboriú, 2002.

## ANEXOS

### INSTRUMENTOS DE PESQUISA:

#### ROTEIRO DAS ENTREVISTAS – QUESTÕES PARA O GRUPO DOS VERANISTAS

1. Nome
2. Nascimento
3. Profissão
4. Cidade
5. Há quanto tempo freqüenta a Armação?
6. A casa é alugada / própria / amigos?
7. Considera a possibilidade de alugar a casa? Por qual razão?
8. Quantas vezes vem por ano?
9. Vai à praia? De manhã / tarde? Entra no mar?
10. Indica a praia para amigos?
11. Mudaria de praia? Por qual razão?
12. O que pode melhorar?
13. Que alterações notou na Armação nos últimos anos / boas / ruins?
14. O que falta de infra-estrutura?
15. O que conhece do passado da Armação?
16. O que conhece da cultura local? Que festas conhece / freqüenta?  
De que se trata?
17. Qual o lugar que mais gosta aqui em Penha? Por que?
18. Como descreve esta paisagem de Armação?
19. O que sente neste lugar, Armação?
20. Relacione uma palavra com visão / olfato / tato
21. Em uma palavra / frase dizer o que é Armação para você
22. O que pensa do futuro da Armação?

## ROTEIRO DAS ENTREVISTAS – QUESTÕES PARA O GRUPO DOS MORADORES

1. Nome
2. Nascimento
3. Profissão
4. Cidade
5. Há quanto tempo mora em Armação?
6. Onde passa as férias?
7. Vai à praia durante o ano?
8. O que pensa da praia / poluída / limpa?
9. Vai à praia? De manhã / tarde? Entra no mar?
10. *Indica a praia para amigos?*
11. *Mudaria de praia? Por qual razão?*
12. O que pode melhorar?
13. Que alterações notou na Armação nos últimos anos / boas / ruins?
14. O que falta de infra-estrutura?
15. O que conhece do passado da Armação?
16. O que conhece da cultura local? Que festas conhece / frequenta? De que se trata?
17. Qual o lugar que mais gosta aqui em Penha? Por que?
18. Como descreve esta paisagem de Armação?
19. O que sente neste lugar, Armação?
20. Relacione uma palavra com visão / olfato / tato
21. Em uma palavra / frase dizer o que é Armação para você
22. O que pensa do futuro da Armação?